

ADRIANO DA ROSA SMANIOTTO

**UMA POSSÍVEL CARTOGRAFIA POÉTICA: ALGUNS “TERRITÓRIOS” DA
POESIA NAS ANTOLOGIAS DO CONCURSO ESTADUAL HELENA
KOLODY (1990-1995)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado

**CURITIBA
2012**

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Smaniotto, Adriano da Rosa

Uma possível cartografia poética: alguns “territórios” da poesia nas antologias do concurso estadual Helena Kolody (1990-1995) / Adriano da Rosa Smaniotto. – Curitiba, 2012. 155 f.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Poesia paranaense. 2. Poesia homoerótica. 3. Poesia visual. I. Título.

CDD B869.1

Aos poetas e à poesia.

Agradeço a Deus, pela vida e conhecimento.
Ao professor Rodrigo Machado, pela orientação, apoio, confiança e amizade.
Aos amigos, pelas ações e palavras.
Aos meus pais pelo amor, carinho e dedicação.
A todos, que de alguma forma também desejaram que este dia chegasse.

A quem me queima
e, queimando, reina,
valha esta teima.
Um dia, melhor me queira.

Paulo Leminski

RESUMO

Esta dissertação intenta analisar a poesia paranaense presente nas *Antologias* publicadas por ocasião da realização do Concurso Helena Kolody, entre os anos de 1990 e 1995. Para realizar a análise, primeiro foram percebidos os tipos de poesia em cada *Antologia*, para depois serem demarcados “territórios” comuns ou próximos, compondo uma cartografia poética.

Para suplantar a análise foram necessárias concepções teóricas sobre a poesia de 1990, em especial as abordagens dos professores Benedito Nunes e Heloísa Buarque de Hollanda, além de Michael Hamburger, Alfonso Berardinelli, Gaston Bachelard e Pierre Bourdieu.

Após serem observadas quais linhas de composição tinham prioridade em cada *Antologia*, além da particularidade de cada Concurso, intentou-se estabelecer uma comparação com autores que publicaram em outras regiões no mesmo período para que se pudessem perceber parâmetros comuns. Outra reflexão, surgida com a análise, foi a percepção da importância do Concurso como incentivador e também regulador da prática poética no Estado. Nesse sentido, foram analisados quatro autores que estiveram presentes nas *Antologias* e continuaram publicando na década seguinte.

Apesar da dificuldade de demarcarem-se “territórios” fixos, percebe-se que há algumas linhas de contorno mais visíveis como a poesia visual, a epigramática, a poesia do fragmento, a poesia homoerótica, a poesia neorretórica e a metapoesia. Também se notam alguns “territórios” mistos, mas com menor frequência.

Estas reflexões permitiram perceber o quanto a poesia feita em Curitiba – ao menos a presente nas *Antologias* – está próxima da poesia dos anos 1990 e o quanto o Concurso, neste sentido, colaborou para que tal prática ocorresse, pois ajudou a medir e a difundir a prática poética.

Palavras-chave: Poesia paranaense. Década de 1990. Concurso Helena Kolody. Cartografia poética.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the paranaense poetry present in *Anthologies* (Antologias), published on the occasion of the Contest of Poetry Helena Kolody, from 1990 to 1995. To perform the analysis, we first found the types of poetry in each *Anthology* and later we defined “common or closer territories” and so we arranged a poetic cartography.

To supersede the analysis, it was necessary some theoretical conceptions on the 90's poetry, specially the approaches of professors Benedito Nunes and Heloísa Buarque de Hollanda, beyond Michael Hamburguer, Alfonso Berardinelli, Gaston Bachelard and Pierre Bourdieu.

After checking which lines of composition had priority in each *Anthology*, besides the particularities of each Contest, we tried to establish a comparison with authors who have published in other regions during the same period to discern common parameters. Another consideration that has arisen with the analysis was the perception of the importance of the Contest as a stimulator and also a regulator of the poetry practice in the State. Accordingly, we analyzed four authors who were present in the Anthologies and who kept publishing during the following decade.

In spite of the difficulties of defining the “territories”, it is noticeable that there are some outlines which are more visible, such as the visual poetry, the epigrammatic, the fragment poetry, the homo poetry, the new rhetoric poetry and the metapoetry.

It is also possible to observe some mixed “territories”, but with lower frequency. These reflections permitted us to notice how much the 90's poetry from Curitiba – at least the one present in the Anthologies – is close of the 90's poetry and how much the Contest, in this sense, has collaborated for the occurrence of such practice, since it has helped to measure and to diffuse the poetry practice.

Key words: paranaense poetry, 1990 decade, Helena Kolody Contest, poetic cartography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	12
2.1 A POESIA NO PARANÁ – BREVE HISTÓRICO	20
2.2 OS ANOS 1990	27
2.3 PRINCIPAIS AUTORES	29
2.3.1 Josely Viana Baptista	31
2.3.2 Batista de Pilar	34
2.3.3 Marcos Prado	38
2.3.4 O grupo Oss	42
2.3.4.1 Um Fausto: livre adaptação de Goethe.....	43
2.3.5 Wilson Bueno	45
3 O CONCURSO HELENA KOLODY	49
3.1 II CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY	61
3.2 III CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY	68
3.3 IV CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY.....	75
3.4 V CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY.....	84
3.5 VI CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY.....	92
4 A POESIA DO CONCURSO À LUZ DA POESIA E DA CRÍTICA NACIONAIS	101
4.1 BREVE COTEJO ENTRE A LITERATURA PARANAENSE E A NACIONAL	104
5 EXEMPLOS DA INFLUÊNCIA DO CONCURSO	110
5.1 ROLLO DE RESENDE	112
5.2 NIVALDO LOPES	117
5.3 MÁRCIO CLAUDINO	120
5.4 PATRÍCIA CLAUDINO	123
6 CARTOGRAFIA POÉTICA	127
6.1 POSSÍVEIS TERRITÓRIOS	128
6.2 TERRITÓRIOS MISTOS	139
6.3 MAPEAMENTO POÉTICO	142
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151
APÊNDICE	155

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado centra-se na investigação das *Antologias de Poetas Contemporâneos do Paraná*, que são publicações surgidas como parte da premiação proposta por ocasião da realização do Concurso Estadual de Poesia Helena Kolody, entre 1990 e 1995.

Antologia quer dizer “coleção (de textos, músicas etc.)”¹. É comum autores consagrados realizarem depois de uma longa carreira suas antologias pessoais. Há casos em que várias antologias de um mesmo autor são publicadas por diferentes editoras e recortes. Em termos de Antologias de década também é comum a escolha de poemas e autores que representem certas tendências afins. No caso dos concursos de Poesia, é frequente a publicação dos classificados neste formato, como se fosse um panorama do que de melhor foi enviado para a comissão julgadora.

No caso do Concurso Helena Kolody, as *Antologias* foram publicadas em formato de livro para fins de premiação e divulgação dos poemas dos autores selecionados no Concurso, o qual funcionou como regulador e legitimador da prática poética no Estado, ao longo da década de 1990. Ter o poema selecionado pelo Concurso Helena Kolody foi para muitos autores a oportunidade de conseguir alguma forma de reconhecimento literário, além de outros préstimos, como respeito e orgulho. Mesmo, atualmente, em que sua realização se dá em âmbito nacional, há comentários entre a classe artística local sobre o “ganhador” do prêmio Kolody.

Analisar as tendências e concepções de poesia presentes nestas *Antologias* é o objetivo maior desta dissertação a fim de que se possa ver em que medida os poemas selecionados expressam as características demarcatórias sugeridas pelos intelectuais que se ocupam em estudar a poesia da década de 1990, em especial Benedito Nunes, Heloísa Buarque de Hollanda, Antonio Carlos Secchin e Célia Pedrosa. Não só os críticos nacionais citados se fazem pertinentes neste trabalho, também são necessárias as teorizações advindas de Michael Hamburger, Gaston Bachelard, Alfonso Berardinelli e Pierre Bourdieu, principalmente.

¹ HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 30.

É possível que o Concurso caminhe na contramão do que rezam os teóricos em questão, ou os ratifique, de qualquer modo é parte da produção paranaense na década e selecionou a cada ano cerca de 30 poetas, escolhidos em média de 500 participantes.

Na maioria das vezes, as *Antologias* foram publicadas no ano seguinte ao do Concurso realizado, e sua impressão se deu pela Secretaria de Estado da Cultura e pela Imprensa Oficial, órgãos oficiais do Estado. Para a realização do Concurso muitas práticas se repetem – como o envio de três originais – e muitas outras mudam, como os critérios de editoração, os julgadores a cada ano, o número de trabalhos inscritos, a cerimônia de premiação e até o número de *Antologias* concedidas aos vencedores para que divulguem a sua produção. À medida que se fizerem necessários, entrarei nesses detalhes.

Antes de se ater à análise das *Antologias*, será necessário expor no capítulo 2 desta dissertação, as perspectivas teóricas que norteiam e suplantam as análises, além de alguns aspectos referentes aos anos 1990, ainda que em resumo, para que se mostre o pano de fundo em que a trama poética se desenvolve e suas possíveis correlações.

Pretende-se, no mesmo capítulo, investigar a poesia feita em Curitiba na década de 1990, e expor um breve panorama da história literária paranaense, pois os autores presentes nas *Antologias*, em certo sentido, fazem parte deste quadro, pouco conhecido até mesmo por pesquisadores e críticos. O capítulo 3 trata do Concurso Helena Kolody, desde a sua gênese em 1990 até o momento em que se torna nacional em 1996; além das análises dos poemas publicados em cada ano do Concurso e algumas constatações sobre comissões julgadoras e outras questões relacionadas ao seu contexto.²

No capítulo 4 serão propostas comparações entre algumas tendências de poesia presentes no Concurso e alguns exemplos nacionais que possibilitem o diálogo. Em seguida, no capítulo 5, há o intuito de dar atenção mais detalhada a quatro participantes que aparecem em algumas edições do Concurso e continuam a trilhar o caminho da poesia por meio de publicações de livros, ou mesmo, de participações em outros Concursos de Poesia. Por fim, no capítulo 6 pretende-se formular uma possível

² Por exemplo, o fato do nome do Concurso ser uma homenagem à poeta paranaense Helena Kolody.

conclusão sobre esta demarcação, aqui denominada “cartografia” em virtude da intenção de se definir territórios, limites e espaços ocupados por estas produções poéticas no “terreno da poesia”. O último capítulo fica reservado para as considerações finais e possíveis desdobramentos da cartografia poética delineada na pesquisa.

Ressalto que tal análise é uma tentativa de recepção crítica do objeto artístico publicado nas *Antologias* e uma reflexão sobre algumas das questões relacionadas à poesia feita recentemente, pois se o Concurso Helena Kolody se mostrou tão significativo para o estímulo da produção poética no Paraná, os poemas elaborados podem conter traços característicos da década em que foram feitos, além de serem exemplos de tendências artísticas significativas no universo poético e de certas relações simbólicas entre seus autores e a circunstância em que se inscrevem como poetas. Acompanhei a realização deste Concurso com bastante proximidade, pois na década de 1990 comecei a publicar livros de poemas³ e a participar de recitais, desse modo pude conhecer muito dos autores aqui estudados e acompanhar a euforia e importância gradativas dadas às Antologias publicadas. Neste sentido, algumas indagações se colocam como norteadoras deste estudo:

a) Quais concepções de poesia predominam no Concurso e em que medida destoam ou não da poesia feita na década de 1990 em outros estados?

b) Qual a representatividade dessa poesia em termos de inovação, ou mesmo, continuidade dos paradigmas estéticos do Modernismo Brasileiro?

c) Que importância tem esta poesia para o Paraná e, em especial, para Curitiba?

d) O relevo dado aos ganhadores no plano simbólico é um reconhecimento efetivo da sua capacidade artística ou é mais uma marca do provincianismo bairrista que precisa constantemente fabricar seus autores e dar-lhes uma amplidão que não possuem?

e) Que frutos esta poesia germina nas gerações que a sucedem?

f) Por último, mas com igual importância, trata-se de poesia à luz do que se entende por poesia?

³ Na década em questão publiquei os livros “Arcano”(1995), “Vinte Vozes de Uma Mesma Veia”(1997) e “Versejar a Voz do Ser É Ser de Si Algoz”(2000).

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Analisar a poesia da década de 90 é tarefa árdua devido à gama de possibilidades de interpretações e à diversidade de perspectivas que o poema tem assumido. Trata-se de um tempo bastante relativista em que várias formas de poesia são praticadas e publicadas em outros suportes e mesmo os cânones já não se mostram fixos e perenes. Muito da poesia que hoje se faz é fruto de certas conquistas, ideias e noções manejadas ao longo do século XX que agora se encontram misturadas, relativizadas e assimiladas. O legado do Modernismo, a Poesia Concretista, a Poesia Marginal são no momento alguns dos exemplos possíveis de serem incorporados pelos poetas e reinterpretados conforme suas concepções de poesia.

Em Antologias recentes sobre o assunto é possível perceber o afloramento de certas tendências, a consolidação de outras, já presentes nas décadas anteriores, e o surgimento de novas poéticas. *Traçados Diversos: Uma Antologia da Poesia Contemporânea*⁴ e *Antologia da Poesia Brasileira do Século XXI*⁵ são, nesse sentido, dois exemplos significativos, em virtude do número de autores e diferentes concepções de poesia.

A estes se soma a poesia na internet, a poesia visual, a poesia GLS, a poesia feminista, a poesia afro-brasileira, que cada vez mais encontram adeptos e leitores, mudando até mesmo a forma como a poesia é recebida. Também tem mudado a formação do poeta: é comum o surgimento de autores no seio da Universidade, ou mesmo, muitos poetas frequentarem programas de graduação e pós-graduação, oportunizando não só a prática poética, como sua discussão exegética, a qual transcende os liames da literatura, indo rumo à tradução e as outras artes. As mudanças referidas não estão soltas no tempo, elas são consequência do legado da Modernidade, da relativização e diversidade que marcam o momento presente.

⁴ MIGUEL, Adilson. **Traçados Diversos**: uma antologia da poesia contemporânea / (org.) Adilson Miguel. São Paulo: Scipione, 2008. 200 p.

⁵ PINTO, Manuel da Costa. **Antologia da Poesia Brasileira do Século XXI**. São Paulo: Publifolha, 2006. 384 p.

Em termos de poesia, a Modernidade já reclama sua voz desde Charles Baudelaire e todo o caminho poético que dele decorre, seja com o Simbolismo Francês, ou com as Vanguardas e os Modernismos Nacionais. Há, ainda, os que postulam que o Pós-Modernismo, ou outro termo que se refira ao mesmo período⁶, é o ponto de chegada de tal Modernidade.

De qualquer forma, em termos de poesia brasileira, à parte a terminologia que a defina, a década de 1990 é representante não só da mescla dos períodos anteriores, como da transição para a produção poética realizada recentemente. Trata-se de um momento específico que conjuga as características da poesia 1980 e a ela incorpora novas perspectivas e valores.

Vale dizer que mesmo a poesia 1980 já era o indício desse “espírito” de mistura. Em trabalho sobre o assunto, o crítico Benedito Nunes estabelece quatro linhas constantes ou características para a produção poética: “a tematização reflexiva da poesia ou a poesia sobre poesia, a técnica do fragmento, o estilo neorretórico e a configuração epigramática”⁷. Ainda no estudo, o autor fundamenta que estas quatro linhas são mais frequentes e derivam daquilo que o professor chama de tradição moderna da poesia brasileira – Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade – responsável por “matrizes históricas mais próximas de nossa época, como o verso livre, a variedade rítmica, o coloquialismo, o estilo de *mistura* combinando o elevado e o vulgar, as imagens-choques, o humor”⁸. O crítico também aponta a obra de João Cabral de Melo Neto, ainda que com traços distintivos - a contenção do impulso lírico, a objetividade discursiva e o uso poético das virtualidades do discurso - como dependente também da tradição modernista para ser compreendida. Ainda na perspectiva do autor, o Concretismo seria o executor testamentário desta tradição, ao intentar superá-la, através de uma poesia vanguardista.

Todavia com a virada imposta pelo regime militar, a cultura foi vista como

⁶ Alta modernidade, Modernidade Tardia, Modernidade Radicalizada. Penso, por exemplo, nos trabalhos de teóricos como Stuart Hall, Anthony Giddens, Lyotard, Walter Mignolo, entre outros.

⁷ NUNES, B. A Recente Poesia Brasileira: Expressão e Forma. In: **Clave do Poético**. Org. e apresentação de Victor Sales Pinheiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 168.

⁸ *Ibid.*, p.159.

perpetuadora das restrições e autoritarismos veiculados pela tradição moderna, nesse âmbito se situa a Poesia Marginal mais afim à contracultura, ao improviso, à irreverência. Às concepções descritas antes se somam o enlace ainda presente nos anos 1970 entre poesia e música popular e também a poesia de ótica social. Todo este fundo daria o tom para a poesia da década de 1980, marcada pelo “híbrido perfil”, pelo “pluralismo estético”, pelo “enfolhamento das tradições”, todos estes termos presentes no ensaio de Benedito Nunes.

Trata-se de um panorama relevante para este trabalho, com perspectivas teóricas capazes de sustentá-lo. Desse modo, na linha entendida como tematização reflexiva da poesia estariam poetas como Gilberto Telles, Ivan Junqueira, João Moura Junior, Antonio Carlos Secchin, Sebastião Uchoa Leite. Por tematização reflexiva da poesia entende-se a poesia feita sobre poesia ou sobre o fazer poético, como *O poema*, de Ivan Junqueira:

Que será o poema,
essa estranha trama
de penumbra e flama
que a boca blasfema?

Que será, se há lama
no que escreve a pena
ou lhe aflora à cena
o excesso de um drama?

Que será o poema:
uma voz que clama?
uma luz que emana?
Ou a dor que algema?⁹

Na linha do fragmento – que é a poesia do instantâneo lírico, do registro anedótico, a poesia Pau-Brasil dos fatos de Oswald de Andrade, de forma inacabada, interruptiva - estariam Francisco Alvim, José Almino, Tite de Lemos, Sebastião Nunes e Afonso Ávila. Por exemplo, de Francisco Alvim, *Descartável*:

Descartável

Vontade de me jogar fora¹⁰

⁹ JUNQUEIRA, I. **Poemas Reunidos**. Editora Record: São Paulo, 1999, p. 215.

¹⁰ ALVIM, Francisco. **Elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 90.

A linha neorretórica, por sua vez, seria a expressão do poema longo, bastante discursivo, de linguagem lírico-dramática-narrativa, com traços de eloquência e certa impostação didática, de longo fôlego como os poemas de Afonso Romano de Santana e Marcus Accioly. Por exemplo,

Separação

Desmontar a casa
e o amor. Despregar
os sentimentos das paredes e lençóis.
Recolher as cortinas
após a tempestade
das conversas.
O amor não resistiu
às balas, pragas, flores
e corpos de intermeio.

Empilhar livros, quadros,
discos e remorsos.
Esperar o infernal
juízo final do desamor.

Vizinhos se assustam de manhã
ante os destroços junto à porta:
-pareciam se amar tanto!

Houve um tempo:
uma casa de campo,
fotos em Veneza,
um tempo em que sorridente
o amor aglutinava festas e jantares.

Amou-se um certo modo de despir-se
de pentear-se.
Amou-se um sorriso e um certo
modo de botar a mesa. Amou-se
um certo modo de amar.

No entanto, o amor bate em retirada
com suas roupas amassadas, tropas de insultos
malas desesperadas, soluços embargados.

Faltou amor no amor?
Gastou-se o amor no amor?
Fartou-se o amor?
No quarto dos filhos
outra derrota à vista:
bonecos e brinquedos pendem
numa colagem de afetos natimortos.

O amor ruiu e tem pressa de ir embora
envergonhado.

Erguerá outra casa, o amor?
Escolherá objetos, morará na praia?
Viajará na neve e na neblina?

Tonto, perplexo, sem rumo
um corpo sai porta afora
com pedaços de passado na cabeça
e um impreciso futuro.
No peito o coração pesa
mais que uma mala de chumbo.¹¹

Em oposição a esta tendência, estaria a linha epigramática, tendendo a brevidade, à miniatura, como os poemas de Leila Frota, Olga Savary, Orides Fontela, Age de Carvalho, Rubem Torres-Filho e Fernando Paixão:

Revelação

A porta está aberta
Como se hoje fosse infância
E as coisas não guardassem pensamentos
Formas de nós nelas inscritas.

A porta está aberta. Que sentido
Tem o que é original e puro?
Para além do que é humano o ser se integra
E a porta fica aberta. Inutilmente.¹²

Estas seriam as linhas principais, não estanques, passíveis de se entrecruzarem, mesclarem-se ou mesmo serem perpassadas por outras tendências. No final de seu ensaio, o autor marca a tendência ao lúdico “para o qual convergem as linhas já expostas” como “um dos aspectos mais extensivos da poesia brasileira atual.”¹³, marcada pelo *enfolhamento das tradições*:

Enfolhamento das tradições quer dizer: a conversão de cânones, esvaziados de sua função normativa, em fontes livremente disponíveis com as quais incessantemente dialogam os poetas. Depara-se-nos a convergência, o entrecruzamento dos múltiplos caminhos por eles percorridos, que são outros textos, de tempos e espaços diferentes, na cena literária móvel do presente

¹¹ SANT'ANNA, Afonso R. de. **Poemas de Afonso Romano de Sant'Anna**. Cd de poesia falada, nº 20.

¹² FONTELA, Orides. **Trevo, 1969-1988**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 35.

¹³ NUNES, B. A Recente Poesia Brasileira: Expressão e Forma. In: **Clave do Poético**. Org. e apresentação de Victor Sales Pinheiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 172.

dentro da Biblioteca de Babel da nossa cultura, tão alexandrina, conforme a analogia histórica de Nietzsche.¹⁴

O trabalho do crítico Benedito Nunes demarca com precisão a poesia dos anos 1980 e pode ser usado para analisar a poesia dos 1990, se somado a outras perspectivas presentes, por exemplo, aos trabalhos de Célia Pedrosa e Heloísa Buarque de Hollanda, entre outros, que fazem referência à poesia erótica, à paisagem urbana, à temática homoerótica, à neo-erudição, à presença feminina, à poesia negra e ao manejo da lição concretista com apelo à visualidade e a outros meios de veiculação do poema como antologias realizadas na periferia, ou ainda, a poesia através da Web. Heloísa Buarque de Hollanda, por exemplo, no prefácio *Esses Poetas: Uma Antologia dos Anos 90*¹⁵ percebe que:

É nesse espaço semi-livre de experimentação que a poesia 90 atua, assistindo à queda de fronteiras que definem a geopolítica literária moderna. Os marcos tradicionais dos territórios que definem os separadores entre a cultura alta, a de massa e a popular, entre a escrita e as demais artes e mídias sofrem um rápido processo de erosão. Uma vez mais, a poesia desce da torre de marfim, agora entretanto com traços radicalmente próprios. [...] O que se vê de fato é a formação de uma textura híbrida de fundo...¹⁶

Contudo, é importante destacar que apesar de Heloísa Buarque de Hollanda fazer menção ao ecletismo e à pluralidade, permanece no rol de autores selecionados na Antologia o centralismo de poetas do Rio e de São Paulo, além de poemas não tão exemplares do que é exposto no prefácio¹⁷.

Marcos Siscar, no ensaio *As desilusões da crítica de poesia*¹⁸, também faz referência à obra de Heloísa, ao demarcar a crise contemporânea da poesia:

¹⁴ *Ibid.*, p. 168.

¹⁵ HOLLANDA, Heloisa B. **Esses Poetas: uma antologia dos anos 90**. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

¹⁶ *Ibid.*, p. 13-14.

¹⁷ Anelito de Oliveira aborda esta questão. Cf. **Fenda (16 poetas vivos)**. Organização e introdução crítica de Anelito de Oliveira. Belo Horizonte: Orobó, 2002.

¹⁸ SISCAR, Marcos. **As desilusões da crítica de poesia**. In: Poesia e Crise. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. 400 p.

a expressão de vitalidade do processo cultural vem respingada pelas tintas da melancolia. É o que faz, por exemplo, Heloísa Buarque de Hollanda, no prefácio em que publica e divulga os poetas dos anos 1990, lamentar o 'neoconformismo político-literário' de uma geração para a qual a 'apatia' é 'o ethos de um momento pós-utópico'.¹⁹

Ainda que suscite contradições e pontos de vista díspares, a Antologia funciona como um parâmetro possível e acessível para se demarcar a poesia 1990, cuja ruptura na sua produção e recepção e a quebra de noções estanques marcam o tom da produção poética atual. Tais aspectos serão importantes para se avaliar a produção poética presente nas *Antologias* do Concurso Helena Kolody, uma vez que cada *Antologia* traz no seu bojo muito deste *hibridismo*, marcado principalmente pela pluralidade de estilos. Também é relevante a publicação organizada pela professora Célia Pedrosa, *Mais Poesia Hoje*²⁰, surgida do II Seminário de Poesia: Poesia Hoje²¹.

O livro divide-se em seis temas: Poesia e paisagens urbanas; Poesia, Eros e gênero; Poesia e Memória; Poesia no cinema; Poesia, língua, nação, região e Poesia, história e cotidiano; os quais propõem reflexões sobre a relação do poeta com a cidade e a metrópole; a construção da subjetividade heterossexual e homossexual; a relação com a memória e a temporalidade pós-moderna; o conluio entre poesia e outras artes; a poesia em tempos de *globalização*, do local, do regional e as implicações do discurso poético como desestabilizador do cotidiano e das convenções históricas, respectivamente.

Outra obra relevante é o livro de ensaios de Antonio Carlos Secchin, *Poesia e Desordem*²², em que o ensaio *Caminhos recentes da poesia brasileira* demarca com precisão o panorama desde o modernismo até os últimos anos da década de 1980. De maneira conclusiva, o poeta e professor explicita como a Musa nos trópicos se situa:

¹⁹ *Idem*, p. 171.

²⁰ PEDROSA, Célia. **Mais Poesia Hoje**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. 200 p.

²¹ Realizado na Universidade Federal Fluminense, entre 25 e 27 de outubro de 1999, com apoio da UERJ.

²² SECCHIN, A. C. "Caminhos recentes da poesia brasileira". In: _____. **Poesia e Desordem**, escritos sobre poesia & alguma prosa. - Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. 206 p.

Múltipla, oscilando entre a vanguarda, a tradição e a contradição, assim tem sido a poesia brasileira das últimas décadas. [...] Muitas trilhas foram abertas em busca da poesia, e até contra ela, através de sucessivas ‘decretações de morte’ – mas ela, sempre renascida em constantes metamorfoses, não parece incomodar-se com isso.²³

As considerações teóricas expostas refletem alguns aspectos sobre a poesia recente, todavia não são únicos. Trata-se de perspectivas que dão voz a certas concepções de poesia que há muito reclamavam seu espaço e sua representatividade, ou mesmo, como no caso das linhas demarcadas por Benedito Nunes, intentam propor certa continuidade ao longo do legado moderno. De qualquer forma, é sob esta égide que se instaura a poesia 1990, em alguns casos, no que diz respeito às *Antologias*, carente de representatividade; noutros estabelecendo certa diluição, no conceito poundiano²⁴, do exemplo nacional já assimilado e, em alguns momentos, possibilitando a valoração literária. Aliás, este é outro terreno movediço, o do valor, afinal:

A avaliação racional de um poema pressupõe uma norma, isto é, uma definição da natureza e da função da literatura – acentuando-se, por exemplo, seu conteúdo ou, então, sua forma -, que a obra considerada realiza de maneira mais ou menos apropriada. Assim, quem atribui valor à forma literária, provavelmente colocará uma poesia lírica acima de uma poesia didática e um romance simbólico acima de um romance de ideias [...], mas quem insiste para que a obra tenha um conteúdo humano julga, sem dúvida, a arte pela arte, ou a arte “pura”, ou a literatura sob coerção (‘l’Oulipo’), inferior a uma obra densa do ponto de vista da experiência nela contida.²⁵

Além de Antoine Compagnon, ainda quanto à questão do valor, as considerações de Pierre Bourdieu sobre o capital simbólico dos objetos artísticos faz-se necessária em determinado momento para que se entenda o significado da participação dos autores nas *Antologias* analisadas, bem como o prestígio de que desfrutam.

Michael Hamburger é importante nesta dissertação para o conceito de antipoesia e Alfonso Berardinelli sobre a dificuldade de se definir o que é ou não poesia.

A tais conhecimentos se somam as perspectivas de Gaston Bachelard que, por meio da *topoanálise*, permitem fundamentar a noção de território, ainda que pensada

²³ *Ibid.*, p. 110.

²⁴ POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

²⁵ COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 223-224.

além de suas considerações.

Esta análise, enfim, está circunscrita num período específico, que olhado por outro prisma, poderá render novas e proíficas interpretações, além de delimitar diferentes territórios da manifestação poética na década de 1990.

2.1 A POESIA NO PARANÁ – BREVE HISTÓRICO

No Paraná, em relação às artes e seu desenvolvimento, é importante a atitude renovadora de artistas e intelectuais na segunda metade dos anos 1940. Há literatura anterior a este momento, como em Emilio de Menezes, ou ainda, Emiliano Pernetá, Dario Veloso e todo o movimento simbolista que por aqui houve, no início do século, inclusive digno de apreço no que diz respeito à quantidade de revistas simbolistas publicadas, aos cortejos e recitais realizados no Passeio Público, aos encontros entre os participantes no Templo das Musas de Dario Veloso. Porém é a concepção advinda com os autores dos anos 1940 que trará novas ideias e perspectivas para a arte feita em solo paranaense, afinal seus membros intentavam fugir de uma visão por muito tempo duradoura e, por isso, castradora e tradicionalista: a arte feita sob a égide regional (Paranismo). Portanto, desejava-se fugir da teorização bairrista que, partindo da intelectualidade da época, munida por um desejo ufanista, via numa arte paranista a proposta mais sublime para o objeto estético. É assim que Dalton Trevisan, Erasmo Pilotto, José Paulo Paes, Poty Lazaroto, entre outros, formam uma intelectualidade que pretende alçar a arte paranaense às dimensões nacionais e internacionais sem precisar ater-se ao compromisso local.

A revista *Joaquim*, editada no período de 46 a 48, configura-se como representante desses ideais. Ao folheá-la, percebe-se o tratamento crítico dado à arte, seja na publicação e tradução de autores consagrados nacional e internacionalmente (Drummond, Vinícius, Kafka, Langston Hughes) ou na crítica direta ao raciocínio

conservador, retratado em pequenos boxes intitulados “oh! as idéias da província...”²⁶, os quais trazem, como deboche, excertos de análises de obras publicadas na imprensa da época cujos elogios pecam pela falta de critérios e rigores artísticos, além do excesso na edulcoração de tais obras, agraciadas sempre como bem-vindas porque feitas em solo paranaense, como se o aspecto geográfico, ou outros critérios não artísticos, garantissem a qualidade. A revista chegou a vinte e um números, sendo o último publicado em 1948. O impacto dessa manifestação literária foi a abertura de fronteiras artísticas - por sinal, concomitante à abertura das fronteiras comerciais entre os Estados - o que possibilitou por um tempo uma inserção da cidade no diálogo com o país, além de “preparar o ambiente” para as décadas seguintes, legando às novas gerações, ainda que de forma implícita, um reunir de mentalidades e um repensar da cultura local.

A poesia do período poderia ser dividida em duas frentes: de um lado os defensores do Paraná e do “Paranismo”, aliados ao grupo Gerpa. E, de outro, dois grupos literários de inovação: o da revista *Ideia*, formado por José Paulo Paes, Armando Ribeiro Pinto, Glauco de Sá Brito e Samuel Guimarães da Costa, os quais se reuniam no Café Belas Artes, na rua XV; e o da revista *Joaquim*, de Dalton Trevisan, que contava com a participação muitas vezes do grupo *Ideia* e com o qual se amalgamou em 1947, por ocasião da realização do Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte. Comenta Paes que “graças a uma estratégia bem planejada, conseguimos evitar que os imortais nos tomassem a dianteira e lá fomos, irreverentes mortais, representar o Paraná”²⁷.

Para aumentar a atitude de renovação da arte literária, houve ainda neste período a publicação dos livros: *O marinheiro* de Glauco de Sá Brito, *Aluno* de José Paes²⁸ e *Os Gatos* de Armando Ribeiro Pinto. No terreno específico da poesia local, exposta principalmente na obra de Glauco Flores de Sá Brito, há uma poesia lírica,

²⁶ “O que mais assinala o êxito (sic) do escrito da sra. Didi Fonseca é essa porção de interesse, que ele consegue despertar. Quem começa a ler, o “dentinho de Ouro, vai ao fim (!). isso, talvez seja o maior elogio que se possa fazer... Apareceu um escritor, a quem eu saúdo.” In: TREVISAN, Dalton. Oh! As Idéias da Província. *Joaquim*, Curitiba, nº1, abril de 1946. p. 9. Edição fac-similada.

²⁷ PAES, José P. Nós num começo de vida. *Nicolau*. Curitiba, 29 jun.1988.

²⁸ Ressalte-se que José Paes aprende a domar a Musa em Curitiba, mas não é curitibano.

voltada para a experiência pessoal, muito próxima a Bandeira e Drummond, mas sem se preocupar com inovações estéticas e experimentações. Eram atitudes isoladas, pequenas em seu tempo e lugar, mas que foram exemplo aos novos que vieram e deram continuidade à proposta de uma literatura maior e mais nacional.

Na década seguinte, Glauco de Sá Brito continua a produzir, enquanto ocorre a estreia de Dalton Trevisan no conto, com a publicação do livro *Novelas Nada Exemplares*, em 1959. Na obra, o autor já apresenta um texto amadurecido que o projetará nacionalmente na década seguinte, marcado pela narrativa curta, de tom coloquial, nas quais prevalecem histórias passionais, contextualizadas pelo crime, pelo desamor, pelo descaso, resultantes de um ambiente desumanizado onde a precariedade de condições tem voz mais alta.

Na década de 1960, a arte está movida pela ideia participante, pelo clima de coletividade e agitação cultural, marcado principalmente por movimentos culturais como a Tropicália, o movimento Hippie, entre outros. Foi um período de contestação juvenil dos valores estabelecidos ao longo do século XX e que estavam defasados em grande parte por serem excludentes e estarem arraigados numa visão positivista de progresso. Tempo de mudança de conceitos acerca da liberdade feminina, da ascensão das minorias e de questionamentos de visões hegemônicas de várias ordens. Esses anos dimensionaram também a produção literária, não só pelo constante contato entre música e letra promovido pela Bossa Nova, MPB e o início do gênero musical conhecido como *Rock* no Brasil, bem como pela atitude de irreverência que se prolongaria e formaria a base da Poesia Marginal dos anos 1970.

No Paraná, também a resistência oferecida pela mentalidade passadista estava prestes a se romper, pois surgiam novos escritores e poetas impulsionados pelo legado que os precedeu. É assim que Dalton Trevisan passa a ser reconhecido nacionalmente, ao vencer o Concurso Nacional de Contos, em 1968. Estreava também no conto o escritor Jamil Snege, com o livro *Tempo Sujo*, que retratava, entre outros assuntos, a geração de boêmios que frequentavam o bar Velha Adegá.

Na poesia, o terreno dos novos divide-se em duas linhas distintas: de um lado, poetas como João Manuel Simões e Alberto Cardoso optam por estilos que se baseiam na tradição, no tema elevado e na linguagem culta. Outros, influenciados pelo

movimento da Poesia Concreta dos 1950, pela arte participante dos 1960 e suas irreverências, procuram textos que sintetizem ânímos estéticos novos, promovendo outro olhar, mais especificamente: Paulo Leminski e Sergio Rubens Sossélla, os quais estreiam nesta década. Leminski, divulgando poemas na revista *Invenção*, em 1964; Sossélla, lançando seu primeiro livro, *Sobrepoemas*, em 1966.

Na década de 1970, começando a se propor como exemplo para o Brasil, a cidade de Curitiba, agora com Plano Diretor e crescimento urbano priorizado, também reproduzia em seu seio a agitação da Poesia Marginal e o impacto dos movimentos culturais, compostos em sua maioria por jovens, com a formação de reuniões e grupos de poesia. Dentre alguns grupos surgidos no período podemos mencionar o *Sala 17* e o *Encontrovérsia*, que mesclavam Poesia Concreta e Poesia Marginal, além de um sentimento comum de movimento, devido às ideologias do período. Segundo Marilda Binder Sanways, na obra *Introdução à Literatura Paranaense*,

A antologia que ganhou a praça com maior repercussão foi *Sala 17*, reunião de jovens poetas que ansiavam mostrar seus trabalhos a público diversificado. Apresentados por Maria Ignez Guimarães, a primeira edição rapidamente esgotou (1978). Cada poeta faz sua própria apresentação, listando o que tinha publicado e as intenções artísticas de cada um.²⁹

O grupo *Sala 17* surgiu de reuniões de autores locais, alguns com obras publicadas de modo independente, com objetivo maior de produzir uma poesia de alcance popular, levando-a a classes menos favorecidas. Também a ideia de grupo servia para publicar as obras de forma menos dispendiosa, formando uma espécie de cooperativa. Seus autores possuíam em suas composições bastante influência da poesia irreverente do período, a Poesia Marginal, em pleno vigor no Rio de Janeiro e em São Paulo, a qual primava pelo texto coloquial e irreverente: poesia mais de atitude do que de palavras.³⁰ Alguns dos autores que irão compor a poesia realizada em Curitiba na década de 90 têm neste momento as suas estreias.

Participaram do *Sala 17* os seguintes autores: Antonio Thadeu Wojciechowski,

²⁹ SAMWAYS, Maria B. **Introdução à Literatura Paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988. p. 132.

³⁰ Refiro-me às obras de Chacal, Antonio Carlos de Brito e demais poetas presentes na antologia *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. (HOLLANDA, Heloisa B. **26 Poetas Hoje**. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. 272 p.)

Leopoldo Scherner, Roberto Bittencourt, Marcos Prado, Hamilton Faria, Artifex Von Blauen, João Gilberto Tatára, Nei Pulido, Luiz Edson Fachin, José Carlos Correa Leite, Paulo Venturelli, Edgar Yamagami, Jucira Vieira de Castro, Sonia Elizabeth Sandrini, Reinoldo Atem, Ubirajara Moreira e Roberto Prado. Essa reunião foi uma nova amostragem, um novo jeito de se ver a poesia na cidade. O grupo *Encontrovérsia*, fundado em 1980, também surgiu da proposta de reuniões coletivas em torno da práxis do poema. Seus autores – Edival Perrini, Jandyra Kondera, Leopoldo Scherner, Luis Alberto Pena Kuchenbecker e Luis Carlos Cabañas – primaram pela troca de ideias e a diversidade de olhares sobre o poema, objetivando um repensar além da leitura do autor, que é o primeiro leitor. Em reuniões quinzenais, o grupo estende suas publicações até os anos 1990. O poema curto, com poucas versos e solução rápida, é o mais encontrado, mas também se sobressaem poemas neorretóricos. Predomina, de todo modo, a ideia de experimentação: mais do que uma maneira, várias.

Paralelo a esses grupos, aparece com mais vigor nesta década o poeta que vai mudar a dinâmica poético-cultural da cidade: Paulo Leminski. Herdeiro da poesia Concreta, da arte participante e da Poesia Marginal, ele tornar-se-á um mito nos 1990, influenciando a cena poética da cidade. O valor dado a Leminski, em grande parte depois de sua morte, fez com que se estimulasse a produção poética na cidade, bem como a leitura e o olhar voltados aos artistas paranaenses. Todavia, com este olhar veio o endeusamento de Leminski, o qual propiciou o surgimento na década de 1990 de uma série de poetas diluidores de suas técnicas, além do fato dos poemas do autor funcionarem como parâmetros para se medir a poesia local. Esquecia-se, assim, que Leminski também é resultante cultural e artisticamente de um período e por isso não era o único a sofrer as influências de seu tempo. Ou seja, a sua poesia não está deslocada na história da literatura, nem é uma ocorrência isolada no solo paranaense. O tratamento dado a interiorização advinda com as influências lhe é particular e, talvez, sublime; mas isso não impediu que outros poetas locais também as sentissem. É o caso de Marcos Prado, Thadeu Wojciechowski, Solda, Sosséla, entre outros. A afirmação acima está baseada na reedição, ao longo de dez anos, do evento *Perhappines* em homenagem a Leminski, na cooperação artística com nomes da MPB, no uso do seu nome para batismo de realizações públicas como a Pedreira Paulo

Leminski e no aparecimento da poesia do autor em análises teóricas como as de Antonio Carlos Secchin, Ivan Justen Santana, entre outros.

Em 1975, Leminski estreia em livro, trilhando pela prosa. Surge o romance experimental *Catatau*, cujo enredo gira em torno da suposta vinda do filósofo René Descartes para o Brasil, com Mauricio de Nassau, durante a invasão holandesa. Em termos de prosa, Domingos Pellegrini ganha o prêmio Jabuti em 1977, com o livro *O Homem Vermelho*, com uma prosa ligada à questão social e ao desbravamento do norte do Paraná. Definitivamente é com a formação desses grupos e a projeção de Leminski e de outros autores paranaenses, como Pellegrini, que a poesia e a literatura ganham mais apreciação e adeptos. Eles mostram que há espaço para sua realização e que, sem desmerecer o exemplo nacional, já é possível um sistema³¹, ainda que restrito.

Na década de 1980 aumentam as publicações de poesia. A maioria dos poetas do grupo Sala 17, passa a lançar livros individuais ou em parcerias. Há o surgimento de diversos autores, talvez impulsionados pelo reconhecimento nacional das obras de Paulo Leminski. Em especial, o livro de poemas *Caprichos e Relaxos*, de 1983, publicado por uma editora paulista, de alcance nacional, a Brasiliense; e o livro *Distraídos Venceremos*, de 1987, com o qual o poeta consolida seu reconhecimento nacional, ampliando suas participações em parceria com outros artistas, como as gravações feitas por Itamar Assunção, Caetano Veloso, Moraes Moreira, entre outros.

Outro autor que merece destaque no período é o poeta Sérgio Rubens Sosséla, o qual ao longo da década publicará vários livros, aumentando sua produção na década seguinte. Entre alguns títulos, em que consta a publicação de livretos e poemas volantes, destacam-se *Depois do vendaval, o vendaval*; *Manuscritos do sonho*; *Cantares de Elpenor*; *Nunca mais outra vez*; todos de 1986; e *Enquanto o dorso do tigre não se completa*; *Ao vencedor as batalhas*; *Para a Biblioteca de Alexandria*; *Sim, ele passou por aqui*; *No mar, morto*; *18 poemas para Milton Carneiro*; *O Anjo Negro*;

³¹ Com a palavra sistema refiro-me a ideia de Antonio Candido do organismo recíproco compreendido pelo autor-texto-público. Sei que não há, no que diz respeito ao público, um grande interesse dos paranaenses pelo livro de poemas, contos ou romances, mas há, principalmente para aqueles que frequentam os meios artístico-culturais desse período, uma relação e uma referência estético-históricas que funcionam como parâmetro para uns, exemplo para outros. C.f. CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. 1^ov. 8^a ed. - Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. p. 24.

todos de 1987.

Outra poeta do período é Helena Kolody, que será mais conhecida na década seguinte por meio do incentivo dado pelo escritor e jornalista Roberto Gomes ao publicar uma antologia de sua obra.

A poesia de Kolody tem no humanismo e na religiosidade o cerne de sua produção, cujo olhar está voltado para a efemeridade dos momentos, a persistência da solidão, sempre marcada pela memória³². Os poemas, geralmente curtos e de leitura fácil, propõem muitas vezes a menção a um espaço etéreo, onde a alma está liberta do corpo e do mundo.

A passagem do tempo também marca seus poemas, os quais devido ao tom intimista dialogam com a espiritualidade da lírica de Cecília Meirelles e a lição de transitoriedade dos Simbolistas.

Entre suas principais obras destacam-se *Infinito Presente (1980)*, *Sempre Palavra (1985)* e *Poesia Mínima(1986)*.³³ Deve-se mencionar, ainda nesta década, a presença de escritores como Wilson Bueno, Manoel Carlos Karan e Valêncio Xavier, e a continuidade produtiva de Dalton Trevisan.

Ainda no final da década de 1980 e início da década de 1990 surge o grupo *Baú de Signos* de Rollo de Resende, Jane Sprenger Bodnar, Fernando Zanella e Hélio Lettes. Sua importância no período está relacionada às constantes reuniões do grupo em que eram propostas a troca de ideias e a análise de poemas. Também se organizavam para participarem de concursos, escreverem peças de teatro, realizarem festas alternativas. O grupo unia à curiosidade por metafísica e filosofia, o interesse pelas artes plásticas e pela macrobiótica. Ministrava oficinas sobre o fazer poético e propunha edições alternativas de livros como as *Homeopóéticas*, pequenas cápsulas contendo doses homeopáticas de poesia.

³² KOLODY, Helena. **Sempre Poesia** - Antologia poética. Curitiba: Livrarias Curitiba, 1994. 160 p.

³³ O nome dado ao Concurso a que se refere esta dissertação se deve ao fato de que, na década de 1990, Helena Kolody, ou ainda, Dona Helena para os íntimos, era a poeta mais conhecida e também de idade mais avançada no solo paranaense, o nome então foi uma forma de homenagem e um eco da descoberta de sua poesia por parte dos próprios paranaenses na década de 1980. Entretanto, sua produção remonta à década de 1940. Este ano, por exemplo, comemoram-se 100 anos de seu nascimento e a Rede Estadual de Ensino se propôs a homenageá-la por meio de vários projetos.

2.2 OS ANOS 1990

“Naquele tempo fomos versáteis e ecléticos”, escreve o poeta Rollo de Resende, em um de seus poemas publicados nessa década, e de fato é assim que se configura a vida cultural dos 1990. Marcada pelo eco das gerações que a precederam, principalmente as compreendidas entre as décadas de 1960 e 1980, a época é influenciada por características advindas de transformações e movimentos específicos, a saber:

a) no campo da política: o fim da ditadura militar, o advento das diretas-já, o surgimento de diversos novos partidos, a derrota do socialismo real, o início das privatizações;

b) no campo da educação: o aumento de programas de graduação e pós-graduação, bem como do número de faculdades e universidades, o surgimento de uma nova lei de diretrizes e bases;

c) no campo jornalístico: a liberdade de imprensa, o aumento de canais abertos e de emissoras de rádio e TV, o crescimento da influência midiática;

d) no campo médico: o aumento de casos de AIDS e da preocupação com a doença, o surgimento de novas perspectivas clínicas e os diagnósticos das assim chamadas “doenças urbanas” como TDHA, estresse, *burnout*, síndrome do pânico, novas gerações de medicamentos e tecnologias médicas;

e) no campo socioeconômico: o início do que hoje se denomina “globalização”, o crescimento das capitais e, por consequência, das regiões metropolitanas, o aumento das favelas, a perspectiva de mercado para as classes C, D e E, a ampliação da troca comercial entre nações;

f) no campo artístico: a afirmação do rock brasileiro como produto e ideologia, a retomada do cinema nacional (além da pornochanchada) por meio de filmes de outros gêneros, a influência norte-americana via música, cinema, séries televisivas; o aumento de produções cênicas; o crescimento de companhias de dança, bem como o afloramento de produção e concursos de poesia nacionalmente;

g) no campo ideológico: o legado das ideias de várias formas de interpretação

da cultura como os *darks*, *punks* e outras novas “tribos”; em termos acadêmicos, o questionamento surgido com a queda de categorias hegemônicas como Autor, Sujeito, Homem, Nação, Arte; definidas por muitos teóricos como reflexos da Pós-Modernidade, Alta Modernidade, Modernidade Radicalizada, Modernidade Tardia e, ainda, o embate entre Hermenêutica e tendências pós-estruturalistas, bem como as reviravoltas culturais.

É sob e sobre esse “clima”, aqui resumido, que se erige a poesia 1990, marcada também pelo “faça você mesmo” do *punk*, pela mescla de identidades, que permite no mesmo autor a pesquisa acadêmica e a displicência aos cânones, a coexistência de estilos e tendências:

A poesia 90 não deixa mais entrever, com clareza, nem seus modelos nem uma linhagem literária coerente, nem mesmo um elenco explícito de referências como no paideuma concretista. São poetas que se situam através da *identificação* com outros poetas e outros estilos, ou do *pertencimento* de uma família literária eletiva. São poetas que reinventando uma coerência própria, assumem a herança modernista, absorvem o impacto João Cabral, apropriam-se do laboratório concretista e expandem a poesia dos anos 70. A nova dimensão que dá o tom de convivência entre famílias e tribos poéticas marca a originalidade desse momento.³⁴

Há, então, estilos variados e múltiplos, uns podendo tangenciar outros, interpenetrá-los, propor-lhes o diálogo. Veja-se, por exemplo, o poema de Rollo de Resende, publicado no VI Concurso Helena Kolody de Poesia, fundindo lirismo e biografia, tradição e modernidade, memória e momento:

naquele início de década
fomos versáteis e ecléticos.
oh deus! Até hoje peço-vos
um violinista que me acompanhe
tornando-me, além de panificador,
também um cantor de blues.
enquanto isso, perder-se olhando
esses rapazes, seu desvario
em esportes com bola,
a forma esférica:
sua evolução no jogo
como nas coisas da vida:

³⁴ HOLLANDA, Heloísa B. **Esses Poetas: uma Antologia dos anos 90**. Organização de Heloísa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 17.

paulo passa a bola para alice,
trabalham bem em campo.³⁵

Poesia do fragmento, suspensa na página, em que se mesclam o acontecer de si e do mundo, o blues e a poesia de Paulo Leminski e Alice Ruiz, o exemplo da tradição e a referência aos poetas locais, o descuido proposto nas minúsculas, no poema que se realiza num breve espaço *versátil* e *eclético* aliado à construção lírica e à memória. Rollo, neste poema, assiste a própria evolução da poesia no período, tudo sendo metáfora do fazer poético, traduzido aqui na intenção de se ter uma parceria - época de parcerias, na fusão entre vida e obra.

2.3 PRINCIPAIS AUTORES

Nos anos 1990, principalmente em Curitiba, houve uma efervescência cultural que dinamizou vários setores artísticos, incentivada por pesquisas em diferentes linguagens estéticas e mesmo pelo incentivo fiscal por parte dos Órgãos Municipais, bem como pelo aumento do interesse do público por tais eventos.

Destacam-se como eventos da década de 90 o Festival de Teatro de Curitiba, ainda realizado; o *Perhapiness*, que oportunizou recitais de poesia, publicações de autores locais e de outras cidades, tanto conhecidos quanto novos; a oficialização da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

O número de locais que abrigam a cultura ampliou-se à medida que se ampliaram também as diversas manifestações artísticas e culturais, avanços que podem ser considerados como fruto do crescimento econômico. Este causado, por sua vez, pelo aumento da densidade demográfica, resultante possivelmente da propaganda municipal veiculada pela mídia, que atraiu um expressivo número de migrações para a

³⁵ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. - Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 101.

capital³⁶.

Observe-se que muitos poetas e grupos dos anos 1980 continuaram publicando, e muitas parcerias iniciadas naquela década renderam publicações nesta, como é o caso da poesia a *seis-mãos*³⁷ publicada pelos poetas Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Roberto Prado, Edílson Del Grossi, Edson de Vulcanis e Sérgio Viralobos. Grupos tradicionais como o *Encontrovérsia* e alguns poetas do grupo *Sala 17*, ambos oriundos dos anos 1980, lançaram novas produções, muitas de caráter comemorativo. É relevante, do ponto de vista quantitativo, o número de edições do autor, ou mesmo publicações “caseiras”; bem como o poema veiculado através de fanzines, xerox, camisetas, entre outras mídias. Predominam o discurso neorretórico; a poesia síntese; a poesia sobre poesia; a poesia homo; a retomada da poesia erudita; o surgimento de poesia feminista, a poesia de influência concretista, o haicai, a poesia epigramática. Destacam-se, então, os seguintes autores: Rodrigo Garcia Lopes, Josely Vianna Baptista, Ricardo Corona, Jaques Brand, Batista de Pilar, Marcio Claudino, Patrícia Claudino, Fernando Koproski, David Nadalini, Alessandra Kalko, Rollo de Resende, Marília Kubota, Jane Sprenger Bodnar, Luis Eduardo Hoffman, Rita Slomp, Marcos Prado, Roberto Prado, Edilson del Grossi, Edison de Vulcanis, Nivaldo Lopes, Solda, Wilson Bueno, principalmente.

No próximo tópico serão apresentados cinco autores que não participaram do Concurso Helena Kolody, mas que são representantes para a década de 1990 quanto ao capital simbólico que possuem em virtude da poesia que realizam. Os autores relevantes do mesmo ponto de vista, mas selecionados no Concurso, serão reservados para o momento específico da análise das *Antologias*. Tal apresentação, além de servir como um panorama da época descrita pode propiciar o cotejo com os poemas das *Antologias* a fim de serem demarcados parâmetros comuns, ou mesmo, divergentes.

³⁶ Ao criar a Cidade Industrial de Curitiba (CIC) em 79, meta que desejava formar ao lado do plano piloto de 75, a prefeitura da cidade fez com que o planejamento urbanístico local se conciliasse com o empresariado – principalmente industrial - e com as autoridades públicas de modo que pudessem oferecer juros baixos e outros benefícios, fato que tornava a terra dos pinheirais propícia aos investidores estrangeiros. Desse modo, a população de Curitiba tem dobrado a cada 20 anos (OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba: o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000. 201 p.).

³⁷ Cunhei esse termo referindo-me ao fato de os autores criarem os poemas e os assinarem de forma coletiva, geralmente os poetas mencionados, mas bem poderia ser “a quatro mãos”, “a oito mãos”, “a doze mãos” dadas as várias parcerias e a aleatoriedade de suas ocorrências.

2.3.1 Josely Vianna Baptista

Josely Vianna Baptista publica em 1991 o livro *Ar*³⁸. Neste livro, o aspecto formal de maior destaque concentra-se na disposição visual de cada poema, na qual as palavras possuem espaçamentos que dão ao poema a aparência de bloco com poros, ou no dizer da autora, blocos aerados. Tal disposição confere ao poema outra organização estrófica que não a linearmente conhecida e, por consequência, outro ritmo:

n a m a d r
 u g a d a a
 g u d a q u
 a l a d a g
 a a á g u
 a p i n g a³⁹

Desse modo, o primeiro encontro com o texto de Josely impõe ao seu leitor uma barreira na sequência lógica de leitura que lhe é peculiar, pois o processo de compreensão e interpretação é barrado pela incapacidade advinda dessa presença “aérea” que interfere sensorialmente no leitor, impedindo-o de apreender toda a palavra, tanto morfológica quanto semanticamente. A interrupção à leitura é inerente à disposição estrófica, norteadora da práxis poética da autora.

Há, portanto, um apelo para que o leitor crie seu ritmo, enquanto sua respiração, visão, percepção e intelecto conseguirem estar conciliados, não adiantando aqui a intenção primordial de ler o que o autor tentou que fosse lido. Ou seja, um procedimento formal que afasta de vez qualquer estatuto que a palavra *Autor* ainda ouse conter. A autora chama de “estrofação sensível” a esse seu procedimento formal, pois acredita que “aí a poesia funciona com pneuma, ciência da respiração, na qual os blocos aerados combinam-se ao ritmo de cada leitor”⁴⁰.

³⁸ BAPTISTA, Josely V. *Ar*. 1ª ed. Curitiba: FCC/Illuminuras, 1991.

³⁹ *Ibidem*, p. 7.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 4.

u m d i a e u f ó r i c a
 o u t r o s p o r f o r a
 a u m d i a e n g a g
 é e o u t r o r e t o m
 b é e a p u r o u m d
 i a o u t r o r i g o r
 e o d i a u r z e s e
 a l c a ç u z e s v e z
 e s q u e b r u x a o
 u t r a s q u e m u s a
 s e u m d i a b l a n
 c o o s o u t r o s s
 a l v o s u m d i a d
 e s f e i t a o u t r o s
 p e r f e i t a u m o u
 t r o u m o u t r o d i a
 s e m d n e m v o c ê⁴¹

São várias as possibilidades de leitura, de se tirar uma palavra de dentro da outra como ensinaram os concretistas; todavia, passados estes primeiros encontros com o poema através da respiração, ao se retomar a leitura também é possível lê-los de acordo com uma sintaxe retórico-discursiva, pois também estão estruturados dessa maneira: “Um dia eufórica outros por fora / um dia engagé outro retombée / apuro um dia outro rigor / e o dia urzes e alcaçuzes / vezes que bruxa outras que musa ...”⁴². Este caráter de leitura híbrida funciona como a pedra de toque para a confluência de duas linhas poéticas: a linha neoretórica e a linha da poesia visual. Esta tem seu lugar seguro devido à constante objetivação experimental que cada texto propõe, recortando as palavras e seus sentidos; aquela, pela sua organização sintático-semântica.

O cuidado formal revela-se também através de jogos de paronomásias, assonâncias, espelhamentos rítmicos, choques sonoros que intentam uma erotização da linguagem, uma babel feliz⁴³ que comunga a verbi-voco-visualidade⁴⁴ da poesia Concreta:

⁴¹ *Ibid.*, p. 13.

⁴² *Idem.*

⁴³ “O texto de prazer é Babel feliz”. In: BARTHES, R. **O prazer do texto**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.8.

⁴⁴ Verbi-voco-visualidade é um conceito da poesia Concreta, que prima pela semelhança quanto à significação e ao som dos vocábulos, bem como pela disposição espacial dos termos de maneira não convencional. É a exploração da palavra no seu aspecto semântico, sonoro e gráfico. (Cf. **Poesia Concreta**. Seleção, notas e estudo por Iumna Maria Simon. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 25)

i s s o t u d o j á
 p a s s a d e a r t
 i f í c i o : s e r i

 a f ó s s i l , n ã o

 f o s s e i n í c i
 o , s e r i a t r a ç
 a , n ã o f o s s e
 m í s s i l⁴⁵

No entanto, o não prescindir ao verso remete tal poética para uma lírica descoberta sob/depois do experimentalismo, conciliando as lições concretas às lições metapoéticas e sagradas:

d u e l o s o l o
 d e s o l a s o l
 h á l i t o e t h a l o
 d e s o l a s o l
 d e s o l a s o u l
 o a r e m a r s⁴⁶

Os trocadilhos com a sonoridade, a forma e o sentido trazem inferido o labor do poeta, seu fazer poético de sol a soul. Assim, no cerne da preocupação com o lírico, pode ser encontrada a constante antítese proposta pelo jogo de contrários, no ambiente claro-escuro, de opostos, configurando “lápides barrocas”⁴⁷ suplantadas pela voz lírica que não só opõe contrários, mas questiona o próprio fazer poético:

q u e r i a e t r e v e r o s e q u i m e r a s , v á r i
 o s r i g o r e s e r i m a s r a r a s , q u e r i a m
 e n i r e s e q u i r e r a s , q u e o q u e d e s d e
 r a s e r e o u v e r a . q u e r i a t r e v o s e r
 i s o s f e r o s , l e r o s s e r e n o s , q u e r e l a
 s b e l a s , r e l a r d e p e l e s a r r e p i a d a
 s , c h o r a r c o m u m o l h o e r i r c o m

⁴⁵ BAPTISTA, Josely. *Op. cit.*, p. 22.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 46.

⁴⁷ O termo é do poeta Régis Bonvincino.

o outro. queria esperas e não dem
 oras, se o leste escuro o sul seg
 uro, queria guerra, caça e amores, e
 por um prazer, sem dores. (noite)⁴⁸

Transita, então, na maioria dos poemas, entre as antíteses, um lirismo questionador da experiência com a palavra, da sensualidade, do metafísico, do cotidiano, do existencial.

Em relação aos poemas presentes nas *Antologias*, ainda não apresentados, pode-se adiantar que a concepção de poesia de Josely Vianna Baptista é bastante singular principalmente no que diz respeito ao experimentalismo. Há ecos de sua poética nas *Antologias*, mas ainda assim os blocos aerados representam um misto de originalidade e invenção.

2.3.2 Batista de Pilar

João Antonio Batista de Pilar nasceu em 1963, no interior do Paraná. Em Curitiba publicou um único livro, *A Nona Cartada*, que reuniu poemas já publicados de forma avulsa. Em Curitiba desde a década de 1970, é nos anos 1990 que o autor expõe seu trabalho de forma alternativa, vendendo as publicações nos bares e ruas de Curitiba. É a partir dessa época que o autor assume-se enquanto poeta, decidindo viver apenas da poesia. Tal atitude fará com que se forme uma “aura” em torno de sua pessoa, vista por muitos como representante típico do ser/poeta na cidade. Estereótipo já percebido, mas que para muitos ainda possui teor de verdade. *A Nona Cartada*, publicado em 1998⁴⁹, reúne poemas antigos e inéditos. Os poemas do livro dividem-se em diferentes temáticas, sendo que as mais marcantes são a metalinguagem em torno do fazer poético e o olhar para temas existenciais como a beleza da vida humana, o

⁴⁸ BAPTISTA, Josely. *Op. cit.*, p. 5.

⁴⁹ PILAR, Batista de. **A Nona Cartada**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1998. 90 p.

passar do tempo, a infância perdida, a natureza em torno.

INFÂNCIA

Sua imagem
Ficou gravada
Em todas
as telas da tarde⁵⁰

A brevidade do passar do tempo se alia à síntese do poema, organizado de forma rápida. O jogo entre os motivos “imagem” e “telas” apontam para a relação direta com a memória, que se esvai ao mesmo tempo em que compõe a lembrança do eu-lírico. Nem sempre o poema sintético é o mais utilizado, aparecem também textos que tendem para a linha neorretórica, embora o tratamento linguístico seja coloquial:

FUNERAL DAS HORAS

Rima vida em cima
Do ti-tac das horas
Penetrando no silêncio
Da demora.

Enquanto o passo incerto
Vacila, procurando
Uma direção
No andar do coração.

Vento dispersa
Fantasmas
Que acompanham a procissão
Em direção ao nada.

A rua é minha
Fiel companheira
No dia-passando-dia.

No diagrama vasculhado
de vôos rasantes calmos.

Vou à caminhada
Sem descanso na jornada,

Ainda faço parceria
No corre-corre dos anos,
Um coração de poeta
Que se tornou urbano.⁵¹

⁵⁰ *Ibidem*, p. 15.

⁵¹ *Ibidem*, p. 59.

No fragmento anterior confluem algumas das temáticas mais expressivas do poeta: a relação com a poesia e com a cidade. A rua é mais que meio para divulgar o poema, torna-se o espaço em que o próprio poeta se realiza, tornando-se morada. Este contato com o ambiente urbano é expresso muitas vezes através de um olhar objetivo para a cidade, o qual funde à natureza exposta um pouco do lirismo de quem a vê:

Riso na avenida
Rostos se movem

Nem tudo pára
Nem tudo muda

Neste dia
Encarapuçado de nuvens⁵²

O cotidiano é rico em poesia e dele se extrai matéria de canto, resgatado de forma lírica:

FINAL

Até mesmo os mísseis
Que são lançados aos ares
Em alvos apontados...
Parece que por inconsciência
Ficam lado a lado⁵³

Marcante ao longo do livro é a metapoesia, exposta como uma atividade por vezes árdua: “não entendo a caneta/ vive fugindo da gente/ (...) às vezes parece que tem preguiça de escrever”⁵⁴; por outras como um labor constante: “Construir frases bonitas é lapidar mil vezes a pedra que foi mil vezes lapidada”⁵⁵, apontando para a concepção parnasiana de rigor formal, no que diz respeito ao labor da escrita. Muito da relação com o fazer poético está atrelada à noção de poesia como filosofia de vida, como uma graça ofertada ao poeta:

⁵² *Ibidem*, p. 46.

⁵³ *Ibidem*, p. 64.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 10.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 8.

Estes poemas
Foram escritos
Nas páginas
do sentimento.

Para a vida
Os meus sinceros
Agradecimentos.⁵⁶

Tal visão filosófica transcende o fazer poético e marca toda a obra, de forma lírica e existencial:

BOI DE BOIADA

Mundo velho descartável
Não fale mal de mim
Já comi filé mignon
Também comi capim
No final tudo perfeito
Neste BREVE carnaval.⁵⁷

Quanto à forma, permanece o poema fragmento, surgindo raríssimas vezes o exemplo da poesia concretista.

Há
Um poema
Pa(i)rado no ar

Agarrem-no
Antes que ele

C
a
i
a⁵⁸

E em pouquíssimas composições aparece o tema social,

Quem escondeu
a chave da porta das palavras

⁵⁶ *Ibidem*, p. 74.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 68.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 62.

que estão armazenadas
na garganta do povo
da América Latina?⁵⁹

Trata-se de um autor bastante conhecido em Curitiba e capaz de inspirar a poética aos demais e, talvez aí também resida a sua força, assim como a dos poetas Marginais; que, se não inspiravam o texto, propunham a atitude poética.

A concepção de poesia presente na obra de Batista de Pilar dialoga diretamente com a obra de Paulo Leminski e com a Poesia Marginal anterior à obra deste. Todavia a coloquialidade e irreverência também estão presentes em alguns poemas do Concurso Helena Kolody. Vê-se que Batista possui poemas que representam um pouco do “espírito de mistura” a que o crítico Benedito Nunes faz referência, e a preocupação “apenas em encontrar a própria voz”⁶⁰.

2.3.3 Marcos Prado

A linguagem de Marcos Prado é direta e coloquial, sem rodeios, seus poemas são fragmentados, mas surgem momentos em que essa forma se mostra interrompida pelo uso do soneto e do poema epigramático. Há arremedo de Oswald de Andrade no que concerne ao humor e de Gregório na forma, na linguagem e na dicção. Um misto de influência e paródia. Pertenceu na década de 80 ao grupo Sala 17, desenvolveu junto com Thadeu Wojciechowski, Sérgio Viralobos, Roberto Prado uma poesia a quatro mãos, assinada pelo grupo de poetas OSS.

Está presente em seus poemas a relação vida-poesia, no sentido de que a última é o sentido e a base da primeira. O caráter biográfico e o estético se mesclam, adquirindo e revelando o poeta que então vive para sê-lo. Por isso a relação com o álcool, em especial a cerveja, as mulheres e os amigos: uma boemia que lhe é vital: “Cara amiga cerveja / apesar de suas intrigas / já experimentei suas amigas / que se

⁵⁹ *Ibidem*, p. 14.

⁶⁰ HOLLANDA, Heloisa B. **Esses Poetas: uma antologia dos anos 90**. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001, p. 17.

entregaram de bandeja”⁶¹. A ambigüidade geralmente se tece dessa dualidade coisa/mulher. Entre o maldito e o boêmio, um eu-lírico chulo porque agressiva é sua resposta à cidade e à vida, suas matérias de poesia. Humor à Oswald, recriando e atualizando o discurso modernista de Carlos Drummond de Andrade:

uma casinha financiadinha
 uma mulherinha e três filhinhos
 um empreginho e um creditozinho
 tomar nos fins de semaninha
 uma cervejinha com os amiguinhos

eta vida bosta meu deus!⁶²

A paródia estabelecida com “Cidadezinha Qualquer”, de Drummond, propõe uma visão mais próxima da realidade que nos permeia: enquanto o poeta mineiro procurava mostrar, de modo experimental, a vida pacata e repetitiva das pequenas cidades frente à dinâmica dos grandes centros brasileiros, neste poema de Prado a ótica se inverte para marcar uma crítica aos valores e ao modo de vida que esses grandes centros preconizam: “a casinha”, “o creditozinho”, “a semaninha”, “os amiguinhos” e demais vocábulos descritos com o sufixo pejorativo /inho/, propõem a vida condicionada da classe média na cidade e sugerem com tal sufixo diminutivo como tudo isso é pequeno, medíocre, banal. Então aquela vida besta agora é uma vida bosta, trocadilho paródico que ilustra a reação a esse *status quo* planejado em Curitiba: não é só uma vida besta, ou seja, ignorante de outras realizações, mas uma vida que mesmo tendo realizações, estas se mostram precárias, aquém de um verdadeiro deleite. A cidade tornou-se urbana e desenvolvida, mas qual é a vida que se vive na Curitiba dos anos 1990? É pertinente o questionamento ao fluir da vida na cidade grande, contra o qual se rebela o poeta.

Predominam expressões de baixo calão e temas do cotidiano, como casos passionais, futebol e mulheres; sobressaem-se os exercícios poéticos e a autobiografia que se delinea como uma justificativa.

⁶¹ PRADO, Marcos. **O livro de poemas de Marcos Prado**. Curitiba: FCC; São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 34.

⁶² *Ibid.*, p. 25.

5

pode ser que eu seja apenas vagabundo
 ou um solitário que aprendeu no verso
 que isso a que chamam de mundo
 não é o centro das atenções do universo⁶³

Ainda:

este traste que você está vendo
 conhece todos os teus defeitos
 você diz “triste”, eu digo “é jeito”
 você diz “morrendo”, eu digo “sendo”

vivo até a morte do meu raciocínio
 um mal que herdei não sei de quem
 bem, nunca o mal do suicídio
 me fez pular do prédio em fren

te e nem sempre se considerar diferente
 de quem quis a vida como não quis
 foi o que fiz, mas paralelamente
 tentei de todo o jeito e forma ser feliz⁶⁴

As constantes parcerias com músicos locais, poetas, atores, fotógrafos, trazem à sua poética tais influências, como o texto mais coloquial e noturno, o *blues* que reclama à noite o viver dos homens:

ninguém nasce azul
 não se põe no mundo
 alguém azul
 mas quando a noite baixa
 se levantam
 os tristes homens azuis⁶⁵

O humor também tem vez na memória dos relacionamentos amorosos: “você gastou tempo e perícia [...] depois fumou todo meu cigarro / roubou meu isqueiro roubado / [...] mas não fiquei preocupado / só saí e comprei um revólver”⁶⁶.

⁶³ *Ibidem*, p. 22.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 49.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 57.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 42.

De novo aqui, a aproximação com os valores de uma cidade mais urbana, que ilustra casos passionais e psicológicos diversos dos de outrora. Não que não ocorressem, mas é na Curitiba dos 1990 em que se agrava a questão da violência, do uso de drogas, da diferença social em virtude da propaganda e da ótica gestora propostas pelo mecanismo de poder.

O esforço pela busca da própria forma de compor, e a ótica de que a poesia é vida e que morrer por essa escolha é norte a se vislumbrar, dão a sua poética um misto de desculpa e vontade em torno de um caminho vital:

estou com um cheiro de merda
 embaixo do meu braço
 me sinto um porco
 meu pé fede
 na verdade estou apodrecendo

mas me vem um lirismo
 - coisa que já não existe mais –
 e, enquanto babo vodka
 e pela boca sugo o cigarro vagabundo,
 vejo através de nuvens negras as estrelas⁶⁷

Em relação ao Concurso Helena Kolody, também há pontos de contato, fronteiras, por exemplo, o diálogo com a tradição da poesia modernista, ou mesmo, a influência da cotidiano e da cidade na escolha dos temas.

A irreverência e o termo vulgar são suas marcas registradas e, de certa forma, há um grito desesperado contra o estatuto, talvez a maior força desta poesia que traz à tona uma história local há muito tempo velada.

⁶⁷ PRADO, Marcos. **O livro de poemas de Marcos Prado**. Curitiba: FCC; São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 37.

2.3.4 O grupo Oss

A principal característica da geração de poetas OSS⁶⁸ é o experimentalismo. Seja na composição a várias mãos, seja no desejo de uma nova ortografia da língua portuguesa, seja nas livres-adaptações, ou mesmo, nos poemas. Um pouco de herança do rock'n'roll misturada à espontaneidade, ironia, humor, contemporaneidade. O próprio formato dos livros e a publicação pela editora que os poetas têm em comum – Lagarto Editores – demonstra isso. Seus autores – Marcos Prado, Thadeu Wojchiecowski, Sérgio Viralobos, Roberto Prado e Edson de Vulcanis – misturaram muito de suas composições com o *rock* local, desenvolvido no Estado no início da década de 1980. Tem na sua formação o gosto pelos clássicos, mas a aversão a líderes. Conciliam poesia concreta, marginal e filmes B (de terror), como os encenados por Zé do Caixão. Embora atuantes desde 1978, é na década de 1990 que publicam a maioria de seus livros.

Uma obra específica do período em questão, *Os Catalépticos*, suscita um olhar diferente sobre a tradução literária ao passo que traz intrínseca uma das concepções de poesia vigente nos anos 1990. Publicado em 1991, o livro difere-se de outras produções porque não é assinado por um autor, mas por quatro autores: Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Roberto Prado e Sergio Vira-Lobos. Há poemas em que a produção pertence aos quatro, outros em que participam três, dois autores; de modo que o processo criativo torna-se bastante democrático e abrangente, afinal não se trata de um, mas quatro indivíduos trabalhando em conluio. Tal prática assemelha-se, em partes, a uma oficina de tradução e criação, onde as ideias tramitam e transitam, propondo maiores soluções em virtude do diálogo engendrado para tal fim.

Se pensarmos o quanto o estatuto do autor representa numa publicação, estamos diante de uma atitude estética no mínimo não elitista, porque não apoiada no teor de verdade que a autoria representa. Entretanto, o que interessa no momento é a

⁶⁸ Por geração de poetas OSS refiro-me à própria concepção que os autores têm de si. Em um livro dos autores aparece a seguinte definição: 'OSS: ossichinobu – vem do japonês. Pode ser traduzido como opa, e aí, oi, desculpe a porrada. (...) já em português **imaginamos** [grifo meu] que possa ser um anagrama de save our souls, o plural do artigo masculino plural os ...' Ou seja, a atitude irreverente está no cerne do grupo.

proposta de tradução literária que esta “poesia a quatro mãos” propõe, percebida na introdução da obra:

Os catalépticos são os que morrem e,
 algum tempo depois, voltam.
 Normalmente eles são enterrados vivos.
 Pretendemos com esta obra, não só
 enterrá-los mais uma vez como também
 rir a mortalhas despregadas.
 Não se fala aqui de uma tradução
 ipisis literis, são apenas novos
 mesmos poemas.⁶⁹

Ou seja, não se trata de procurar traduzir os poemas segundo a concepção mais comum acerca da tradução: a versão literal. Pelo contrário, poemas bastante conhecidos no meio literário ganham uma nova roupagem, mais adequada à coloquialidade e à linguagem contemporâneas, processo que legitima o estilo de poesia de seus autores e as obras já consagradas, por ora adormecidas devido a sua catalepsia. Preferem operar estes poetas tradutores com o que chamam de livre adaptação, ou ainda, recriação/síntese. Trata-se de uma maneira diferente de traduzir, que, todavia, não deve ser vista como desleixo ou incapacidade artística, mas como uma vontade de recriar o poema nos trópicos, adequando-o ao vocabulário e aos valores da cultura recente. São “novos mesmos poemas” de Baudelaire, Dante, Yeats, Poe, Mickiewicz, Shakespeare e, resalte-se, Camões. Todavia, a escolha dos termos, bem como a modulação da voz poética, mira para o vocabulário coloquial - às vezes chulo -, para uma poesia muito próxima à poesia marginal da década de 1970; que, aliás, é uma das características da poesia feita na década de 1990, em Curitiba.

2.3.4.1 Um Fausto: livre adaptação de Goethe

Produzida dois anos mais tarde, 1993/1994, *Um Fausto* é uma tradução que prima pela participação de dois dos quatro autores presentes na obra *Os Catalépticos*:

⁶⁹ WOJCHIECHOWSKI, Thadeu. **Os Catalépticos**. 1ª ed. Curitiba: Lagarto Editores, 1991.

Thadeu Wojciechowski e Sérgio Viralobos. Também de caráter experimental – marca comum a estes autores – a proposta conserva um tom de reverência e deboche. Repare-se a advertência inicial:

De como Antonio Thadeu Wojciechowski e Sérgio Viralobos, mesmo sem entender bulhufas de alemão, fizeram esta livre-adaptação da obra de Goethe, **sem prejudicar-lhe o gênio** [grifo meu], conseguindo ainda, emprestar-lhe modernidade suficiente para os próximos mil anos e, além disso, propiciar ao povo alemão a oportunidade de uma nova e total tradução.⁷⁰

Em termos comparativos, esta recriação se dá com maior liberdade em relação à obra original, pois o enredo da narrativa, em verso, parte de uma pressão do editor sobre o poeta, para que este componha uma obra e aí surge *Um Fausto*. De novo, estão presentes a coloquialidade: “Dá um baita azar seduzir a mulherada”⁷¹; a irreverência: “Mefistófeles, quando quer, é gentleman doutorado,/ só sendo de outro mundo pra bolar um plano tão bem traçado./ procurando paparicar as duas desmanchou-se em agrado ...”⁷²; o termo chulo: “Nem fodendo, o diabo não faz nada de graça”⁷³; e, principalmente, o humor:

Margarida

Henrique, jura por Deus que você não é ateu?

Fausto

De juras bastam as minhas de amor por você?

Margarida

Eu me refiro a um amor acima do meu e do teu.

Fausto

A bíblia torna descrente quem a sabe ler.

Margarida

Deus é uma figurinha difícil no seu álbum de mitologia?
[...]

Margarida

⁷⁰ WOJCIECHOWSKI, T. *Um Fausto*. Curitiba: Lagarto Editores, 1994. p. 3.

⁷¹ *Id.*, p. 32.

⁷² *Ibid.*, p. 26.

⁷³ *Ibid.*, p. 19.

Falou tão bem quanto um padre, só que em outro tom.

Fausto

Lá me vem você com mais um lugar-comum.

Margarida

Tudo que mal se conhece parece bom.⁷⁴

Sem dúvida, de todos os poetas apresentados para situar um pouco da poesia estadual, estes autores mostram-se bastante originais, principalmente no que diz respeito à linguagem vulgar, ao palavrão e, principalmente, a questão da tradução enquanto livre-adaptação, ou ainda, recriação pautada no humor e na ironia. Outro aspecto relevante é que suas publicações alternativas, ao lado do Concurso Helena Kolody e do Jornal Nicolau, vão formando o “exemplo”, ou ainda, “a referência” de poesia pós-Leminski para a cidade e para o Estado.

2.3.5 Wilson Bueno

Wilson Bueno destaca-se pelo valor literário dado à tradição e ao estudo no seu livro de poemas publicado em 1996: *Pequeno Tratado de Brinquedos*⁷⁵, livro que reúne 58 *tankas*⁷⁶. O título, tirado do depoimento de Guimarães Rosa, é adequado se se puder pensar que os *tankas* que produz têm no jogo poético de se escolher o termo adequado à métrica imposta o divertimento e a entrega infantil, também marcada pela capacidade de se captar o instantâneo inerente também ao desafio do poema japonês. O brinquedo – maior companheiro da infância – é o acessório que fica daquela espontaneidade ida, assim como sobram ao leitor o poema e o objeto ao longo do envolvimento sedutor entre o momento e o poeta. Não são todos os *tankas* resolvidos

⁷⁴ *Ibid.*, p. 33-34.

⁷⁵ BUENO, Wilson. *Pequeno Tratado de Brinquedos*. 1ª ed. Curitiba: FCC; Iluminuras: São Paulo, 1996. 80 p.

⁷⁶ Tankas são poemas de origem japonesa, cuja forma e conteúdo são derivados do haicai, pois a ele são acrescentados dois versos de sete sílabas cada, com o intuito de concluírem-no.

da melhor forma, mas há espaço para alguns marcadamente fortes, capazes de unir a tradição poética japonesa com a temática local, sem prejudicar ou mesmo favorecer uma em detrimento da outra:

migrantes
 em cinqüenta e cinco
 chegamos à ferroviária
 as malas e os filhos
 ante o súbito pinheiro
 primeiro pasmo do exílio⁷⁷

A apreensão do momento se dá no olhar à infância, sempre efêmera, mas vivaz:

exercício escolar
 três tigres trêfegos
 são mais que três tigres tristes
 decora o menino
 depois dorme mansamente
 e sonha com passarinho⁷⁸

Todavia a dicção presente nestes *tankas* não possui apenas o aspecto descritivo ou memorial, há espaço para a investigação filosófica advinda do caminho trilhado em torno da reflexão e da busca pelo conhecimento, incorporando nesta a religiosidade e o elemento sagrado-filosófico da cultura oriental. O aprendizado e o exercício do *tanka* são, então, trilhas que ao mesmo tempo em que orientam o desvendamento do vivido, a este incorporam um componente novo: a graça do caminho. O aprendizado está em trilhá-lo:

iniciação
 a vida do Buda
 tarde a desandar ciprestes
 o que pedi ao mestre

⁷⁷ *Ibid.*, p. 22.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 13.

só me ensinou o aéreo
de não ser mais que terrestre⁷⁹

O retrato mira em determinado momento a condição do artista, mais do que um buscador de caminhos, também um ser que insiste em trilhar o caminho árduo e longo e ausente de reconhecimento:

modigliani

quantos homens longos
moram num homem apenas?
- só o homem e o poema

sob paletós derrotados
os dúbios cabides choram⁸⁰

Nesse seguir a forma precisa, aparece o lirismo perpetrando a constante referência a Issa, Bashô, Ikedo e sua temática japonesa, pautando no instantâneo e espiritual, a descrição do motivo japonês frequente e originário do haikai: o peixe e o tanque.

crepúsculo

os peixes vermelhos
passou o poente sobre eles
de tinta escarlata

cor de prata eram no lago
antes da agonia da tarde⁸¹

Mas o que prevalece é a noção de efemeridade, da passagem das coisas como da do caminho, estando as vidas, os amores, as idades, os encontros e as visões apreendidas e aprendidas:

adeuses

⁷⁹ *Ibid.*, p. 65.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 53.

⁸¹ *Ibid.*, p. 44.

a nossa viagem
rota escarlate do nada
foi só de passagem

não durou mais que uma tarde
a trama da eternidade⁸²

Os tankas de Wilson Bueno possuem o respeito à tradição e à concepção oriental desta forma poética. Em muitos deles inclusive a temática está relacionada a valores da cultura oriental, em especial os divulgados pelo budismo, como grata aceitação, leveza e respeito à natureza.

São, de qualquer maneira, exemplos de estudo e de influência do legado japonês na literatura brasileira e marca da possibilidade de diálogo da década de 1990 com a cultura nacional e internacional. Outro aspecto é a concisão da linguagem, sempre subordinada à forma, além da economia de adjetivos. Em relação à produção estadual, é um caso específico, mas que servirá de exemplo para o autor Márcio Claudino, presente nas *Antologias* do Concurso Helena Kolody, deles retirar o interesse pelo estudo da forma e pelo exercício de um mesmo ritmo de composição.

⁸² *Ibid.*, p. 68.

3 O CONCURSO HELENA KOLODY

O Concurso “Helena Kolody” surgiu no ano de 1989, criado pela Secretaria de Estado da Cultura, por iniciativa do então secretário René Dotti. Foi coordenado por Regina Benitez, chefe do setor de editoração e organizado pela Comissão formada por Ana Maria Filizola, Célia Regina Polidoro, Eliane Eme Sato, Paulo Roberto de Oliveira Reis e Julio Cesar Lemasson. Segundo o editorial que o apresenta, surgiu com a intenção de prestigiar “os nossos poetas”, através de uma “chamada geral”, “oferecendo oportunidades iguais a todos os poetas do Paraná”.⁸³ Seu nome é uma homenagem à poeta paranaense nascida em Cruz Machado, Helena Kolody (1912-2004), que depois de Paulo Leminski era na época bastante cultuada. Há, inclusive, na *Antologia* que reúne os vencedores – denominada “*Os Poetas - Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná*” – uma epígrafe em que a poeta dá seu testemunho e ao mesmo tempo abre o rol de contemplados: “Desde criança amei os pássaros, as palavras e as canções. Na adolescência, comecei a cantar meus sonhos em versos. De sonhos aprisionados em poemas inventei muitos livros. Dedico-me agora a aplaudir as novas gerações.”⁸⁴ Houve a inscrição de 700 autores, porém muitos foram desclassificados, restando 470. Cada participante enviou três poemas. A comissão julgadora foi formada por Ronaldo Schuller, Clovis Ribeiro e Milton Santos; foram selecionados 30 poetas.

Detalhe importante é o fato de que a ausência de remuneração e uma classificação não gradual terem sido exigências de Helena Kolody, como condição para emprestar seu nome ao evento. Ronaldo Schuller, ao presidir a comissão julgadora, teve como critério avaliativo a presença de “diferentes estilos e tendências, para dar ao volume uma ampla visão da diversidade que caracteriza esta produção.”⁸⁵ Este desejo

⁸³ Editorial escrito por Regina Benitez. In: Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 5.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 7.

⁸⁵ MILLARCH, Aramis. “Os poetas”, uma antologia da lírica paranaense. **Estado do Paraná**. Curitiba, 10 jun. 1990. Caderno Almanaque, p. 3.

também aparece no editorial de Regina Benitez, a escritora afirma ter procurado “a beleza em conjuntos representativos das principais tendências poéticas do Estado.”⁸⁶

De fato, é evidente tal intenção, pois o Concurso surge como uma mescla não só de diferentes estilos, mas de diferentes domínios da poesia por parte de seus contemplados: há o jogo com a sonoridade das palavras, herdeiro do exemplo concretista e da síntese vocabular, porém muito preso à rima de fácil manejo, entre substantivos, apoiados na coloquialidade e na simplicidade dos termos. Comunga um pouco do que se entende por poesia do fragmento, aliada à proposta formal da poesia marginal, todavia carente de literalidade no jogo poético:

Garoto
Escroto
Maroto
No broto
Brotá
Marotá
Marolá
Que rolá
Relá
E melá
ELA⁸⁷

Presente também a tendência neorretórica, em que a discursividade ganha fôlego, em versos que tentam a reflexão sobre a “ordem” do mundo, numa semelhança formal e sonora entre os termos que impõe ritmo ao poema, bastante centrado na melopeia, numa alternância rítmica de sílabas fortes e fracas, de leitura fluida:

O MODO MUDO DO MUNDO

O povo, o Papa
A guerra, a garra
A estética – Será com (.) ou com (/)
O carro no barro
O tiro no aterro
O berro, o soro. Caro
Em Roma o raro, Nero em coma

⁸⁶ Editorial escrito por Regina Benitez. In: Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 5.

⁸⁷ SILVA JUNIOR, Aldo. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 24.

O quero não quero
 O vive e morre
 A mera quimera
 Um tango na torre e terra
 A serra, o anil
 Num giro o general subiu/caiu
 Na fome que tira o sono
 A mãe morreu o filho. Pariu
 O Bispo dispara o fuzil no Brasil
 O erro
 E no erro o afago
 No afago o foco do fogo
 E em jogo, o jogo contra o jogo
 Jorra da fonte a água
 O sangue da Nicarágua
 O troco, um taco
 Um pico, o trago
 Na voz do campo um canto santo
 O santo do campo num canto
 E enquanto santo
 Morre num canto mais um camponês sem
 Campo
 No ego a revolta, não nego. Digo
 No prédio um presídio (...) ⁸⁸

Este poema segue nesta “toada” por mais 90 versos, explorando a semelhança vocabular e sonora, numa dicção de fôlego que mistura o eu e o mundo, o privado e público, não distintos, e apresentados pela “revolta, não nego”. Impera um tom de desabafo, alicerçado como crítica social, como um “novo modo do mundo” em tempos de globalização, de relativização de cânones e valores. Quanto ao poema epigramático, está presente o verso condensado e imagético, a partir do olhar para a natureza,

TEMPORAL

O vento arrogante
 Expulsa as nuvens do céu
 Que choram desesperadamente. ⁸⁹

Nos versos acima fica marcada um pouco da herança japonesa, muito cultivada em Curitiba por Paulo Leminski em que o poema funciona como uma tentativa de

⁸⁸ SIQUEIRA, Wilson dos Santos. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.144.

⁸⁹ SLOMP, Rita. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.113.

apreensão da natureza momentaneamente, uma forma de registro do efêmero e do belo oferecidos pela paisagem que se mostra ao poeta. Verifica-se um maior domínio em relação aos poemas anteriores no que diz respeito à lapidação, trato vocabular e imagem poética. Por outro lado, há poemas breves, que carregam na expressão lírico-amorosa o tom confessional. Este se apoia na ambiguidade vocabular e no jogo de metáforas relacionadas à violência, muito comum no universo amoroso,

POESIA MARGINAL

Depois de assaltar corações
Minha paixão foi presa em flagrante,
Acusada de matar saudades.⁹⁰

Presente também de forma declarada o haicai, evocando a herança leminskiana e de certo modo aludindo à sua influência e prestígio na cultura paranaense⁹¹:

As estrelas
Serão leminskianas
Nos hai-kais curitibanos⁹²

Em termos tradicionais, está entre os poemas escolhidos também o soneto lírico-amoroso, neste caso, alternando pergunta e resposta ao eu-lírico, pautado na divisão estrófica regular e na rima simples:

DIÁLOGO

Sentes? – Oh, sim! Talvez pura quimera...
Gostas? – Não sei! Talvez seja insincera...
Queres? – Demais! Talvez não seja a hora...
Choras? – Oh, não! Talvez devesse, embora...

Sofres? – Por Deus! Talvez nem eu quisera...

⁹⁰ KUCHENBECKER, Luis A. Pena. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 79.

⁹¹ Já tratei desta questão no capítulo anterior, mais precisamente na página 20.

⁹² CHAGAS, Róbison Benedito. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990 p. 121.

Pedes? – No olhar! Talvez me custe a espera...
 Penas? – Quanto! Talvez seja por ora...
 Punes? – Pouco! Talvez perdoe agora...

Deves? – Será? Talvez esteja em falta...
 Julgas? – Nunca! Talvez o que ressalta...
 Lutas? – Nada! Talvez me feche a porta...

Sonhas? – Tanto! Talvez em grande excesso...
 Vives? – Finjo! Talvez tenha progresso...
 Amas? – Cala! Talvez deixe-me morta...⁹³

Se por um lado há o domínio da forma, o conteúdo tem uma aparência mais imatura e um tanto pueril, típica dos poemas de amor. Outra presença poética se dá por meio da técnica do fragmento, da poesia suspensa na página, aproveitada a partir de elementos da cultura popular, como o ditado e a intertextualidade que dele provém:

devagar com a dor
 devagar com o andor
 que o coração é de barro⁹⁴

E a erudição se faz presente – muito comum em participantes egressos de cursos da área de Humanas – em poemas que trabalham vários estratos da palavra, alicerçados em conhecimento histórico-cultural, inclusive com o manejo de outros idiomas, proposto como poema sobre poema, propondo uma crítica a algumas instituições que também se impuseram pela palavra – “dominicani, domini cani, si cum jesuitis non cum Jesu itis” – numa sondagem sobre as diversas possibilidades dadas ao lirismo:

eu PALAVRA

A palavra,
 maledicente,
 beneditina –
 dominicani, domini cani
 si cum jesuitis non cum Jesu itis –
 tem seu tempo

⁹³ BASSETTI, Alzelli. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 33.

⁹⁴ MARQUES JR., Nailor. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.95.

no tempo de intrigas e amores
 seus tons
 colorida de rimas e cores
 estas últimas todas velhas
 sensaboronas, íngremes, fétidas
 lugares comuns
 que visito e revisito
 (como já foi dito)
 Para descobrir-lhes caras nova

até ao engraxar sapatos
 se descobrem brilhos

afinal não é o mesmo dizer
 prosa poética
 poesia prosaica

titubeio entre os medos
 de se fazer uma ou outra
 (...)

E como sempre
 muito palavroso.⁹⁵

A metapoesia – muito praticada na década de 1990 – aparece ainda na práxis do fazer poético, como condição de entrega entre o eu e o papel, na sublimação dos desencantos:

SIMBIOSE

Mergulho nos livros,
 porque o mergulho em você,
 já não é possível.
 Me agarro às palavras,
 como náufraga.
 Reconstruo com elas meu mundo,
 feito a partir de agora,
 de papel e letra.
 Corto os pulsos e deles
 gotejam apenas tinta negra,
 a mesma que mancha a superfície do papel
 e compõe os versos do poeta.⁹⁶

Ou mesmo, no refletir acerca do fazer poético enquanto apuro que não se

⁹⁵ SOETHE, Paulo. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 105-106.

⁹⁶ BERWIG, Carla. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 37.

realiza plenamente:

CONSIDERAÇÕES

A avidez monumental
Da palavra-poesia
É utopia.

Os sons do poema
Espessos
Pelo universo irreal
São vagos
Na forma e na dor.

O deserto do poeta
Se deleita
Na infrutífera capacidade
Da arte de um
Poema
– o desespero do poeta –⁹⁷

Está presente também a mistura de dicções, alternando-se ora a variedade culta, ora a variedade regional, suplantadas pelo jogo de foco narrativo, marcando enlaces entre prosa e poesia, com grande parcela de originalidade principalmente no que diz respeito ao tratamento dado ao amor espontâneo e recíproco:

CREPÚSCULO BÓIA-FRIA

O crepúsculo ardeu em chamas,
incendiando o céu da tarde...
“Nóis punhemo os petrecho nas costa”
Um sol sanguíneo ameaçou a noite,
como quem vai, mas não sai...
“Nóis andemo lado a lado”
O horizonte sorriu na crista do mundo,
no encontro da terra com o céu...
“Nóis dois nos oiemo muito nos óio”
O vento soprou da bocarra do sudoeste,
pretendendo morder o sol de fogaréu...
“Nóis paremo inriba do trigal”
A brisa fez mar no trigo dourado
e a sobra de luz surfou nas ondas...
“Nóis fiquemo cum medo e fogo...”
Meio sol sumiu e sombras cresceram,
oferecendo abrigo e segredo cúmplices.

⁹⁷ ROSA, Sadi Nunes da. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 127.

“Punhemo os petrecho naquele chão”
 A noite brilhou nas primeiras estrelas
 e o dia moribundo afogou-se numa nuvem...
 “Larguemo as roupa e as vergonha”
 O trigo ondulou mais forte na alegria;
 ali mesmo, no afago das canseiras...
 “Os dois fogo se junto num só...”
 A noite atou seu nó sobre o resto do dia,
 mas todos os caminhos já estavam decorados...⁹⁸

No que diz respeito ao elogio à cidade, há um tom ufanista em alguns poemas, marcados pela edulcoração, retomando as perspectivas ideológicas anteriores à década de 1950 e persistentes até o presente, no caso de Curitiba, por meio do Centro de Letras do Paraná:

CURITIBA

Abençoado seja o sonho gestante
 E o exército de anjos-engenheiros
 Onde esperança em movimento
 E parte de todas as coisas te fizeram Curitiba.
 Hoje, mãe dos nossos olhos...
 Respira o exato da paz
 E espera diante do teu magnífico berço
 Um novo despertar com o compromisso e a beleza.
 É que Curitiba cresce!
 Quem te fez laboriosa num sono
 E êxtase para sempre
 Hoje dorme tranquilamente nos braços da Rua XV.⁹⁹

Também aparece uma homenagem a Leminski no plano temático, valorizando não a influência de seu estilo, mas a influência de seu valor simbólico para a cidade e, conseqüentemente, para o Estado. Falecido no ano anterior ao Concurso e motivo de “exemplo” a partir de sua morte, o poema abaixo de certo modo antecipa o “endeusamento” característico ocorrido na década de 1990, principalmente:

⁹⁸ LIMA, Luiz André Correia. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 82.

⁹⁹ BRAGLIA, Heloisa. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.66.

HOMENAGEM A PAULO LEMINSKI

Teus versos vagam
 Nas noites de Curitiba.
 Gemem teus versos
 Nas sombras de seus parques.
 Brilham nas vitrines.
 Dançam nos paços dos transeuntes.
 (...)

Rondam nos bares os mesmos lugares
 Em que bebeste, mais que de tudo,
 Da própria alma, feita poesia.
 (...)

Lê, lê, lê, Leminski!
 Lê, lê, lê, Leminski!
 Poeta Paulo, Paraná em poesia,
 Poeta do povo,
 Deixa que meu verso cante saudoso:
 Lê, lê, lê, Leminski!
 Lê, lê, lê, Leminski!
 O mais é lembrança mergulhada
 Na infinitude perene de tua obra.¹⁰⁰

Presentes também poemas em torno da urbanidade, pensados a partir da cidade e de sua organização social e cultural, como é o caso de “A gostosa do ônibus (II)”, marcando a modernidade com certa dose de humor e ironia:

o polaco timidamente arriscou:
 puxa, você é modelo?
 ela falou: quem me dera, sou telefonista.
 hoje é meu dia de folga.¹⁰¹

Ou mesmo, a passante, num eco à Baudelaire, versos prosaicos num tributo à beleza carnal, ao mundano:

A GOSTOSA DO ÔNIBUS (I)

vestido gostosamente curto
 meia listrada salto alto
 coxas de fora corpo colante

¹⁰⁰ SIMÕES, F. D. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 64.

¹⁰¹ HOFFMANN, Edu. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 49.

tarava mexia
 incomodava o ilustre passageiro
 no ar a reprovação das velhas senhoras
 os homens meio olhavam
 meio desentendiam cara de bobos
 até que num ponto da Raquel Prado
 a gostosa desceu.
 Todos respiraram
 aliviados.¹⁰²

Também surgem exemplos de coloquialidade unidos à irreverência, como nos versos de Roberto Prado, numa poesia fragmentada, marcada pelas lacunas de significação e certa incompletude:

a dúvida nunca foi o meu cruel
 há muito perdi a conta
 de quantos quero ver na escola

certo, errado, cabeça tonta
 viva quem coloca a bomba
 e quem a desmonta¹⁰³

Pouca é a presença da coloquialidade unida à ótica social, voltada para a exposição de indivíduos menos favorecidos: quando aparece, trata-se de um poema com uma aura mais elegíaca do que político-ideológica:

A LAVADEIRA

Morreu hoje!
 Aquela que acordava a aurora...
 As espumas não correrão mais na rua.
 A favela está de luto...
 Ela era muito amiga!
 Vão tirar as tábuas que fazem parte da parede,
 Farão o caixão...
 Vão desfazer o varal,
 Queimar o batedor,
 acabar com o giral,
 nada mais vai ali quarar.
 Morreu hoje!¹⁰⁴

¹⁰² *Ibid.*, p.48.

¹⁰³ PRADO, Roberto. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 116.

¹⁰⁴ SÁ, Divino de. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990 idem, p. 42.

O lirismo colhido do cotidiano, apurado pelo olhar poético, na linha neorretórica que intenta a reflexão em torno da pureza também está presente, além da simplicidade colhida do menino que rima o seu sorriso com a pergunta do eu-lírico:

MARIAR

Outro dia
Um menino que desenhava
Me disse que ia
Mariar

E mariar seria
Botar na folha de papel
Um azul do céu
Um azul do ar e mar
Um azul de doer o olho
E fazer chorar

Querendo fazer um poema
Perguntei ao tal menino
Se não tinha alguma coisa
Que rimasse com abril

Ele riu¹⁰⁵

E ainda na trilha do lirismo, fundindo humor e auto-ironia a poesia urbana de Marcelo Brum-Lemos, ácida e crítica na voz que reavalía os momentos idos e seus enganos:

ENLATADOS CONJUGAIS

Você tão distante
É estória tão ambígua
De ser Fidel e Alighieri Dante,
De ser ouvido e ter a língua
Mordendo o dente, distraída.

Estendi teus versos no varal
Para secarem ao outono
Mas as rimas esquecidas
Sem dono viram pó
Num bolso d'outro paletó.

Quer saber?
Nossos corações tinham tanto a ver

¹⁰⁵ SOUZA, Vanderlei de. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.134.

Quanto o inverno batendo às portas da Sardenha
Numa lata de Sardinhas...¹⁰⁶

De fato é o ecletismo a maior característica deste Concurso, surgido sob a ideia de “panorama geral” e marcado pela mescla de autores, não só de estilos diferentes, mas de idades diversas também. Muitos dos participantes, principalmente os mais velhos, pertenciam na época ao Centro de Letras do Paraná, alguns inclusive a famílias tradicionais do Estado. Ainda assim, percebe-se que o critério foi a diversidade e que o rigor poético cedeu lugar ao desejo de abrangência de estilos.

Esta abrangência permite por hora perceber a predominância do poema curto, sintético, de temática lírico-amorosa e bucólica. O poema longo é raro e na maioria dos poetas está pautado na concepção de poesia enquanto um texto carente de rigor, de escolha vocabular pouco apurada, em que a rima e o tema amoroso se sobressaem.

Rememorando as perguntas iniciais feitas para nortear este trabalho, cabe frisar que o I Concurso Helena Kolody não traz o novo em termos de modernidade, pois a maioria dos poemas é passível de ser assimilada pelo Modernismo. No entanto, para Curitiba e para o Paraná esta primeira edição representa uma oportunidade de se mostrar o que por aqui se produz para apoiar a realização nos próximos anos de outros Concursos, além de incentivar os poetas a trazerem suas lavras à luz, ao prelo. Podemos constatar que predominou na escolha dos poemas certo bairrismo, num desejo forçado de manter o vínculo com o Estado e o discurso adequado. Também, desde esta primeira *Antologia* começa a aparecer autores que também estarão presentes em outras publicações do Concurso em outros anos, ou ainda, em outras formas de certame de poemas. Por fim, trata-se de grande variedade de poesia se olhada na perspectiva do senso comum e na contemplação de diferentes concepções de poesia.

¹⁰⁶ BRUM-LEMOS, Marcelo. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.88.

3.1 II CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY

A segunda edição do Concurso realizada em 1991 também seguiu a escolha de três poemas por autor e primou pela ideia de conjunto, de relação entre os textos lidos de cada autor. Os julgadores foram Eulália Radtke, Edu Hoffman e Nailor Marques Junior, todos presentes como autores na primeira edição do Concurso. Foram selecionados 28 autores, alguns já presentes na 1ª *Antologia* como Carla Berwig, Luis Alberto Pena Kuchenbecker, Rita Slomp. Na apresentação da *Antologia* há a menção à heterogeneidade homogênea presente nas escolhas dos selecionados. Em termos de poesia do fragmento, destaca-se Ângela Valore, retratando a fragilidade da constância dos eventos, aqui feita a alegoria com a maré, por meio de vocábulos que remetem ao fluir como marés, cheias, vazar, seiva, inundar e mesmo veias. O poema parte da percepção da falta de regularidade para mesclá-la à esperança que, em seguida, é tolhida pela certeza do fim, representado pelo amanhecer estéril, o que lhe dá uma aura realista e, portanto, dolorosa:

O que machuca nas marés
 É a inconstância
 Serão as cheias
 Hoje
 E hoje mesmo ainda vazar-te a seiva
 À noite inundam tuas costas
 No amanhecer
 Secaram tuas veias.¹⁰⁷

Em Jane Bodnar, os versos fragmentados retratam o humor, porém com maior economia de palavras e apoiados nas semelhanças vocabulares e silábicas. Há perspectiva cética, aliado à sonoridade e à síntese no dilema entre opostos:

Do ébrio
 Ao sóbrio

 Sobram

¹⁰⁷ VALORE, Angela. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 23.

O bafo
E o óbvio¹⁰⁸

E há em Reginaldo “Rollo” de Resende, uma fusão com a ótica existencial advinda da experiência com o cotidiano:

o orgulho e o ridículo de deixar bilhetes
pela casa e viajar:
“preciso da tua atenção”

quando definitivamente desembarco, me prosto no quintal.
o maracujá sobe o abacateiro,
confundem-se suas folhas de um mesmo verde carregado.
grilo pousa na minha calça.
por ventura, serei mais confortável que
uma pedra? ou
um ramo? mas

-repousa

agora sai grilinho
que vou me roubar este poema¹⁰⁹

E a percepção da natureza, por Rita Slomp, marcada pelo desejo de pintar com palavras o efêmero, o momentâneo, fundindo as duas brevidades, de conteúdo e temática, num olhar muito próximo à simplicidade requerida por muitos pintores:

TELA

Um arco-íris
Tinge o céu
E a chuva se derrama
colorida¹¹⁰

A poesia epigramática aparece com Carlos Augusto de Oliveira, em que os versos curtos, com poucos termos, trazem humor por meio de elementos do cotidiano,

¹⁰⁸ BODNAR, Jane. **II Concurso Helena Kolody de Poesia. Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 63.

¹⁰⁹ RESENDE, Reginaldo R. de. **II Concurso Helena Kolody de Poesia. Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 131.

¹¹⁰ SLOMP, Rita. **II Concurso Helena Kolody de Poesia. Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 137.

além de proporem uma leitura imediata e espacial:

OVO

Al gema
Clara prisão¹¹¹

E com certa dose encomiástica na referência à morte de Quintana, o qual tinha enorme afeto pela capital gaúcha e nela sofreu muito, mas que aqui soa como o lugar do além-túmulo ocupado pelo poeta. O trabalho com a ambiguidade vocabular permite tanto a leitura da chegada de alguém a Porto Alegre, quanto à chegada do vate ao paraíso.

DESPEDIDA
A Mário Quintana

No cais
Depois da tristeza
Porto Alegre.¹¹²

Também há espaço para a metapoesia, presente na produção de Carla Berwig, expondo o poeta como metáfora do ser humano em suas várias vertentes, além de marcar a constância de tal ato na anáfora “morrem poetas”. É relevante o desfecho do poema em que “poeta” pode ser sinônimo de povo, do indivíduo que sucumbe frente à dureza das decepções, à realidade contrária que atinge toda coletividade:

REALIDADE

Todos os dias morrem poetas.
Morrem poetas ao amanhecer
Na primeira luz da aurora.
Morrem poetas na angustiante
Hora do entardecer.
Morrem poetas atropelados
Nas largas avenidas e também
No triste anonimato dos
Pequenos apartamentos.

¹¹¹ SOUZA, Carlos A. de. **II Concurso Helena Kolody de Poesia. Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p.27.

¹¹² SOUZA, Carlos A. de. **II Concurso Helena Kolody de Poesia. Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 29.

Morrem poetas iluminados
 E morrem poetas anuviados
 De tanta solidão.
 Morrem poetas bem amados
 E morrem poetas amargurados
 Sem nunca conhecer o amor.
 Morrem poetas protestando na praça
 E poetas entre champanhas borbulhantes.
 Morrem poetas aos domingos
 E nas segundas-feiras de manhã
 Antes do café e do jornal.
 Morrem poetas no sol
 Calcicante do meio-dia.
 Morrem poetas do amor, da dor, do povo...
 Morrem poetas de fome.
 Morrem poetas loucos, bêbados,
 Insensatos, desatinados...
 A cada dia morre um pouco
 O poeta que existe em mim,
 O poeta que existe em ti,
 Que existe em cada um de nós,
 Morre com uma porrada na cara
 Que a vida dá na gente sem nem
 Olhar pra trás.¹¹³

O haicai de Carlos Ribeiro evoca a vestimenta de caminho a que está sujeito o retirante já tão despido de tudo, fazendo relação à natureza – obrigatória no poema de origem japonesa – mas a ela acrescentando o social, um exemplo menos incomum:

HAI-KAI DO RETIRANTE

Ao azul a estrada
 O retirante veste
 A nuvem esfarrapada¹¹⁴

Como exemplo de poesia epigramática, bastante prosaica, de olhar existencialista, aparece o poema abaixo, muito mais próximo da filosofia do que da poesia propriamente dita:

FIM DE JOGO

Morte
 Cartada definitiva da solidão

¹¹³ BERWIG, Carla. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 33.

¹¹⁴ RIBEIRO, Carlos J. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p.39.

A roupa nova perdeu o sentido¹¹⁵

Em termos de humor, com ares de modernismo à Oswald de Andrade, revela-se o poema de Helio Lettes, marcado pela ironia que mescla o místico e o cotidiano, passíveis de serem aplacados pelo mercado:

AFORJOLAS SANTA BRIDA

Pressentimentos?
Dúvidas?
Chio de Peito?
De cadeira de balanço?
Assombros?
Pinguela caída?
Para esses e outros problemas
Usem AFORJOLAS SANTAS BRIDA
Finos tecidos
Bordadas à mão
Não provocam efeitos laterais
Recomenda-se lavar
Após o uso.¹¹⁶

Persiste como na primeira edição da Antologia, o poema–homenagem, no caso a Leminski, falecido em 1989 e desde aquele momento referência – negativa ou positiva – para os poetas que compõem no Estado e principalmente em Curitiba:

POETA MORTO?

No laboratório
Do tempo
O negativo
Não tem retoque.

Agora,
O sangue
Coagulado
Confunde
A autópsia
E não delata
A falta
Que alguém lhe fez
Ao seu lado:
Calado o homem,

¹¹⁵ SILVA, Helena A. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 50.

¹¹⁶ LETTES, Hélio. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p.54.

A palavra
Vive.

Já que a lua
Está ocupada agora
Com outros poetas,
Corteja, Paulo, as estrelas.

A poesia derramada
No teu colo
Alcançou o infinito.¹¹⁷

Há também poemas experimentais influenciados pela escola concretista, por meio de apelos visuais que propõem leituras não lineares e dialogam com a poesia em voga na época:

onde
o olho
 olha
o lhe
 Ele f
 alha¹¹⁸

E no aspecto lírico, há espaço para o poema que experimenta um jogo de diálogos entre o eu e o olhar do outro, por um viés crítico e voraz, pautado em dísticos que dialogam entre si e funcionam como respostas irônicas ou mesmo inadequadas para os questionamentos de ordem moralizante. De novo o verso é prosaico e a linguagem bastante coloquial, o que não compromete as inferências literárias e culturais, como James Joyce, liberdade de visual, entre outras:

ELES NO DETECTOR DE MENTIRAS

Andam falando que estou chateado:
- SAPATO COR-DE-ROSA!

Não é mentira; estou falho:
- LIVRO DO JOYCE!

A família me corrige, comida, casa:
- TUTANCÂMOM TINHA UM CETRO!

¹¹⁷ VIEIRA, Jaime. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 56.

¹¹⁸ ZELIAK, João. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 73.

Meu terceiro sonho sempre redemoinha:
- LIBERD...!¹¹⁹

Persistindo nas respostas às questões que norteiam este trabalho, percebe-se que predomina o poema curto em que a brevidade e a fragmentação têm bastante alcance, o haicai está presente, mas com certa originalidade em relação à maneira como comumente é conhecido, isto é, se constata a pouca presença da poesia mais tradicionalista, muito recorrente na primeira *Antologia*. As experimentações visuais ganham mais espaço, nesse sentido este Concurso está mais próximo do que se entendia por poesia no período, principalmente na poesia feita por Arnaldo Antunes, em voga no período em questão.¹²⁰ O poema sobre o fazer poético desaparece por ora, ficando mais à espreita. Os poemas neorretóricos estão ausentes, o que permite ver certa veracidade na definição de “heterogeneidade homogênea”, se pensar que formas à parte – haicai, fragmentada, visual, epigramática, dísticos líricos – os poemas comungam poucos versos em sua grande maioria. Parece, mas ainda é cedo para afirmar, que as *Antologias* vão trazendo à tona tipos específicos de poesia, também encontrados em outros ambientes culturais brasileiros, que se confirmados ao longo das demais edições poderão representar uma poesia que reclama a sua voz.

Em termos de Curitiba, a importância dada à poesia aumenta, pois continuam as homenagens a Leminski, em tom de reverência e edulcoração e talvez seja o próprio Leminski com sua reflexão sobre a produção poética que dê o tom deste Concurso, pois a idade da maioria dos participantes é baixa em relação aos demais, muitos por volta dos 18 anos:

Nunca se viu tanta gente poetando. Ou nunca se viu tanta gente mostrando, já que fazer poemas é um vício secreto próprio da adolescência, nas classes alfabetizadas. Quem, aos dezessete anos, não tinha um caderno com seus pensamentos mais recônditos e preciosos, o incomunicável caderno de confidências e dos impulsos inconfessáveis? Não duvido que é aí que a literatura começa.¹²¹

¹¹⁹ ZELIAK, João. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 73.

¹²⁰ Refiro-me aos livros *2 ou mais corpos no mesmo espaço* e *As coisas*.

¹²¹ LEMINSKI, Paulo. “O boom da poesia fácil”. In:_____. **Anseios Crípticos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997. p. 61.

Aqui há outro valor deste Concurso que parece se delinear: o de perpetuar a prática poética no Estado, neste momento atingindo a camada mais jovem da população, ainda que de forma desigual no que diz respeito à poeticidade, mas atraindo um número relativo de poetas de pouca idade entre os escolhidos. Convém observar que o incentivo dado pelo Concurso não é de todo gratuito, uma vez que o aparelho ideológico do Estado possui com a poesia certa relação traumática, de modo que se pode pensar num incentivo à perpetuação da prática poética, porém de modo a não prejudicá-la com um discurso transgressor e crítico.

3.2 III CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY

A terceira *Antologia* surge sob a égide do ecletismo na escolha dos poemas, de modo parecido à primeira Antologia. De novo, são escolhidos 30 autores, com três poemas cada. A comissão julgadora pela primeira vez é composta apenas por mulheres: Alzelli Bassetti, Heloisa Braglia e Rita Slomp, todas selecionadas na primeira edição do Concurso, mantendo-se a prática de convidar autores selecionados em edições anteriores para julgarem as próximas. Há forte presença de sonetos e de poemas muito apoiados nas concepções de poesia anteriores ao Modernismo. Todavia, destacam-se autores com trabalhos que representam domínio do texto poético e criatividade. O aspecto lírico, por exemplo, em Helder Louis Rodrigues, ganha um tratamento retórico, linguagem coloquial e uma subjetividade que remonta à lírica modernista brasileira no que diz respeito à reflexão em torno do “eu” que rememora o amor vivido. Em termos formais, o ritmo segue a cesura modernista e a sonoridade é quase nula. Como se fosse um aviso mesmo:

AVISO

Minha pele reclama teus suores distraídos
e a mente aquele projeto que iríamos
empreender para algum dia:

sermos crianças quando tivermos que ser grandes
batendo na mesa reclamando nova infância.
Fomos apenas adultos tropeçando em erros
mentindo no engasgo dos atos.

Aparece num quando desses. De vez em dia.
Palavras não devem ficar amordaçadas.¹²²

Outra forma de lirismo, mas fundida à lição visual está presente no poema de temática existencial de Ivan Santana, o qual propõe um conluio entre o poema discursivo e o exemplo concretista, como se um fosse o complemento do outro, argumento presente inclusive na sua temática:

S
N O S
S O M O S
N O S
S

somos de tudo um pouco
somos de nada muito

somos um mero número um
somados a zero já somos dez

desgastos
desgestos
desgostos
somos os
monstros
sem rastros
sem restos
sem rostos

todos sós
todos sócias
de nós mesmos¹²³

Outro exemplo está presente em Marcelo Brum-Lemos, de tom lírico-amoroso e discursivo. A subjetividade é marcada pela memória do amor vivido, porém há maior aproveitamento das rimas, ou mesmo, do jogo possível com a ambiguidade, por exemplo, os termos “nós”, “contas”, laços; além de algumas liberdades herdeiras do

¹²² RODRIGUES, Helder L. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 78.

¹²³ SANTANA, Ivan J. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 82.

Modernismo, como o uso de substantivos sem pontuação:

ÁBACO

perdi ontem a conta dos nós
que demos a sós
retorcida alegria
pouco a pouco escurecida
falta de norte

é isso aí:
desta vez
perdi de vez
as contas de Nós
amor sem sorte

hoje
pleno inverno
paletó gravata terno
sapatos e os laços
nos cadarços - enumero¹²⁴

A crítica social, não frequente nas seis edições estaduais do Concurso, está de maneira sutil aliada à poesia breve, mínima, de Paulo Munhoz:

IGREJAS

Vejam as velhinhas de minha terra
Que não têm roupa.
Constroem com rezas e rifas
Enormes símbolos fálicos.¹²⁵

Da crítica ao outro, o poema curto também cede espaço à crítica de si, pautada no humor, segundo Cynthia Etgens,

TAÇA

às vezes eu sôo
tão falso
que nem eu mesma

¹²⁴ BRUM-LEMOS, Marcelo. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 112.

¹²⁵ MUNHOZ, Paulo R. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 122.

acredito
que seja
uma taça

eu não sou
mesmo¹²⁶

A poesia epigramática, breve, condensada, possui menos adeptos nessa edição do Concurso, mas encontra seu espaço, seja no olhar lírico que funde natureza e introspecção,

FÉ

no barulho do vento que varre a folhagem
buscar o eco de um retrato
falado de deus¹²⁷

ou mesmo, no registro da solidão, ambos de Luis Alberto Pena Kuchenbecker:

cravejado de cervantes
meu coração carrega os pianos
que a saudade toca de ouvido.¹²⁸

Este Concurso funciona como uma síntese entre as duas edições anteriores, de modo que muito do que ocorrerá ao longo das demais edições se parecerá com o tipo de poesia veiculada aqui, salvas as exceções. Por outro lado, pode ser visto como um ponto de chegada para os poemas feitos na concepção tradicional de poesia – parnasosimbolista – como, por exemplo, o poema de Antonio Salomão:

SAUDADE

Tentei compor o que jamais compus
a noite inteira como inteiro dia
mas o esplendor que derrama luz
retarda a sombra da existência pia.

¹²⁶ ETGENS, Cynthia. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 41.

¹²⁷ KUCHENBECKER, Luis A. P. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 104.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 106.

Minha saudade é a derradeira cruz
da longa estrada em que o amor me guia
pois ela fala de dois corpos nus
e lembra a cama que já foi macia.

Ela partiu e ao me deixar ferino
levou também minha ilusão sereia
de um paraíso que se fez favela.

E hoje na curva deste meu destino
minha alma pávida que em mim baqueia
sabe que eu morro de saudade dela.¹²⁹

Ainda na esteira do soneto e da concepção tradicional de poesia, vale mencionar o poema de Zélia Simeão Poplade, de temática social e certa dose de realismo no que concerne à temática, pois se conclui de maneira não positiva, ao revelar o descaso e a falta de altruísmo dos “transeuntes” pela pedinte que compartilha a mesma “calçada”. A simplicidade na escolha vocabular é surpreendida pela rima rara no primeiro terceto e versos à Bilac como em “trapos só trapos sobre os ombros tinha”:

A MENDIGA NA CALÇADA

“Por Deus eu peço, dêem-me uma esmolinha...”
Disse a mendiga em lágrimas banhada.
“Não só por mim, mas tenho esta filhinha.
Eu sou doente e vivo abandonada.

Quase sem forças para falar, gemia.
E a cada transeunte suplicava.
Mas, da infeliz ninguém se condoia
Nem mesmo a esmola de um olhar lhe dava.

Trapos só trapos sobre os ombros tinha,
Deixando à mostra o seio descarnado...
Prova evidente da sorte mesquinha.

Ao ver, enfim, que a noite não tardava,
A pobre mãe se foi com a filhinha,
Único bem que ainda lhe restava.¹³⁰

Este Concurso, após o panorama de poemas apresentado, começa a deixar

¹²⁹ SALOMÃO, Antonio. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 22.

¹³⁰ POPLADE, Zélia S. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 148.

transparecer uma questão talvez evidente, mas só possível de ser medida após três *Antologias* analisadas: a escolha dos poemas e de seus respectivos autores está relacionada à noção que a comissão julgadora possui sobre poesia, pois o Concurso se parece com o seu julgador. Tal especificidade permite entrever que as escolhas estão condicionadas e longe da isenção objetiva que se acredita existir nas comissões compostas para o julgamento dos Concursos. Em certo sentido, esta particularidade pode ser relacionada ao famoso texto de Mário Quintana, “Carta”, em que o poeta discute algumas questões da Teoria da Poesia na forma de conselho a outro vate:

Agora, que poetas debes ler? Simplesmente os poetas de que gostares e eles assim te ajudarão a compreender-te, em vez de tu a eles. São os únicos que te convêm, pois cada um só gosta de quem se parece consigo. Já escrevi, e repito: o que chamam de influência poética é apenas confluência. Já li poetas de renome universal e, mais grave ainda, de renome nacional, e que no entanto me deixaram indiferente. De quem é a culpa? De ninguém. É que não eram da minha família.¹³¹

Como se nas comissões julgadoras, respeitados os critérios mais objetivos possíveis, houvesse uma idiossincrasia intransponível que condicionasse a escolha, ainda que inconscientemente. Ainda, neste sentido, é relevante a afirmação de Bauman a respeito da significação da arte pós-moderna:

Pode-se mesmo dar um passo adiante e sugerir que o significado da arte pós-moderna é a desconstrução do significado; mais exatamente, revelando o segredo do significado, o segredo que a moderna prática teórica tentou firmemente esconder ou deturpar. Esse significado só existe no processo da interpretação e da crítica, e morre completamente com ele.¹³²

O leitor dá significado e valor ao objeto artístico: um modelo harmônico, mas não necessariamente no sentido positivista do termo. Ao eleger sua lista, ele o faz segundo critérios também subjetivos como verdade, vida, literatura, eu, poesia... O poema vai existir nesse ínterim, nesse breve espaço do seu significado. Ainda nesta perspectiva, o júri de um Concurso de poemas é também um corpo de leitores, que

¹³¹ QUINTANA, Mário. **80 anos de poesia**. 13ª ed. São Paulo: Globo, 2008. p.132.

¹³² BAUMAN, Zigmunt. O significado da arte. In: **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.136.

chegam ao texto com seu “horizonte de leituras e expectativas”, segundo as noções de Estética da Recepção¹³³ e de Leitor-modelo¹³⁴, as quais prezam pela singularidade interpretativa por parte do leitor. Não que a objetividade desapareça, mas o que cada vez mais se delinea é uma relação diretamente proporcional entre a concepção de poesia da comissão julgadora e o poema selecionado.

A partir deste Concurso tal afirmação terá maior teor de verdade, pois os Concursos passarão a ser julgados não mais por poetas, mas por críticos de literatura, professores, ou ainda, professores poetas; de modo que os poemas escolhidos estarão mais próximos daquela pergunta já proposta acerca de sua poeticidade. Aproveitando o viés, como já foi dito, este Concurso é bem eclético, mas representa um momento de ruptura, pois os demais Concursos que estão nessa análise não terão este formato em que a diversidade de estilos de poesia impera.

Outra consideração diz respeito à recorrência de autores: também se começa a ver que alguns poetas conseguem ser escolhidos em vários Concursos, superando comissões julgadoras distintas, dado que, por sua vez, agrega valor aos poemas porque resistem a diferentes olhares e seleções. Quanto às demais perguntas que norteiam estes questionamentos, este concurso simboliza a renovação do discurso poético pela assimilação de novos talentos com um horizonte de expectativas diferente dos “julgadores do concurso”.

Além disso, as “histórias locais” começam a aflorar com mais força na parte de conteúdo, mas a forma permanece ainda presa a concepções tradicionais do cenário poético nacional. De certo modo isto também acontece no mesmo período em outros locais, como é o caso da Antologia *Temporada de Poesia BH -94*, que dá voz à poesia mineira em várias de suas manifestações, mas também em moldes que partem da tradição modernista brasileira.¹³⁵

¹³³ ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. J. Krestschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

¹³⁴ ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

¹³⁵ Voltarei a este assunto no Capítulo 6, p. 138.

3.3 IV CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY

Neste Concurso, também julgado por uma comissão feminina como no anterior – Denise Guimarães, Alice Ruiz e Marise Manoel – começa uma prática que depois se tornará comum: muitos autores são classificados com mais de um conjunto, alguns chegam a ter três conjuntos escolhidos, fato que de certa forma pode servir como um parâmetro de boa poesia, pois os conjuntos enviados com três poemas eram anônimos, portanto mostram certo domínio da capacidade poética. Nivaldo Lopes e Róbison Benedito Chagas são classificados com três conjuntos de poemas cada; Rollo de Resende, Luisa Cristina dos Santos e Jane Bodnar com dois conjuntos cada um.

Em termos de poesia discursiva, na linha neorretórica, o exemplo mais extenso é representado por David José Passerino, com poemas de longo fôlego, aqui no caso explorando o lirismo da hora derradeira, com uma escolha vocabular requintada, rimas internas, numa forte associação de imagens gradativas dos que recebem o morto pela última vez - da amada ao desconhecido -, o poema revela um autor já maduro em relação aos estratos poéticos e seu domínio.

PAVANA DO SOLITÁRIO MORTO

Se for a mesma mulher
imprevisível e à-toa,
não sei se efêmera ou rara,
que já possui os segredos
e tão bem conhece a casa,
tal como o sulco das mãos,
só quero que colha a flor
do vaso que resta à mesa
e, sem pesares, se vá,
desta vez, sexo em botão.

Se for o íntimo amigo
do itinerário do tempo,
nascido um meu quase irmão,
só peço que emborque um trago,
descompassado e bem lento,
da velha e forte aguardente
guardada pra ocasião,
embora inútil, de resto,
por ato irretribuível,
um brinde, adeus ou um gesto.

Se for o incerto parente
de tronco não revelado,
mas, semelhança sem par,
que, em meio à névoa, ainda hesita,
no limbo da madrugada
como fantasma lunar,
rogo que empunhe as cobertas
como bandeira do achego
e esqueça a cena, o imprevisto...
Depois do espanto há um lar.

[...]

Por fim, a quem só por vir
houver por bem de chegar
no rumo do mero acaso
antes de dada a notícia
(se é que pode virar)
só resta, com veemência,
de extrema vontade humana
pedir que, sem mais tardar,
entregue esta fita ao Chico
pra compor uma pavana.¹³⁶

Outro exemplo de lirismo, com humor, ironia e crítica, está presente no poema de Marcelo Brum-Lemos, o qual trabalha também com o aproveitamento de expressões coloquiais da oralidade popular e tom narrativo:

TIMÃO

O almirante tinha um barco branco de duzentos pés
poeta das rotas
perambulava pelo oceano
partindo-o em porções exatas de mar
por seu traçado infalível
as águas à direita lhe faziam referência
as águas à esquerda lhe firmavam continência
mas ante um casco de tamanha pureza
o arrogante se voltava à própria natureza

houve todavia certa manhã ensolarada,
- não fosse aquela seria somente um novo dia –
o almirante tinha um barco de duzentos pés
e na petulância de suas rimas
ancorou-se ao fim da picada:
em plena ponta do barbante
perdeu o fio da meada
tropeçou na linha burra

¹³⁶ PASSERINO, David J. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p.36-39.

e do pedestal da prepotência ei-lo hoje
a ver navios na catalúnia¹³⁷

Também nesta linha, mesclada à metapoesia, está o poema de Luis José Maia, de visão pueril acerca da poesia, principalmente no que tange à terceira estrofe, mais especificamente os últimos versos que defendem uma proposta de poesia que toca, que penetra a alma, fruto de um ideário de poesia messiânica e reformadora.

PARA SANGRAR

A palavra tem que ter
lâmina e ser afiada
na pedra do cotidiano
e ser aguçada na carne
do sentido do dia-a-dia
e ter ponta para cutucar
o cerne do conteúdo
do sentir alto e do padecer
da febre da perfeição!

A palavra por si só
sem ser veste do viver
sem ser sentido do existir
é coisa que não corta
é têmpera que se desfaz!
A palavra tem que ser pele
epiderme da vocação
de cada vontade
de cada coração!

A palavra tem que ter
lâmina e ser afiada
nos acontecimentos
nas sensações
de cada instante
e ter direção certa
para cortar fundo
para penetrar na essência da alma
e no profundo do coração!¹³⁸

A herança concretista se faz perceber no amplo apelo visual dado a muitos poemas, na presença de textos que exploram a semelhança verbal e sonora dos

¹³⁷ BRUM-LEMOS, Marcelo. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 103.

¹³⁸ MAIA, Luiz J. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 98.

vocábulos.

Alexandre Vidal é um exemplo do jogo melopeico, pois explora não só a visualidade e semelhança dos vocábulos, mas seus sons, rimas e ecos, numa mesma estrofe, ou mesmo, em relação às demais, condensando a versificação de maneira enxuta, numa imagem de força que é a gênese da vida, aqui sinônimo de poesia:

MATER

Do
silêncio e
do calor do ventre,
veio ávida
a vida.

Na
mão úmida,
a dádiva
duvidava
do dia.

A
mãe única
descansava
do instante
de criação de
poesia.¹³⁹

Também influenciada pela poesia visual, pelo exemplo da Poesia Concreta, está o poema *Cicio* de Fernanda Frantz, autora mais nova em relação aos demais participantes, porém com um texto bastante maturado:

v e n t o v e n t a i
v e n t o q v e n t a i
v e n t o v e n t a

a t é i
 q n v e n t a

i a v e n t a
a v e n t a n i a¹⁴⁰

¹³⁹ VIDAL, Alexandre. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 17.

¹⁴⁰ FRANTZ, Fernanda. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 50.

Também nesta linha, dedicado à Tríade Concretista, a Leminski e a Ezra Pound – todos de certa forma ligados à Poesia Visual – está o poema de Róbison Benedito Chagas, explorando a disposição espacial e a temática ambientalista:

POEMA AMAZÔNICO 1

FLOR
 ESTA
 EX
 ALA
 O
 L
 O
 R
 AMA
 ZOO
 NICO
 Í
 C
 O
 N
 E
 VERDE¹⁴¹

A busca de uma espacialidade diversa da convencional permite várias leituras, inclusive a proximidade entre forma e conteúdo, proposta na verticalidade da leitura que se suplanta na palavra verde. As palavras são as árvores, o poema a floresta. A poesia epigramática, de versos curtos, breve, apoiada na síntese e na economia vocabulares, está bastante presente. Inclusive, a partir deste Concurso, ela ocorrerá em maior número do que as demais linhas de composição. Nivaldo Lopes, classificado com três conjuntos, expressa-a por meio da temática amorosa ou da indagação existencial:

feito arte
 os sonhos permanecem
 Só. Amanheço-me.¹⁴²

Outro autor que a realiza, Odair da Costa Moreira, relembra em certo sentido a

¹⁴¹ CHAGAS, Róbison B. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 136.

¹⁴² LOPES, NIVALDO. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 111.

poesia modernista de 1ª fase, o gosto pelo “flash”, pelo instantâneo, com críticas ferinas marcadas pela antítese dos termos porcos e ostras, pela fragmentação do texto e economia de vocábulos.

Em meio aos porcos
Atirávamos ostras
Uns nos outros¹⁴³

Com teor sarcástico e humorado aliado ao tom autobiográfico está o poema de Roger Modkovski, muito próximo à irreverência da poesia marginal, em que o eu-lírico aceita sua marginalidade porque a compreende como consequência do mundo e, ainda por cima, vital:

não sou morigerado
(fui gerado num mundo moribundo)
sou mero vagabundo¹⁴⁴

Jane Bodnar, presente em outras Antologias deste Concurso, persiste com o poema curto voltado à apreensão da natureza circundante, revelando a poesia colhida destes momentos efêmeros:

o ar
passa pelo buraco da fechadura
leva o meu olhar¹⁴⁵

Com olhar voltado para a natureza, mas de cor local, está o poema de Luis Carlos Cabañas, captando os nuances através da contenção lírica:

ventos tardios de agosto
trazem a Serra do Mar
pra dentro do quintal¹⁴⁶

¹⁴³ MOREIRA, Odair da C. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 118.

¹⁴⁴ MODKOVSKI, ROGER M. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p.151.

¹⁴⁵ BODNAR, Jane S. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 60.

¹⁴⁶ CABAÑAS, Luis C. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 89.

Luiz Carlos Heleno, por sua vez, denuncia o tédio e o vazio existencial por meio do aspecto sonoro dos vocábulos, em que se percebe a finitude do ser, a reificação do humano, além da abordagem coloquial e sintética:

TÊNUE

A vida é pouca
quando a gente é só um corpo
que tira e põe a roupa¹⁴⁷

No haicai de Antonio Donizetti da Cruz há o interesse pela natureza e sua lição captada instantaneamente, prevalece a aura do exemplo da flor que se anuncia em meio à dificuldade:

CRISTAIS

Pedra bruta.
A flor surge das sombras
Na lenta agonia funda.¹⁴⁸

Também em forma de haicai, a revelação do instante entre o cotidiano e o pensamento, no poema de Rita Slomp, autora presente em outras *Antologias* do Concurso, mas fugindo aqui da objetividade requerida pela forma japonesa em direção à percepções do eu em relação ao mundo exterior, marcando um caminho inverso:

VIAGEM

Com a cabeça na lua
bato a poeira das estrelas
iluminando a rua.¹⁴⁹

Quanto à poesia fragmentada, muitas vezes sem título, suspensa na página

¹⁴⁷ HELENO, Luiz C. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 93.

¹⁴⁸ CRUZ, Antonio D. da. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 28.

¹⁴⁹ SLOMP, Rita. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 132.

como um relato aparentemente sem início ou fim, destaca-se o poema de Altair de Oliveira, apoiado na sonoridade e no ritmo cortado, proposto pela aliteração dos vários sons de “s” e a economia vocabular:

DESFAZER DE FARDOS

Quem dera
 se nos batesse
 Num leve traço
 que fosse
 Um riso que
 se despisse
 E sem qualquer
 interesse
 Nos desenhasse
 mais doces
 Aos olhos de
 quem nos visse.¹⁵⁰

De caráter bastante fragmentado é o poema de Nivaldo Lopes, o qual explora a urbanidade e a solidão que dela decorre. O eu-lírico é uma reunião de perdas das quais dependem poeta e poema:

à noite pela cidade
 inquieto
 volto pra casa mais cedo
 só pra sentir
 a vã esperança
 de ter perdido alguma coisa

jamais
 chegar ao final da noite
 com certeza
 de não ter perdido nada¹⁵¹

Também na linha do fragmento, com humor e leveza, Paulo Vallim propõe a analogia entre três vidas distintas, mas ligadas por meio de um mesmo objetivo, por meio do coloquialismo e da referência aos astronautas. Há o trabalho mais no plano da referência aos fatos históricos do que às questões estéticas, impera certo didatismo e a versificação assume um aspecto mais informativo, próximo ao relato.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Altair B. de. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 25.

¹⁵¹ LOPES, NIVALDO. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 109.

o primeiro a ter
a cabeça nas nuvens
viu a Lua branca,
idéia tornada folclore

outro inquieto
quis ir além,
mas voltou as costas
e viu a Terra azul.

a História preferiu
um terceiro,
que teve os pés no chão
da Lua.¹⁵²

Por fim, também dialogando com a cidade, enquanto *locus* onde a poesia acontece, e o mínimo e o máximo se fundem, está a poesia fragmentária de Rollo de Resende, também classificado com dois conjuntos de poemas. Neste o enumerar de coisas independentes perde a fragmentação devido ao corte inicial de dois versos que dialogam e mostram a tênue separação entre o eu-lírico e o mundo:

um segredo meu
é um segredo do mundo

enumerando coisas independentes?
: o componente sádico dos dentistas
: pivetes mostrando seus pintinhos
quando passamos de carro na avenida
: ser a versão longilínea de meu pai,
segundo Jane,
: o acorde apocalíptico das cigarras
no fim da tarde

qualquer revelação mínima
é uma revelação do mundo¹⁵³

De fato é uma das edições do concurso em que a exegese poética mais se verifica, pois o rigor no trato com as palavras, a escolha de imagens e temas são bastante acurados. Predomina a poesia experimental e a poesia breve, sintética; ora assimilada como poesia do fragmento, ora como poesia epigramática, às vezes na

¹⁵² VALLIM, Paulo Roberto P. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 122.

¹⁵³ RESENDE, Reginaldo "Rollo" de. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 124.

forma do haicai. Também há bastante experimentação e presença da herança visual da poesia concreta e se percebe, diferentemente dos outros Concursos realizados, uma maior linearidade de temáticas e estilos, além de maior rigor no trato dado à palavra. Não há edulcoração e adulação como houve em outros momentos, desaparecendo poesias de cunho laudatório. Talvez se possa dizer que este Concurso demonstra um amadurecimento em relação aos outros concursos realizados e tal maturidade se dá em duas frentes: tanto autores quanto comissão julgadora apresentam um apuro na concepção do poema e de sua leitura. Poemas como os apresentados anteriormente permitem uma exegese mais longínqua na esteira do tempo e carregam aquela característica dos textos perenes, os quais possuem a capacidade de gerarem significados a cada leitura. O poema de David José Passerino, por exemplo, “Pavana do Solitário Morto”, dialoga com a tradição e propõe o jogo poético tanto quanto o poema de Rollo de Resende exposto acima. Cada um a sua maneira inscreve-se com certa qualidade na *Antologia*, o que também pode ser visto como uma respeitabilidade dada ao certame, tanto pela comissão julgadora, quanto pelos poetas escolhidos, ou mesmo, pelos textos e suas abrangências.

3.4 V CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY

O V Concurso Helena Kolody revela um amadurecimento em vários aspectos: editorial, organizacional e poético. O tratamento gráfico dado à *Antologia* que reúne os ganhadores é mais próximo das edições das editoras comumente conhecidas; a Comissão Julgadora continua a ser composta por pessoas ligadas à Crítica e à Poesia, e os poetas selecionados mantêm o Concurso num nível passível de criticidade e qualidade no trato com o poema. A comissão julgadora, formada por Alberto Puppi, Marcelo Sandmann e Lindolfo Bell, escolheu vinte e cinco autores cujas produções podem ser organizadas também dentro daquelas perspectivas demarcatórias que vêm acompanhando esta análise. Persiste a poesia breve frente às outras, mas também se encontra a mescla de estilos. Repetem-se autores e a prática de alguns serem

classificados com mais de um conjunto de poemas. Há, inclusive, o amadurecimento dos autores no que diz respeito ao envio de determinado tipo de texto, devido à participação em outras edições ou mesmo a leitura das *Antologias* anteriores.¹⁵⁴ Nivaldo Lopes, por exemplo, afirma sobre isso que sua participação no Concurso foi

Fundamental, pois naquele momento, eu vinha de outra tendência de narrativa. Os textos para cinema, roteiros. De repente fui convidado para coordenar a Feira do Poeta... um cineasta na feira do Poeta. Tinha que ser legitimado de alguma forma, e isto veio com a participação nos concursos durante três anos seguidos, triplamente qualificado...¹⁵⁵

Desse modo, mantém-se o nível intelectual e artístico do Concurso. O poema prosaico, neorretórico e discursivo de Rodrigo Garcia Lopes é exemplo de poesia que intenta valorizar a paisagem local, marcada pela beleza natural e que inspira no poeta a ânsia por uma estética não da representação, condição da obra da arte, mas da realidade dos fatos,

TIBAGY

Largo

O vento no jardim varre folhas úmidas, vira as páginas
do poema que você não escreveu. Fora de sua esfera, ipoméias
impunham

à brisa um silêncio imediato. Suspensas, nossas
palavras desmaiam
simultaneamente.

E onde a lógica é veloz, meio-dia, ultravox.

Este é um museu de História Natural, um mix de vozes, verdes,
brisas e brisuras,

cantada dia a dia por cigarras

em sintonia

e bem-te-vis que só nos querem bem.

[...]

Sim, mas sua beleza é despretensiosa, distraída

como a câmara de eco do ouvido que não me deixa mentir:

Inclui o sol, ângulos de visão, ruídos de brisa

e tudo mais.

Imagina

¹⁵⁴ O que afirmo, neste momento, diz respeito ao fato de que a publicação das *Antologias* em sequência, tornou-se um parâmetro de estudo e criação para os participantes, os quais podiam ver “exemplos” de poemas selecionados, ainda que por comissões julgadoras diferentes.

¹⁵⁵ LOPES, Nivaldo. **Entrevista concedida por e-mail**. Recebida por smaniotto@hotmail.com, em: 06/1/2013.

Uma arte que capte
 o processo dinâmico dos eventos, como eles, aliás,
 realmente ocorrem, desviando
 o curso dos rios e dos discursos
 o fluxo inexorável
 que flui, imenso,
 em direção ao norte.¹⁵⁶

Com longo fôlego, David José Passerino, também já presente em outras edições do Concurso, compõe uma extensa elegia às mulheres de vida licenciosa, um canto às vaidades terrenas, que surpreende pelo seu desfecho, irônico e sarcástico, focado na figura dos velhos lobos da rua XV e do personagem de Hermann Hesse, de “O lobo da estepe”, valendo-se de argumentos da psicanálise:

O APELO DOS LOBOS

Vinde a nós, mulheres do verão
 (já, por si, tão infreqüente),
 da vida airada,
 destino ao deus-dará,
 sem as pérfidas exigências do decoro,
 mas, todas as outras, possíveis,
 da pura licenciosidade.
 [...]
 Vinde com a vossa libertinagem,
 a vossa pouca roupa,
 a espuma, a névoa, a nuvem,
 a leveza do acaso,
 a imponderabilidade de um arco-íris
 ou de um rasgo de luz.
 [...]
 Trazei a tosse seca, a histeria, o desvario,
 a prostração, o stress
 e as loucuras de todas as vontades,
 flagelos, cansaços e mal-estares,
 mas, por igual, a receita exata,
 a panacéia, o elixir,
 a cura de todos os quebrantos.
 [...]
 Ah, que é curta uma estação para este vosso adejo,
 efêmera uma temporada
 para essa glória de vos ver passar
 distantes como planetas,
 satélites, estrelas, cometas,
 enfim, como astros errantes,
 na mais perfeita harmonia,
 tais quais os corpos celestes.

¹⁵⁶ LOPES, Rodrigo G. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 100-101.

[...]
 E será tudo um uivo de alegria,
 um choque de prazer,
 um pandemônio de emoção
 quando, por simples deleite e livre escolha
 deixardes, por um momento,
 o livro de cabeceira,
 o cigarro e a música da vitrola,
 o batom e as sombras,
 o rímel e o crayon,
 o algodão e a seda,
 a blusa, a saia estampada,
 o vestido da moda,
 a calça jeans, a minissaia,
 o short, a lingerie,
 para atender a este encontro inevitável
 do pólen com o vento,
 do ventre com a serpente.

[...]
 Aqui, restaremos,
 neste negro oceano de asfaltos e lágrimas,
 nesta cidade denegrada, poluída e mutilada,
 mergulhadores dos mistérios da noite,
 malabaristas das rédeas do impossível,
 trauteando, inspirados,
 nossas canções de amor.

[...]
 Vinde a nós,
 ó, mulheres belas,
 vindo, ó ninfas de polpas maduras,
 antes do próximo inverno,
 antes da ameaça da angina e da pneumonia,
 da brusca falta de ar,
 do princípio de carcinoma que destrói.
 Vinde, enquanto nos resta esta energia,
 esta chama, este élan, este alento,
 vinde, para nós,
 que, sem exigências ou imposições,
 sem deslizes,
 sem as fraquezas próprias dos arrebatamentos juvenis,
 amar-vos-emos.

[...]
 Vinde, ó, vinde,
 para que ousemos nos saciar,
 e por um fim a esta longa espera
 em que, insones, à espreita, restamos,
 já todos mortos de amores,
 e cheios de muitas dores
 e dores e dores e dores.

a) Os Velinhos da Rua das Flores.¹⁵⁷

Trata-se de um poema de repertório rico, que demonstra um extenso

¹⁵⁷ PASSERINO, David. J. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 29-35.

vocabulário do autor. Uma de suas forças consiste inclusive na maneira como não antecipa seu desfecho, apesar de sugeri-lo por meio da temática, pois o verso “a) Os Velinhos da Rua das Flores” possui a mesma estratégia que o *turning point* nos roteiros de cinema: o leitor é conduzido por um caminho aparentemente dado como certo, mas é surpreendido com novas revelações e acontecimentos. Por isso, ainda que a estrofe final possibilite a percepção de um eu-lírico idoso, o verso em questão traz um misto de sarcasmo e aflição, de impossibilidade de realização de todo o apelo em que o poema se constrói, nesse sentido é ainda mesmo em termos formais uma negação a toda estrutura anterior, pois um verso rompe com toda uma coluna de estrofes. Do mesmo autor também há um poema que dialoga com a tradição moderna da poesia brasileira – a Pasárgada de Manuel Bandeira – e mostra que a poesia da década 1990 assimila o passado estético, se lhe convier:

AMORLÂNDIA

Um arremedo de Bandeira

Vou-me embora pra Amorlândia
 que eu nem sei bem onde fica,
 pois, lá, rapaz como eu,
 só casa com moça rica.
 Em Amorlândia tem carros,
 mulheres e oficinas,
 melhores que as do meu tio
 lá em Santa Catarina.
 Em Amorlândia, por gosto,
 a gente se divorcia,
 troca loura por morena,
 casa, logo, no outro dia.
 Lá não se pensa em dinheiro,
 lá ninguém fala em café,
 mulher dá que nem butuca,
 dinheiro nasce no pé.
 Tem boite de primeira,
 Um luxo que não tem jeito.
 Em Amorlândia o mais pobre
 Ainda chega a prefeito.

Só tem uma condição
 pra quem for lá, ser ditoso,
 ter a saúde de ferro
 ou morre tuberculoso.
 Em Amorlândia a ciência
 é burra, não sabe nada.
 Por que o dia nasce curto
 e é tão longa a madrugada?

Por isso deixo esta terra
de sábios, com seus desdêns,
vou pra Amorlândia que é minha
viver como me convém.

(Recado Para Possíveis Passageiros)

Se você for à Amorlândia,
amigo, não leve filhos,
deixe esposa e criadagem,
vá sozinho e vá proscrito.
Em Amorlândia não passa
Trem, às quatro da manhã,
o perigo é uma doença,
que, de noite, não dá sono.
Amorlândia é o fim do dia
numa curva do caminho.
Amigo, se você for,
vá depressa e vá sozinho.¹⁵⁸

Em tom de arremedo, como a epígrafe adianta, a relação intertextual estabelecida sugere um paraíso imaginário mais lascivo e mais sensual do que o de Bandeira, ocupado também com as questões de ordem legal – “Lá sou amigo do rei”; íntima – “e quando eu estiver triste; recreativa – subirei em pau de sebo, tomarei banhos de mar; entre outras”. Todavia, mostra como a tradição modernista se internaliza por meio do exemplo, o qual é seguido quase à risca seja nas rimas, ou mesmo, no ritmo assumido.

De maneira incomum, ao longo das *Antologias*, aparece neste Concurso o poema irreverente, com influência da Poesia Marginal no cinismo ante as convenções e vocábulos. Almir Correia opta também pela crítica social, incomum neste tempo de inimigos não tão às claras:

ESCATOLÓGICO II

BUNDAS PENDURADAS NO VARAL
SALVADOR DALI
ESTEVE AQUI
PERGUNTOU POR VOCÊ
SUA ASMA
SEUS HOBBIES
SEUS AMANTES
ANJOS PREGADOS NA ESTANTE

¹⁵⁸ PASSERINO, David. J. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p.27-28.

E UMA POÇA DE ESPERMA PELO CHÃO
TANTOS SALMOS DE MEDITAÇÃO!
DESPERDIÇADOS...¹⁵⁹

O próprio título “escatológico” mostra-se reativo a qualquer leitura contemplativa. A oposição poça de esperma e salmos de meditação opõe à sacralização o mundano por meio do verso prosaico. Em outro poema a crítica ganha originalidade na referência à religião mercadológica, consumível como um produto farmacêutico:

ESCATOLÓGICO III

VENDEM-SE DOGMAS
NAS DOGMARIAS
SANTOS EM AMPOLAS
CRISTOS COMPRIMIDOS
DEUS-XAROPE – TRÊS VEZES AO DIA
PECADOS EM FLACONETES
PERDÕES EFERVESCENTES
REZAS-PURGANTES
INJEÇÕES-PARAÍSO
SUPOSITÓRIOS DE JUÍZO FINAL

TUDO VALE A PENA
PARA A ALMA QUE É TÃO PEQUENA! (?)¹⁶⁰

Há poemas mais fragmentados, alguns inclusive de autores já presentes nas *Antologias* anteriores, o que configura um pouco do estilo de cada um. Nivaldo Lopes, por exemplo, insiste no poema de poucos versos e reflexivo, que dialoga com a tradição por meio da imagem. Tradição que se inflou por meio do romance e do conto e aqui aparece revisitada pelo poema, como num caminho inverso à aceitação dos gêneros em termos consumíveis. Este, no caso, faz referência ao conto de Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio*:

A OUTRA MARGEM

aqui

¹⁵⁹ CORREIA, Almir. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 3.

¹⁶⁰ CORREIA, Almir. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994, p. 4.

deste lado do rio
 rio de tanto rir
 do rio refletido
 nas águas que hão de vir
 rio
 das folhas que passam
 rio
 do outro lado do rio¹⁶¹

O poema acima possibilita ainda o paralelo com uma das questões propostas pelos estudos culturais a respeito da dominação e aculturação sofridas pelos países da América Central e do Sul, e da necessidade de reação e reavaliação das perspectivas com que se olha para o assunto. Essa seria, então, a outra margem, o outro lado do rio que ri do rio refletido.

Onides Queiroz, voz feminina, também se vale do poema que expõe o sentimento, de maneira a refletir sobre si:

autonomia

nada me pesa tanto
 quanto o vazio
 que conservaste incompleto

nada me resta tanto
 quanto preencher de mim
 o que em mim
 é lacuna de ninguém¹⁶²

A poesia epigramática, de versos curtos, é representada por Carlos Novaes, que associa a brevidade da forma à brevidade do conteúdo, mas mesclando-os à crítica à modernidade bélica:

Apodrecem o átomo
 na raiz do tempo,
 e a paz.¹⁶³

¹⁶¹ LOPES, Nivaldo. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 59.

¹⁶² QUEIROZ, Onides B. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 63.

¹⁶³ NOVAES, Carlos. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 15.

Os jogos sonoros atrelados ao trocadilho com ambiguidade são representados por Divonaldo Gilioli,

se fosse dizer
tudo que sinto
diria
sinto muito¹⁶⁴

Jane Sprenger Bodnar aproveita o mínimo do cotidiano para ilustrar por meio da palavra pequenos momentos captados da relação com o mundo:

o desejo desenha

cascas de laranja
são serpentes

sobre a mesa¹⁶⁵

Este Concurso mantém o nível do Concurso anterior, porém a ele acrescenta mais representatividade e originalidade de temas e formas. O aperfeiçoamento de critérios e rigores nas diversas linhas de poemas e estilos mostra a seriedade com que o certame passa a ser encarado, bem como a validade de sua realização.

3.5 VI CONCURSO DE POESIA HELENA KOLODY

Diversamente das primeiras edições, este Concurso também não possui o aspecto de panorama geral e prima pelo predomínio de alguns estilos sobre outros, como a poética do fragmento e a poesia epigramática. O número de autores é menor – 23 poetas – inclusive alguns com mais de três poemas selecionados, escolhidos por um

¹⁶⁴ GILIOLI, Divonaldo. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 38.

¹⁶⁵ BODNAR, Jane. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 47.

júri formado por três especialistas em literatura: Philadelpho Menezes, Fernando Karl e Ricardo Corona. Percebe-se certa homogeneidade na *Antologia* publicada, pautada pelo poema curto, muitas vezes sem título, suspenso na página:

crianças riem
com piadas velhas¹⁶⁶

Apenas dois autores que dele fogem explicitamente: Flavia Frantz, com uma poesia mais voltada para o aspecto visual, e Rodrigo Garcia Lopes, com poemas bastante extensos e de tom narrativo.

alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma bah
alma bah circunvala
alma bah circunvala doida
alma bah circunvala doida expressão
alma bah circunvala doida expressão flavescendo
alma bah circunvala doida expressão
alma bah circunvala doida
alma bah circunvala
alma bah
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma
alma

¹⁶⁶ VALIM, Paulo Roberto P. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1996, p.96.

alma
alma¹⁶⁷

No caso de Rodrigo, o poema neorretórico, representante da antipoesia:

O FILÓSOFO

A tarde inteira meditava sobre o problema da linguagem.
Que nem mesmo ela, com seus rios e pausas imprevisíveis
Seria capaz de apontar os gestos abruptos e os documentos lunares
Desta bárbara, bávara manhã.¹⁶⁸

O aspecto do Concurso é outro, não há espaços para edulcorações como na primeira edição do concurso, e impera a presença de poemas marcados por certo trato da linguagem já apurado. Não que este não estivesse nas outras edições, mas vê-se que predominou frente a outras escolhas. A este respeito, na apresentação redigida por um dos seus julgadores, Philadelpho Meneses, deixa-se entrever um pouco do perfil de inscritos, bem como das perspectivas teóricas que sustentaram a escolha dos vencedores:

Como quer que seja, na condição provisória de nossos valores estéticos, as coincidências nos julgamentos valem ser ressaltadas: os autores Jane Sprenger Bodnar, Luis Eduardo Hoffman, Marcelo Brum e Paulo Roberto Vallim foram escolhidos por voto unânime dos três membros do júri. Todos os outros tiveram dois dos três votos dos jurados. Há muitos outros dados dos poemas submetidos à seleção que sugerem curiosas análises: a forte presença de autores em idade entre 14 e 18 anos incluídos entre os premiados; a nítida falta de costume de se ler poesia na grande maioria dos 353 inscritos; uma marcante corrente (que, pode-se dizer, está ausente nos selecionados) de ufanismo sulista combinado a poemas sacros, numa espécie de Renovação Carismática da poesia.¹⁶⁹

Reginaldo “Rollo” de Resende – neste concurso classificado com cinco conjuntos – continua a dar expressividade ao lirismo, marcado no poema que se segue

¹⁶⁷ FRANTZ, Flavia. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1996. p. 11.

¹⁶⁸ LOPES, Rodrigo Garcia. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1996. p. 119.

¹⁶⁹ VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. III.

pela confluência entre a atitude lírica e boêmia, em que a cidade é a teia onde o ser se inscreve e escreve:

pela madrugada, o vento levantando papeis-carbono.
pela madrugada, alguém enfiando uma argola em seu mamilo.
eu penso num poema dum lírico que morreu num hospital,
anônimo como um indigente:
“ir no seu barco para o fundo ou para a beleza”.

de madrugada, tomamos o expresso e vimos
uns outros tantos, entornando vômitos.
choveu, o ar está úmido e fresco,
e ainda assim engolimos a seco.
ilustres anônimos: a madrugada é nossa!
podemos ir cantando alto.¹⁷⁰

Marcio Claudino, por sua vez, apresenta um poema lírico-amoroso, marcado pela subjetividade e pela associação de imagens memoradas na ausência da amada. O poema, ausente de rimas, flui espontaneamente, seja por meio da linguagem de fácil entendimento, ou ainda, pela discursividade didática na apresentação sequencial do trajeto solitário:

AUSÊNCIA

Agora conto da penumbra
Da vigília impotente
Calço os teus chinelos
Tomo o teu banho
Choro à janela do alpendre
Como choravas
Regando as plantas
Com o meu pranto
Pela última vez

Venho arrastando-me pelo teu cheiro
De lavanda nos móveis
E por teus olhos em toda parte

(ontem colhi violetas e outras
Flores sem importância
Tingir o meu dia, tanger um sentido
Na célula branca da inconstância)¹⁷¹

¹⁷⁰ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995, p.102.

¹⁷¹ CLAUDINO, M. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995, p.76.

O lirismo existencialista está presente na poesia de Patrícia Claudino, marcada pelo fragmento e pela dicção de cunho melancólico, marcando a solidão tão presente na década de 1990. O uso da anáfora, versos sonoros e o rigor vocabular dão ao poema um requinte alicerçado pela imagem forte de desespero e angústia. Muito comum, inclusive nesta década, este tratamento formal e temático, principalmente nas bandas de *pop rock* inglês¹⁷²:

Sou a ferida
Fresta agonizada
Réstia doída
Deste medo em torpor de febre
Deste membro em tremor de frio

(cobriu as frestas da parede
perfurou-se com a agulha de costura)

Sou a boca aberta
Virulenta e escandalosa
De palavras soltas e calafrios
De lábios tortos e dor-de-dente

(estendeu a telha sobre as casas
arrancou os dentes com alicate)

Sou pele degenerada
Cápsula amalgamada
De apelos e pêlos negros
De células tensas e almas mal-amadas

(plantou crisântemos
arrancou um a um os pêlos do corpo)

Sou a alma gangrenada
De desespero e amor tanto
Sou espanto
Solidão
Nesta multidão de pesadelos

(costurou a colcha de retalhos
retalhou-se em mil pedaços de esquecimento).¹⁷³

¹⁷² Refiro-me às bandas The Cure, Echo and The Bunnymen, Jesus and Mary Chain, Bauhaus, entre outras que compunham o repertório do que na época chamava-se Movimento Dark e, alguns anos depois, Gótico.

¹⁷³ CLAUDINO, Patrícia Danielle. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 92-93.

Marcelo Brum-Lemos, também presente em outras edições do Concurso, alia ao tom prosaico a linha neorretórica e a crítica, também perpassada pelo humor que destoa a liberdade tão sonhada, numa “atitude de reavaliação das heranças e compatibilização de poéticas. Desaparece a desconfiança em relação ao ‘discursivo’.”¹⁷⁴

O ELEFANTE A CAMINHO DE CASA

o verdadeiro motivo de se amarrar os elefantes é fazer evitar
 que pisoteiem nossos tão bem cuidados jardins do palácio
 a natureza deles não reconhece jardins de palácio como jardins
 a nós só os palácios vêm ao caso
 um elefante amarrado é sempre uma imitação vulgar de joia turca
 uma vez livre se poria a caminhar solenemente rumo à áfrica
 os marfins alongando o nascente
 eu diria
 você não conseguirá cruzar o oceano atlântico a pé
 ele seguiria
 a liberdade é um elefante de orelhas grandes a caminho de casa
 eu sou
 a verdade esmagada sem beijos no palácio
 elefante amarrado
 matéria enganosa
 orelhas caídas¹⁷⁵

O elefante de Marcelo – metáfora do poeta aprisionado e da liberdade morosa – propõe o diálogo com a tradição se pensar na lírica drummondiana em que o poema *O elefante* também é sinônimo das utopias reinventadas a cada dia. Há, também, referência à cultura local em que os elefantes são sinônimos de bêbados, pedintes, de seres excluídos como na obra de Dalton Trevisan, *Cemitério de Elefantes*.

O tema relacional e a escolha entre liberdade e ausência, exposto no questionamento da vida amorosa partilhada e compartilhada e que se divide, apesar de não amalgamada é a ótica deste poema de Nivaldo Lopes:

EQUAÇÃO

Esta vã tentativa
 de se viver a dois

¹⁷⁴ NUNES, B. A Recente Poesia Brasileira: Expressão e Forma. In: **Clave do Poético**. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 165.

¹⁷⁵ BRUM-LEMOS, Marcelo. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 66.

somar o que não se soma
 mais ou menos mais
 uma grande divisão
 que aos dois subtrai
 meus mais com seus ais
 regra de três
 de fato
 no fim das contas,
 quem lava os pratos?¹⁷⁶

As linhas do fragmento e da poesia epigramática são as mais exploradas e reúnem vários exemplos. Veja-se, por exemplo, o “delírio da palavra” à Rimbaud, proposto numa única estrofe por Diogo Marques através do uso original do substantivo como adjetivo:

SILÍCIO

Árvores pedras de amores nuvens
 Pássaros pétalas de pessoas raivas
 Horas estáticas de estrelas mortas
 Coro desalmado de alicerces chuva.¹⁷⁷

O lirismo de Jane Bodnar, que faz uso do poema sintético e sonoro, sem título, voltado para a natureza:

manhã de brumas
 a imobilidade
 de uma tempestade de plumas¹⁷⁸

Ou mesmo, o poema curto, suspenso, que apreende um instante como em Edu Hoffman, outro autor também presente em outras edições do Concurso:

¹⁷⁶ LOPES, Nivaldo. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 87.

¹⁷⁷ MARQUES, Diogo. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 7.

¹⁷⁸ BODNAR, Jane Sprenger. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 44.

PRIMEIRO

intacto
 só o coração
 do cacto¹⁷⁹

Que, ao menos enquanto forma, encontra eco no poema de Rita Slomp de temática voltada para natureza e mais próximo do haikai:

PRIVACIDADE

do casal de gaivotas
 na imensidão
 do mar...¹⁸⁰

Seguindo na intenção de pensar respostas às perguntas propostas na metodologia deste trabalho, vê-se que neste Concurso persiste o apuro formal e temático dos dois Concursos anteriores, pois muitos autores aqui presentes também foram selecionados naqueles certames. Já é possível, também, identificar um rol de vencedores entre os escolhidos, o qual permitirá montar uma Cartografia dos territórios mais habitados e percorridos. É relevante mencionar que esta *Antologia* encerra o âmbito estadual do Concurso, todavia ele prossegue nos anos seguintes, de modo que passa a servir de referência e exemplo para os autores nacionais, por meio do Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody.

O que salta à vista é a presença abundante de poemas curtos, do desejo de condensação e brevidade. Também há poemas mais longos de cunho lírico, voltados à reflexão e expressão de um suposto eu; nesse sentido, mantenedores da tradição lírica brasileira. É claro nesse concurso a escolha de autores com domínio da cesura, da noção estrófica, dos estratos poéticos usados, de modo que novamente se pode pensar na relação entre poema e comissão julgadora. Colocados em cotejo; com exemplos locais e nacionais da mesma década, uns resistem mais do que outros. Mesmo assim, no momento da realização deste Concurso, sua ocorrência já era um meio de se

¹⁷⁹ HOFFMAN, Luiz E. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 56.

¹⁸⁰ SLOMP, Rita. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 115.

divulgar poesia, conhecê-la e perpetuá-la, só apoiado por outros dois mecanismos públicos presentes na época: o jornal Nicolau e a Feira do Poeta.

4 A POESIA DO CONCURSO À LUZ DA POESIA E DA CRÍTICA NACIONAIS

Vistos os exemplos, constata-se que a poesia paranaense, em geral, comunga com as linhas de composição estabelecidas por Benedito Nunes, a respeito da poética dos anos 80.¹⁸¹ A tessitura neorretórica, o poema fragmentado, a síntese epigramática e a metapoesia demarcados pelo autor também se fazem presentes nos autores apresentados, além de existirem casos em que certo hibridismo permeia seus poemas, mesclando maneiras de compor. Também se percebe à luz das perspectivas teóricas de Célia Pedrosa e Heloísa Buarque de Hollanda, que é possível a referência à poesia erótica, à paisagem urbana, à temática homoerótica, à neoerudição e ao manejo da lição concretista com apelo à visualidade, desse modo os poetas dos anos 1990 perpetuam a poesia 1980 e a ela acrescentam outras linhas, ou mesmo, fundem-nas. Em termos do Paraná, o Concurso Helena Kolody torna-se um parâmetro para demarcar, ao menos em parte, este momento; pois ser selecionado e publicado por meio das *Antologias* era uma forma de estatuto e de critério para se medir a poesia local e a qualidade do trabalho autoral, uma vez que havia carência de outros concursos, incentivos ou publicações.¹⁸² A respeito disso, afirma o poeta Márcio Claudino:

Não posso negar que o Concurso Helena Kolody era e é importante, afinal foi através de sua realização que pude conhecer muito da poesia paranaense e mais ainda dos autores que não circulam nas grandes mídias, mas estão presentes nesta e em outras antologias de concursos de poesia. Sem falar que ser selecionado era uma forma de divulgar o poema e de começar a ser visto no espaço da poesia paranaense, de começar a alçar voo no céu do reconhecimento poético.¹⁸³

Assim como Márcio Claudino, outros autores deram sequência à suas

¹⁸¹ O que não impede a existência de outras tendências no mesmo período, como a poesia ecumênica, porém não interessantes para esta análise.

¹⁸² Ainda se pode dizer que o Concurso seja referência, pois atrai participantes em âmbito nacional, mas a cena literária já é outra. No momento em que escrevo esta dissertação, há vários locais que promovem recitais de poemas, há publicações de livros por meio de editoras e selos locais; revistas literárias e afins; além de maior crescimento da cultura e da arte paranaenses.

¹⁸³ CLAUDINO, Márcio. **A importância do Concurso Helena Kolody**. Curitiba, 2011. Informação verbal.

produções literárias a partir do impulso dado pela classificação no Concurso.¹⁸⁴

Por isso é possível pensar na expressividade de poemas dignos de maior atenção e que não sejam deixados à margem pelo fato de virem à luz num espaço, onde muitas vezes o olhar do “centro” não está focado. Longe de qualquer intenção bairrista, esta também é uma questão a ser colocada. Hoje se fala em não centralidade ou na pluralidade de centros, porém em termos dos anos 1990, em poesia, os lugares estavam mais demarcados e, mesmo atualmente, muito do que se acontece na poesia paranaense está aquém da percepção nacional.

Sabe-se que não é a paranaense a única poesia que está à margem, a poesia potiguar, a poesia amazonense e outras manifestações reclamam há muito sua voz. Heloísa Buarque de Hollanda, quando questionada a respeito da importância do II Encontro Natalense de Escritores e da poesia feita em Natal - onde há muitos autores, mas pouca projeção no mercado e mídia nacionais - afirma:

Acho que é fundamental para que o resto do Brasil tenha o acesso que a produção literária regional merece. A circulação de poesia entre as regiões do país é conhecidamente desastrosa e eventos como esse podem ajudar esse trânsito desigual e injusto.¹⁸⁵

A poesia – “inestimável inutensílio”, como afirma Leminski¹⁸⁶ - carece de maior espaço. Na época, Jaques Brand, poeta e jornalista, em entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo, em 1997, mencionava também o problema:

Um poema da pesada só ganha atenção geral se cair de baixo do nariz de dois ou três editores sobrecarregados ou mais ou menos distraídos em São Paulo. A grande imprensa nacional é extremamente provinciana quando o tema é literatura. Felizmente, os livros têm seu destino, para citar, adaptando, o adágio clássico.¹⁸⁷

¹⁸⁴ Retomarei esta questão no capítulo 5, p. 106.

¹⁸⁵ HOLLANDA, Heloisa B. de. **Entrevista para o Jornal Tribuna do Norte**. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevistas>>. Acesso em: 22/09/2011.

¹⁸⁶ LEMINSKI, Paulo. “Inutensílio”. In: _____. **Anseios Críticos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997. p. 78.

¹⁸⁷ BRAND, Jaques. “Brisais: o poeta paranaense lança seu primeiro livro”. In: BAPTISTA, Josely V. **Musa Paradisiaca**: antologia da página de cultura (1995-2000). Paraná: Mirabilia, 2003. p. 375.

Esta falta de visibilidade, em certo sentido, está relacionada à constituição da cidade desde sua gênese como uma província dependente de São Paulo – a antiga 5ª comarca – e ao apreço que outros lugares possuem devido a razões políticas, históricas e midiáticas, que transcendem a esfera literária. Sobre o assunto, afirma o poeta, tradutor e professor Ivan Justen Santana:

O “nosso modernismo tardio”, que foi a agitação feita pela revista Joaquim, talvez tenha tido mais “destaque nacional” no momento de sua eclosão, do que o simbolismo. Num balanço, não perdemos nem ganhamos: continuamos à margem, como seguimos hoje, mas considero que sempre houve acompanhamento, e sempre (desde o romantismo de Júlia da Costa, contemporâneo ao surgimento da província do Paraná) houve uma produção digna de menção e observação.¹⁸⁸

O Concurso Helena Kolody, neste sentido, foi um elemento incentivador que, na sua medida, ajudou a formar o gosto e a difundir-lo, de modo que a expressividade da literatura paranaense e de sua história têm atraído mais olhares. A partir de 1997, tornou-se nacional e, na década seguinte, agregou à poesia a categoria conto, batizada Concurso Newton Sampaio. Atualmente, a estas duas modalidades foi acrescentado o Concurso Manoel Carlos Karam, na categoria romance. As três categorias juntas formam o 1º Prêmio Literário do Paraná, o qual dará R\$40.000 reais para o primeiro colocado em cada categoria, além de 100 exemplares publicados para os respectivos vencedores. Ainda que com uma premiação alta e a invenção de uma nova categoria, o Prêmio é uma continuidade do Concurso Helena Kolody, porém com outra roupagem devido a razões de ordem política e cultural.

Por isso, a seguir, a título de demonstração, proporei o cotejo entre poemas presentes nas *Antologias* do Concurso e poemas reconhecidos nacionalmente em outras coleções de trabalhos poéticos ou estudos críticos, a fim de que se possam demarcar suas respectivas características que, por sua vez, contribuirão para a composição da Cartografia Poética.

¹⁸⁸ SANTANA, Ivan J. **Centenário do Príncipe dos Poetas Paranaenses**. Disponível em: <<http://curitibaneando.wordpress.com/2011/08/20/centenario-do-principe-dos-poetas-paranaenses/>> Acesso em: 22/09/2011. Entrevista realizada por Bárbara Kirchner.

4.1 BREVE COTEJO ENTRE A LITERATURA PARANAENSE E A NACIONAL

Neste capítulo será cotejada a poesia paranaense presente nas *Antologias* analisadas com uma seleção da poesia feita nacionalmente, no mesmo período, a fim de que se possam estabelecer semelhanças e diferenças. Os autores nacionais foram escolhidos por estarem presentes em Antologias sobre o assunto, como as organizadas por Antonio Secchin, Célia Pedrosa e Heloísa Buarque de Hollanda. Antes pretendo mencionar como há pouca poesia social, engajada; deve-se lembrar como a década de 1990 foi um momento de transição e relativização, de modo que os rótulos e fronteiras não estavam tão às claras, pois predomina no período certa estagnação, certo consentimento político e ideológico, afinal esta é:

A forma de se fazer arte e política nesse momento no qual o “inimigo” está um pouco em toda parte, onde as forças artísticas, políticas e econômicas estão mais dispersas e flexibilizadas, onde, portanto, a estratégia do confronto tem pouca eficácia.¹⁸⁹

Por outro lado, é tempo de se dar voz às minorias, talvez aí esteja a atitude política e de confronto, pois surgem poéticas que há muito reclamavam seu espaço, principalmente a poesia homoerótica e a poesia feminista. Naquela há dois autores que se destacam nacionalmente: Valdo Motta e Paulo Sodré. Aquele possui uma poética que articula o erotismo e o sagrado, de maneira irreverente e numa atitude que se quer contestadora dos valores vigentes,

Vem comigo, meu amado,
fervamos o leite cósmico.
Celebremos nosso gozo
no crist ntrico festim.

Vem, querido, preparar
o teu mosto em meu lagar
e fazer o vinho santo.

Vem destilar a mirra
do monte dorsal e o mel

¹⁸⁹ HOLLANDA, Heloisa B. de. **Entrevista para Carlos Willian Leite**. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevistas>>. Acesso em: 22/09/2011.

que mana da rocha viva.¹⁹⁰

Paulo Sodré, por sua vez, não tem uma poesia panfletária e contestadora, prefere, ao discurso diletante homossexual¹⁹¹, a expressão lírica do amor por meio de termos que fogem ao erótico, mas não ao sensual:

quando um homem chega em mim
todas as palavras me mordiscam,
querendo trocadilhos de janeiro;

e, entre substantivos e ger ndios,
carregados de gagueiras e tremores,
ele passa, pele e lebre, pássaros,

de uma eternidade ligeira, leve,
dor que os adjetivos seguram frouxos,
como as vontades que flutuam

quando um homem se vai de mim.¹⁹²

Este trato do tema da homossexualidade e do amor entre homens está presente na poesia de "Rollo" de Resende, de modo que   possível estabelecer um diálogo com os poemas acima e suas respectivas poéticas, seja pela referência temática, seja pelo lirismo, ou ainda, a forma assumida de versos brancos que estão dispersos fragmentadamente:

entrava luz sinistra fim de tarde
pela janela branca.
aquele ali deitado achou ser
artificial essa luz
amarrados seus pulsos no estrado
de metal.
o caninho conduzindo gotas de alimento
líquido "ele já não comportava
o sólido"
os olhos morti os os olhos foram
os primeiros a começarem a morrer
e os intestinos
intempestivos intestinos

¹⁹⁰ BARCELLOS, José C. "Poéticas do Masculino": Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodré. In: PEDROSA, Célia. **Mais Poesia Hoje**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000. p. 81-82.

¹⁹¹ O que quero dizer é que os termos usados por Valdo Motta são mais eróticos, lascivos, chulos, que mostra rebeldia, agressividade, por sua vez, atitude panfletária.

¹⁹² *Ibid.*, p. 84.

tudo isto viu este que entrou
 no quarto branco para dois
 tocou a mão amarrada
 e a mão se amarrou
 ficamos os dois de mãos dadas
 enquanto via os olhos perderem a órbita
 enquanto insistia na pergunta
 e a resposta um
 doce rosnar
 - blasi, lembra de mim?

coberto com lençol pastel
 o doce relevo de seu sexo
 eu não pude deixar de desejá-lo
 mesmo as amarras o caninho
 os olhos indo e vindo
 a luz sinistra
 você estava desejável:
 eu quis que você vivesse.
 esta era a promessa de nossa amizade:
 eu iria tocá-lo.

amor dos homens¹⁹³

Na poesia experimental também é possível estabelecer contatos. A poesia de Arnaldo Antunes, referência nacional, pautada na visualidade e na herança concretista, trabalha com o espaçamento na página, a quebra de vocábulos à E.E. Cummings, além de se utilizar da fragmentação silábica marcante neste período:

Só eu
 nu
 com meu
 um bigo
 un
 ido a
 um ún
 ico
 nun
 ca¹⁹⁴

Resguardadas as diferenças, o poema de Luisa Cristina dos Santos também é

¹⁹³ RESENDE, Reginaldo "Rollo" de. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 103-104.

¹⁹⁴ ANTUNES, Arnaldo. *Apud* HOLLANDA, Heloísa B. **Esses Poetas: Uma Antologia dos anos 90**. Organização de Heloísa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 78.

partidário dessa influência e se apropria de recursos comuns e já assimilados na década de 1990. Enquanto o olhar de Arnaldo é para o íntimo, o de Luisa está no outro, na flor que breve se abre:

FLOR
EN
TRE
ABERTA
OLHO
UNI
VERSAL
ROSA
VER
TE
CAL¹⁹⁵

Na linha de poesia epigramática, em que a brevidade e a síntese são fundamentais, também é possível pontos de contato. Veja-se, por exemplo, a proximidade temática e formal entre o poema de Alberto Martins e o de Jane Bodnar, o primeiro presente na *Antologia Esses Poetas – Uma Antologia dos Anos 90*, já mencionada; o segundo, presente na *Antologia do Concurso Helena Kolody*:

MANHÃ

Longas extensões arenosas
a luz caindo
como pedras de sal grosso¹⁹⁶

ACIDENTE DE TRÂNSITO

águas-marinhas
namorando
cacos-de-vidro
brilhos mesmos¹⁹⁷

¹⁹⁵ SANTOS, Luisa C. dos. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 83.

¹⁹⁶ MARTINS, Alberto. *Apud* HOLLANDA, Heloísa B. **Esses Poetas: Uma Antologia dos anos 90**. Organização de Heloísa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 27.

¹⁹⁷ BODNAR, Jane S. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 49.

No que diz respeito à poesia sobre o fazer poético, também há poemas que estabelecem diálogos intertextuais com o exemplário nacional: a poesia de Ivan Junqueira, “muito intensa, pouco extensa”¹⁹⁸, propõe não “um espaço de trégua, mas um pólo propulsor de novas tensões”¹⁹⁹:

A MÚSICA DOS MESTRES

Vagueia nos ciprestes
e jamais te adormece
nem cura a tua febre.
Queima. Inquieta. Enlouquece.²⁰⁰

De certa forma, também é esta a perspectiva norteadora do poema de Nivaldo Lopes, todavia neste não é a poesia que silencia, mas o poeta diante da sua espera:

como arma:
- gritos!

rajadas de palavras
demolindo silêncios

prumo sem sentido prumo
os passos trilham o verso
enquanto a vida dita o rumo²⁰¹

Mesmo na linha do humor, incomum neste trabalho, é possível encontrar representantes como é o caso de Odair da Costa Moreira, com o poema Abertura, cuja veia satírica e coloquialidade somada à melopeia dos versos nos remete à tradição modernista de Oswald à poesia Marginal:

ABERTURA

Venho com um sorriso debochado.
Como quem passou a mão na bunda do soldado

¹⁹⁸ SECCHIN, Antonio C. “O exato exaspero”. In:_____. **Poesia e Desordem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 142.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 146.

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 147.

²⁰¹ LOPES, Nivaldo. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 88.

E saiu ileso, saltitante e teso.²⁰²

Estes são alguns exemplos que pretendem ilustrar e demarcar um pouco dos territórios pelos quais se estabelece a poesia nos anos 1990. Trata-se de um período em que já se pode depurar a “fermentação” surgida nas décadas anteriores, suplantada pela necessidade do jogo poético “de buscar suas regras onde pode encontrá-las”²⁰³ em nome do “pluralismo da arte poética de nosso tempo”²⁰⁴. Talvez este mesmo pluralismo seja a oportunidade para que outras concepções de poesia advindas de meios não centrais reclamem e coloquem outras questões no campo da poesia, o qual só terá a ganhar. Há muita poesia a ser descoberta, mas para isso é preciso espaço, entre outros fatores primordiais. Pode-se sugerir que um poeta como Rollo de Resende, no eixo Rio-São Paulo teria tido outra voz e eco em virtude da maior repercussão dada a esta arte in-útil, como dizia Leminski.

²⁰² MOREIRA, Odair da Costa. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 67.

²⁰³ NUNES, B. “A Recente Poesia Brasileira: Expressão e Forma”. In: **Clave do Poético**. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 172.

²⁰⁴ *Idem*.

5 EXEMPLOS DA INFLUÊNCIA DO CONCURSO

Todo poeta está preso numa relação dialética (transferência, repetição, erro, comunicação) com outro poeta ou outros poetas.²⁰⁵

Alguns autores selecionados no Concurso Helena Kolody continuaram a trilhar o caminho poético publicando seus livros na década de 1990, ou mesmo, obtendo classificações em outros Concursos e Antologias Nacionais. Refiro-me, por exemplo, aos poetas Rollo de Resende, Marcio Claudino, Nivaldo Lopes, Patrícia Claudino, Rodrigo Garcia Lopes, Paulo Vallim, Helder Rodrigues. Também vale dizer que muitos continuaram a ser selecionados no próprio Concurso Helena Kolody, desde 1996 realizado em âmbito nacional. Outros autores migraram para áreas mistas como a composição de canções em que se fundem letra e música. Um exemplo neste caso é Marcelo Brum-Lemos que lançou o CD Zaius, com a banda de mesmo nome.

Outra área escolhida pelos poetas foi o cinema, no caso de Nivaldo Lopes e Paulo Munhoz, ambos realizadores de curtas e longas-metragens. Importante notar também como o concurso serviu de exemplo e parâmetro para a arte poética local, pois ao longo dos anos tornou-se referência de “boa poesia” ou mesmo de destaque para seus possíveis selecionados que a partir de tal menção poderiam pleitear uma publicação numa editora ou em determinada revista literária. Veja-se, por exemplo, a opinião do crítico e escritor José Castello por ocasião da sua 17ª edição:

Concursos literários são sempre positivos. Em primeiro lugar porque estimulam a criação literária. [...] Os concursos oferecem leitores – e leitores supostamente gabaritados – a escritores que nunca tiveram a chance de publicar. Há também o aspecto positivo da competição. Julgar literatura é sempre uma tarefa difícil, pra não dizer impossível. [...] Pensei em tudo isso quando participei do concurso literário da Secretaria de Cultura do Paraná. [...] Concursos são antes de tudo possibilidades de diálogos.²⁰⁶

²⁰⁵ BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 128.

²⁰⁶ CASTELLO, José. Comentários. In: **Concursos Literários 2007**. Curitiba: SEEC, 2008. p. 9.

O poeta Afonso Romano de Sant'Anna, também jurado ao lado de José Castello é categórico ao afirmar que: “O Paraná tem uma tradição de concursos literários. Particpei como jurado em vários, e neste agora vejo que cada vez mais cresce o bom número de autores do estado em qualidade sempre surpreendente.”²⁰⁷ Com o tempo também, a comissão julgadora passou a ser assessorada por intelectuais advindos do meio acadêmico, o que caracterizou escolhas e cânones diversos.

Autores que passaram a escrever e publicar no final da década de 1990 ou mesmo nos primeiros anos do Século XXI conheceram os “exemplos” contidos nas *Antologias*. Também quando reunidos em livro, muitos autores publicaram os poemas selecionados no Concurso. Desse modo, o Concurso participa daquela economia dos bens simbólicos postulada por Pierre Bourdieu em que se não lhes garantia o capital econômico por um lado, por outro lhes assegurava o capital simbólico de ser escolhido entre o rol dos vencedores, o que se mostra válido no campo de produção cultural:

O capital ‘econômico’ só pode assegurar os lucros oferecidos pelo campo – e ao mesmo tempo os lucros ‘econômicos’ que eles trarão muitas vezes a prazo – se se reverter em capital simbólico. A única acumulação legítima, para o autor como para o crítico, para o comerciante de quadros como para o editor ou para o diretor do teatro, consiste em fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos (é o efeito de *griffe* ou de assinatura) ou pessoas (pela publicação, a exposição, etc.), portanto, de conferir valor, e de tirar os lucros dessa operação. Comércio das coisas de que não há comércio, o comércio de arte ‘pura’ pertence à classe das práticas em que sobrevive a lógica da economia pré-capitalista (como, em outra ordem, a economia entre as trocas de gerações, e, mais geralmente, da família e de todas as relações de *philia...*)²⁰⁸

Tal relação simbólica, pautada na consideração e apreço mútuos, influi no prestígio do poeta, tanto para si como para os outros, e na conseqüente crença na própria eficiência poética que se manifesta na participação em outros concursos, ou mesmo, na reunião em livro de poemas publicados avulsamente em *Antologias* do gênero.

No Paraná, terra de poucas realizações poéticas, ser publicado nas *Antologias* só podia ser comparado a ter matérias no Suplemento O Nicolau, da Secretaria de

²⁰⁷ SANT'ANNA, Afonso R. Comentários. In: **Concursos Literários 2007**. Curitiba: SEEC, 2008. p. 9.

²⁰⁸ BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 170.

Estado de Cultura. Eram estes os dois “espaços” mais significativos de reconhecimento em que a economia simbólica prosperava. À parte estes ambientes, a prática poética ficava relegada ao recital em um ou outro bar, a edições do autor, à tiragem de 50 cópias de um poema aos domingos na Feira do Poeta e outras manifestações isoladas, como o poema em livretos e *fanzines* distribuídos em pequenas quantidades e sem regularidades periódicas. Neste sentido, um Concurso anual como o Helena Kolody, servia de modelo de composição, ditava o ritmo e o estilo do que “melhor se fazia” na cidade e no Estado. Em consequência disto muitos autores procuraram outros Concursos, estaduais e nacionais, e deram vazão à veia aprimorada, ou mesmo, revelada nas *Antologias*.

Por ora pretendo demarcar a participação de quatro desses autores em outros Concursos e publicações a fim de perceber o alcance da poesia apresentada inicialmente no Concurso Helena Kolody. Foram escolhidos por continuarem publicando nos demais anos da década de 1990, com exceção de Rollo²⁰⁹, e na década seguinte. Outro fator que influenciou o recorte é o fato de possuir maior material de pesquisa sobre os poetas em questão. São eles: Reginaldo “Rollo” de Resende, Nivaldo Lopes, Marcio Claudino e Patrícia Claudino.

5.1 ROLLO DE RESENDE

O livro *Racho de Romã*, publicado em 1989, marca a estreia do autor. Todavia são os livros publicados na década seguinte que representam o amadurecimento de sua poesia. Muitos poemas publicados nas *Antologias* estão também nestas publicações. Publicou *Homeopóética*, em 1991, com Jane Sprenger Bodnar e Fernando Zanella. Também em 1991, publicou *A Sublime Deriva*. Em 1995, *Água Mineral* trouxe poemas inéditos e uma seleção de suas composições anteriores. Herdeiro do poema curto, seus versos se apresentam de forma espontânea e fragmentada, tendo no lirismo

²⁰⁹ Rollo publica o livro *Água Mineral* ainda na década de 1990, mas falece logo em seguida. Todavia entendo sua presença fundamental neste recorte devido ao valor de sua poesia ainda não ter sido percebido pela maioria das pessoas envolvidas com poesia.

sentimental seu cerne temático. Sua poesia expõe uma subjetividade que extrai da infância, do amor, da atitude de leitor e da meta-poesia uma lírica que funciona como um relato que constrói o eu-lírico, ao mesmo tempo em que o caracteriza:

quando éramos crianças
usávamos azul-marinho
na escola

eu ainda não conhecia
o mar.²¹⁰

O jogo tonal proposto pela ideia de cor do uniforme se dá pela palavra, e por esta se entende que o mundo (escola) vivifica na memória aquilo que para o poeta se revelaria tão importante, mas ele não o sabia, apesar de já vesti-lo em seu uniforme. Jogo com o passado, metaforizando na brincadeira metapoética a surpresa da vida e dos momentos. A poesia de Rollo de Resende não quer o espaço alcançado pela experimentação poética, tampouco requer para si o estatuto de seta que aponta presságios. Lírica, sem ser pobre, sua poesia é uma tentativa de expressão de cenas do cotidiano ou das travessias da vida, conciliando a liberdade formal da poesia marginal com a intenção filosófica e reflexiva. Como se cada poema fosse o diário ascético de quem se espiritualiza através de poesia, usando-a como mira filosófica ou mesmo documental:

estava nublado e o sol
só veio muito depois:
um dia, meu pai levou-me
a uma roda-gigante
com a intenção de mostrar
o mundo.²¹¹

O jogo entre luz e sombra, realizado no primeiro verso também se realiza através da metáfora da roda-gigante, onde pode ser lido o desejo do pai em mostrar o mundo geograficamente, nublado à vista paterna e que se abre muito depois, no

²¹⁰ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. **Água Mineral**. 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995. p.17.

²¹¹ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. **Água Mineral**. 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995. p.13. (Este poema está presente também no VI Concurso Helena Kolody.)

momento em que o poeta através da memória vê a pureza da condição em que se encontrava. A vontade de se dizer muito com pouco, herança leminskiana também presente neste poeta. Ao fundir no relato o biográfico e o estético, no afã de dar um sentido à poética que se consuma, o poeta potencializa sua experiência na cidade, fazendo do meio urbano palco para a cena temática do amor:

no meu bolso
o menor papel
onde se lê
um endereço
escrito pela bic
da vendedora de
cachorros-quentes.
coisas que só de noite.
correr o mundo
e acabar sempre
passando pela XV.²¹²

Ao rodar entre elementos comuns ao seu cotidiano, o poeta demarca o espaço onde vive, propondo um diálogo com sua cidade bastante atual, percebido nos versos finais: “(...) e acabar sempre/ passando pela XV”. Registra o eu-lírico uma atitude comum aos boêmios e demais seres notívagos na cidade de Curitiba: o caminho pela Rua XV. Há a declaração da procura ampla: correr o mundo que se finda. O que o poeta traz são seus amores passionais e passageiros, anotados no improvisado. A liberdade formal dá espaço para uma unidade rítmica que dá ao poema uma voz autobiográfica sempre presente na questão das imagens recorrentes da cidade, espaço onde se realiza a experiência poética deste poeta. Ora corriqueiro, ora sensual, o amor em Rollo é amor pelos homens, dos homens e por tudo aquilo que mesmo fugindo à categoria de humano o humaniza, como os livros, os nomes, os caquis:

por enquanto não sou homem de lonjuras.
então, rendo graças a esses objetos
que agora me deixam:
a colher de pau quebrada ao meio;
a panela de barro rachada, vazando sobre o fogo;
a mochila que devolvo ao tião, esgarçada.
tudo isto
transforma-se

²¹² *Ibid.*, p. 20.

no livro que
que não é

me livro²¹³

O poeta e sua relação com os objetos constituem algo que ele deseja deixar. A colher de pau quebrada, a panela rachada, a mochila esgarçada sugere algo que perde sua inutilidade, mas pretende ser deixado. Ao formarem um campo semântico comum, sugerem a chegada de um acampamento, que não pretende ser refeito: “por enquanto não sou homem de lonjuras”. Mas todos estes utensílios formam uma memória, um registro, “um livro que não é”. Este compõe o íntimo do poeta que se livra de tudo isso, mas também registra em sua memória mais uma experiência do cotidiano: “me livro”. O poema, em questão, foi selecionado no II Concurso Helena Kolody. Com outro tom, aparece o poema abaixo, também sem título, fragmentado:

sempre será tempo de se encantar com nomes
fósforo,
 paráclito,
 stella.
glória aos vocábulos
 às mandíbulas
e mais ainda
ao que, escrito, anima como chama.

aninhado no colo original,
 eu canto.²¹⁴

O encantamento pelos vocábulos traz implícito o encantamento pelo poema, pelo fazer poético. A poesia fragmentada reduz-se aqui a uma alegria pela palavra representada como fonte de luz: “fósforo”, “chama”. “Stela”, o nome da irmã, funciona como uma proximidade metonímica à afetividade que permeia o canto do poeta, o qual emana seu discurso provavelmente do lar em que nasceu e mira outro lar, o das palavras.

²¹³ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. **Água Mineral**. 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995. p. 67.

²¹⁴ *Ibidem*, p.59.

todos os dias
 refaço a mesma rua,
 nostálgico.

quero encontrar
 de quem arrancaram-me.
 vivo imantado.²¹⁵

A atitude formal, dividida em duas estrofes, também divide o poema em duas práticas: na primeira, a ação de quem procura num mesmo lugar por algo ocorrido no passado. Na segunda: o desejo que nutre esta empreitada é exposto, voltando de forma cíclica ao início do poema, como se o termo “imantado” sugerisse certa amarra que a força maior, desconhecida no poema, arrancou. Há certa obsessão pelo encontro sugerido como algo que foi rompido bruscamente em “arrancaram-me”.

Poesia existencial, lírica, *arma-zen* como ele a definia, na qual a vida se forma desse constante cantar de temas que se revezam, deixando em suas entrelinhas um convite à reflexão. Inferida neste pensar a vida, ao mesmo tempo em que se vive, está a sensação do fruir do todo, do efêmero existir a que se entrega mais do que o homem, o poeta. Ora entre os livros, ora questionando sua poética, o relato em Rollo tem um fio para o caminho proposto: trilhá-lo. Os símbolos, os sinais, os sentidos só podem ser abrangidos na medida em que o caminho se delineia ao poeta, que dele faz matéria do seu canto. O que fica para o leitor? O convite a trilhar tal caminho com sua própria bagagem, afinal aquele que o percorre está e não presente:

não há no outono o que te contente.
 um amarelo de folha sem seiva,
 água de fonte na concha da mão.
 eu mesmo, amarei poucos.
 me verão, raros.
 revolver a casa
 atrás de conhecer o que ela guarda.
 um fim de tarde para sempre lilás,
 nada mais pôde existir agora.

O Homem Que Se Retira²¹⁶.

²¹⁵ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. **Água Mineral**. 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995. p. 60.

²¹⁶ RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. **Água Mineral**. 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995. p. 65.

Muito presente neste poema é a idéia do efêmero, marcada pelo olhar para o amor, o fluir da água na mão. Da percepção do fluir e do buscar na casa o que ela possuía de duradouro (guarda), surge um outro ser, daí a propriedade que seu nome indica: O Homem Que Se Retira, o Buscador, O Que Procura.

Estes poemas mostram um pouco da poesia de Rollo de Resende, a qual pode ser classificada como pertencente à linha do fragmento exposta por Benedito Nunes, mas a ela agrega o discurso homossexual que Heloísa Buarque de Hollanda marca como ascensão das minorias. É perceptível a marca da tradição modernista, da poesia marginal e da década de 1980. O verso livre, o lirismo, a sutileza, as imagens sensíveis suplantam seus poemas.

5.2 NIVALDO LOPES

Na poesia de Nivaldo é comum a economia de palavras, o uso de rimas, paronomásias. Está na linha do fragmento, embora apareçam alguns traços neorretóricos. O livro *Ultimamente tenho andado meio corcunda*²¹⁷, publicado em 1998, retrata um poeta já amadurecido que olha para o fruir do tempo e o moldar da palavra. Buscando uma poesia enxuta em que a palavra desnecessária não se apresente, àquele olhar juntam-se as inquietações em torno do fazer poético e do cotidiano, este marcadamente avesso à ideologia do eu-lírico. O poema é, então, um desabafo de vivências só retido pela escolha da palavra exata e iniludível, não adiantando, portanto, a verborragia e postulando uma poética sem disfarce, afinal:

um bom poema
se conhece na largada

tiro certo
no rumo do nada

²¹⁷ LOPES, Nivaldo. **Ultimamente tenho andado meio corcunda**. 1ª ed. Curitiba: Ócios do Ofício, 1997. 96 p.

rajada de palavras
demolindo silêncios²¹⁸

A associação metafórica entre o fazer poético e uma competição infere a ideia de que o primeiro verso (o primeiro passo) já é capaz de demonstrar se aquele competidor (poeta) vai atingir seu objetivo. Tal objetivo depois se mostra como desprovido de uma utilidade exterior a si: “tiro certo no rumo do nada”, supondo um desprendimento da linguagem poética das necessidades do cotidiano. A terceira associação metafórica se dá pelo disparo de várias palavras contra o alvo: a folha que é o muro a ser quebrado, muro encouraçado pelo silêncio, sugerido pelo branco que a compõe. O passar do tempo e a perda dos sonhos e atitudes é a corcunda que o eu-lírico carrega. Contra esta se pode tentar o jogo de futebol, o poema e atentar o silêncio, mas o tempo é inexorável:

nada mais somos
que pálidas sombras
do que fomos até dias desses

passo em frente
a um bar repleto de jovens
e apresso-me

o passo é lento
na tentativa de driblar os anos

amanhã é dia de futebol
jogo de pernas contra o tempo

ainda somos cara amiga

sobreviventes
desse eterno salvar-se sempre²¹⁹

Há um grande contato entre a poesia de “Palito”, este é o apelido do poeta, e a sua poética praticada ao longo dos anos 1990 no que concerne à síntese e à economia de palavras. O autor também trilha a estrada do poema curto; mas, ao fazê-lo,

²¹⁸ *Ibid.*, p. 19.

²¹⁹ LOPES, Nivaldo. **Ultimamente tenho andado meio corcunda**. 1ª ed. Curitiba: Ócios do Ofício, 1997. p. 27.

acrescenta-lhe o passo mínimo exigido: dizer muito com pouco, comunicar com brevidade:

um ou outro
 tanto faz
 na vida
 ser
 já é demais²²⁰

Entre estes curtos lirismos, o amor sensual ganha ênfase, ora no viver do eu-lírico, ora no seu observar:

o beijo é pouco
 se a mulher
 é lábios, língua e boca²²¹

Ou ainda:

tantos carnavais
 e a gente aqui
 tentando achar
 a cadência desse samba²²²

Lirismo que se torna em certo momento erótico, expondo através da brevidade o mínimo instante do prazer recíproco:

desejo árduo
 duas mãos de fino trato
 acariciam
 o mesmo cacto²²³

Na verdade o que se tem é um poeta que comunga um fazer poético condicionado à vivencia e ao fruir, luta cara a muitos bardos, mas capaz de ser

²²⁰ *Ibid.*, p. 35.

²²¹ *Ibid.*, p. 40.

²²² *Ibid.*, p. 41.

²²³ *Ibid.*, p. 44.

resolvida a qualquer momento, pois “um mínimo poema / escrito aos quarenta / são quarenta // anos de poesia”²²⁴.

5.3 MÁRCIO CLAUDINO

Presente na década de 1990 apenas em Antologias de Concursos de poesia, este poeta se usa da reclusão para compor poemas em que o requinte vocabular, o trabalho lapidar e o estudo conciliam-se com o lirismo herdado da influência de Rollo de Resende e do rock nacional. Com trabalhos premiados no Concurso Helena Kolody - nos anos de 94, 95 e 96 - e na Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira – nos anos de 94, 95 e 96 - editada pela Fundação Cultural de São José dos Campos para o Concurso de mesmo nome, Márcio Claudino mostra ao longo destes textos uma poética que vai amadurecendo e revelando sua força. Inicialmente trabalhando com a poesia fragmentada, sintética, sua poética busca a proximidade sonora dos vocábulos, a metapoesia e a rima, mostrando um esforço em busca do poema:

ando
com a pulga
atrás das letras
com as palavras presas
escapando por teresas.²²⁵

Neste poema, a concisão exposta no número de versos se alia à metapoesia para retratar o instante de compor, perturbado pela procura das palavras fugitivas. O uso da letra minúscula sugere a não-abstração do vocábulo, meio de caracterizar o poema, diferenciando-o da língua normatizada, impulso precursor em e.e. cummings, mas inspirado pelo poeta Rollo de Resende.

O fragmento, característica da poética nacional, aparece aqui devido à

²²⁴ *Ibid.*, p. 56.

²²⁵ CLAUDINO, Marcio. **X Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1995. p. 119.

impossibilidade de se dar um nome, um título para algo, eco modernista vivido com intensidade em Curitiba. O rigor ao ritmo e à sonoridade tem nesse poema um caráter de síntese entre o escrever e querer fazê-lo, instante este breve, como o poema. O eu-lírico é senhor de suas palavras, mas só às vezes. A aliteração e a escolha das assonâncias se dão de modo que não há perda da espontaneidade na rima, assim os vocábulos “letras/presas/teresas”, “ando/escapando” e “atrás/palavras” conferem ao poema um movimento musical, dando-lhe o movimento funcional de que carece.

No sentido “texto”, enquanto unidade de sentido pré-estabelecida, também o poema funciona, tornando-se conclusivo no seu verso final, bem como seu interior. O uso do trocadilho implícito “pulga atrás da orelha”, além de referenciar o dito popular ao poema, propõe a figura do poeta como aquele que busca a palavra difícil, de novo então uma relação com a tendência nacional de rigor verbal:

Assalto

Delito no crepúsculo
A cobra salta à rã
O pássaro sofre o susto²²⁶

Marcio Claudino opta pelo exercício poético, pela brincadeira com os gêneros poéticos como o *tanka* e o haicai, lição aprendida com Wilson Bueno, outro autor local. No poema em questão, há o jogo intertextual com Bashô, em que novamente há uma confluência entre objeto estético e atitude poética, pois o assalto do poeta consiste no delito causado pela cobra, roubando a vez de entrar no velho poço. Dessa forma, o poema funciona como uma resposta a Bashô, mas pode ser lido fora desse contexto, o que garante seu caráter textual. Com exceção da ausência da linguagem ideográfica, a divisão silábica e o tema da natureza simultânea são fiéis à tradição japonesa. Em outros concursos, o poeta vai preferir o texto mais lírico e requintado, trabalhando simultaneamente a imagem e a palavra de modo que uma revele e encubra a outra, jogos de claro-escuro neo-barrocos:

²²⁶ CLAUDINO, Marcio. **XI Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1996. p. 92.

ela encobre-me
 os traços da noite

 exercita-me ao fundo
 carrega-me águas

 molda lama íntima

 habita mar revolto
 ondula calmaria

 secreta em compartimentos
 vazios de ternura

 desfila nua
 em mil quartos
 invalidados de carinho

 sentinela

 ela também está à procura.²²⁷

O sensual, assim, se exprime na “listagem” de sensações provocadas pela mulher à procura. O lirismo serve-se desse sensual para evocar por meio da descrição a memória da mulher, a qual transcende a mente do eu-lírico, pois “(...) exercita-o ao fundo”. Tal mulher configura o oposto do poeta, afinal habita-o (mar revolto) em ondas tranquilas. De todo o poema depreende-se a indiferença daquela que se deita, uma vez que sua prontidão está no além, na procura. A poética voltada para a reflexão existencial também se faz presente, na qual muitas vezes o eu-lírico é melancólico porque sabedor da condição a que estão destinados os derrotados, os *outsiders*, enfim, os que comungam a reclusa no íntimo:

ah, este violoncelo
 baixo, bucólico ao fundo

 era pra ser num dia desses
 em que a imponência jazz no fundo

 agora que a energia é um fio infecundo
 importa mais o que vivido
 é vivido na memória

 agora que devagar a chuva recomeça

²²⁷ CLAUDINO, Marcio. **XI Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1996, p. 93.

e nada mais pode impedir este cansaço
 “avante para trás” com pressa.²²⁸

O vate é sabedor de sua condição precária e singular, aparece então uma certeza “muito grande” da realidade, uma angústia só resignada pela presença da memória, como se o passado perdoasse este presente. A evasão ao lúgubre se dá pela percepção de não ser possível se instaurar na realidade, e essa perda de energia dá ao clima do poema um ar jazzístico, metáfora para a noite que termina ao som do médio-grave do violoncelo. Acentuam-se, então, o lirismo, a sensualidade, o aspecto onírico e o exercício poético; estes sempre construídos por imagens melancólicas e enigmáticas, traduzidas no rigor gramatical.

5.4 PATRÍCIA CLAUDINO

Também presente nas Antologias de Concursos concomitantes à *Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná*, esta poeta se inscreverá no conjunto de autores que buscam a síntese vocabular e imagética. Todavia, o que a difere é a despreocupação com as rimas, optando por uma linguagem de versos brancos muito presos à memória do amor e do amadurecimento. O eu-lírico é um estrangeiro, conhecedor do tempo e suas lições:

AMAR

Arriar
 o poema nas ancas
 Descansar
 versos-areias
 (temer o tempo).²²⁹

A temática do amor aparece como um motivo para a poética descansar: agora

²²⁸ CLAUDINO, Marcio. **XI Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1996. p. 94.

²²⁹ CLAUDINO, Patrícia D. **X Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1995. p. 143.

que a pedra no relacionamento se solidifica, podem descansar “os versos-areias”, a inquietação reinante pode ser “levada nas ancas”. A profundidade de seu olhar mnemônico está proposta em “água-rasa”, expressa com muita síntese. Contrariamente aos outros poemas de Patrícia, este leva título, decerto pelo fato desta situação em especial significar a redenção que afasta o fragmento, uma vez que este se dá pela ausência de completudes, agora solucionadas com o advento de amar. No entanto, a certeza da brevidade exposta no último verso condensa todo o poema como transitório, efêmero como o seu tamanho. Essa capacidade cinematográfica, no sentido de poema e tema durarem a mesma cena é o que Patrícia Claudino traz nas vísceras. A ausência de rimas em nada interfere na funcionalidade do poema, que se forma como “tecido” (texto) em que o eu-lírico se planeja para afastar e aceitar o fim. Essa crença de que as coisas morrem e passam, e que nesses estados constitui-se o poeta, será pertinente.

vieste
voraz e vertigem
e de tê-la
me contive
que de plantar amores
colhi
versos e tempestades²³⁰

Também se pode mencionar a escolha de vocábulos, imagens metaforizadas, linguagem fragmentada, eu-líricos que unem a reificação do objeto ao sentimental, numa espécie de conselho:

Sinistro eclipsar de lágrimas
Nada estará resguardado
O que gestar, considere.²³¹

A água sobre a retina, a mágoa sobre a rotina, o amálgama que a dor faz do poeta estar à deriva, e o cuidado de um olhar mais autoindulgente. O poeta, campeão da culpa e aprendiz da fragilidade dos nascimentos, adensa-se no culto ao breve, relação metapoética que se organiza no tamanho do poema, o que gestar, considere,

²³⁰ _____. IN: Feira do Poeta. **A Poesia que vem por aí**. Curitiba: FCC, 1997. p. 8.

²³¹ CLAUDINO, Patrícia. **XI Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1996. p. 126.

ainda que sejam três versos. A imagem do marginal (*outsider*) é construída a cada tentativa de reconciliação com a selva de coníferas, com o outro. Tal pacto não se configura porque exige uma resposta racional, proposta incoerente dada à multiplicidade de sentimentos. Ao imaginar-se possuidor de sombras no delírio de sonhar, o poeta queda com a vinda da manhã, o sol da realidade o ofusca, corrompe, através da luz, suas fantasias só possíveis agora na caverna, morada do eu.

1ª QUEDA:

DELÍRIO

vestido de branco
as mãos em concha
supôs reter sombras.
era noite.

2ª QUEDA

DESTERRO

retirou-se para a caverna
não compreendeu
amanhecer
sob a selva de coníferas²³²

Menciono ainda a presença da metáfora em torno do tema amoroso realçada pelo bucolismo, a qual traz no ciclo sazonal a idéia de efemeridade que permeia este poeta, daí seu apelo. De novo a brevidade e o intimismo estão presentes, os quais, aliados ao lirismo visceral, delimitam a persistência do vivido que não quer ser mais lembrado, mas persiste:

Para ela: a papoula

partia ainda
com a primavera
então
era esfregar a pétala nas mãos
na ânsia de retê-la

naquela manhã
colheria apenas o orvalho

²³² CLAUDINO, Patrícia. **XI Antologia Poética Hélio Pinto Ferreira**. São José dos Campos: FCCR, 1996. p. 126.

que a memória seja volátil²³³

A poesia de Patrícia Claudino é visceral, no sentido que trata das questões íntimas do viver e do refletir este viver, muitas vezes melancólico e desiludido. A forma é breve e a síntese bastante procurada. Há rigor na escolha dos vocábulos e metáforas cujo enfoque traz um “ar” de ensinamento, de conselho. Também se nota como nos demais, a influência modernista, o diálogo com a cultura dos anos 1980 e a presença de forte sentimento existencial.

²³³ *Ibid.*, p. 128.

6 UMA POSSÍVEL CARTOGRAFIA POÉTICA

Cartografia, no Houaiss, quer dizer arte ou ciência de produzir mapas. Tarefa difícil num tempo de quebra de fronteiras na ordem geopolítica mundial. Virtualmente e economicamente elas estão cada vez mais sendo abolidas, mas em termos territoriais ainda existem os estados, as cidades, as bandeiras. Os mapas, por sua vez, sejam físicos, políticos, topográficos; trazem consigo a possibilidade de serem revistos e questionados. De certa forma, isto também ocorre com a intenção deste capítulo: as *Antologias* vistas em conjunto permitem perceber alguns *territórios* em que a poesia paranaense, feita na primeira metade da década de 1990, habita. Nestes lugares do poético cada autor possui sua localidade, porém há coabitações de estilos. Demarcar territórios bem delimitados na poesia seria uma contradição epistemológica nesta dissertação – uma vez que a marca da poesia 1990 é o hibridismo, a quebra das fronteiras, dos cânones – se não se pretendesse mostrar regiões mais reconhecíveis, em que persistem certas poéticas ainda que sujeitas a qualquer invasão ou mudança:

Para conhecer as fronteiras de qualquer região é preciso antes ter uma ideia dessa região. Dito de outro modo: é o conhecimento das fronteiras que nos permite entender de que território estamos falando. Com a poesia, essa discussão das fronteiras e dos limites se torna um belo cipóal. De fato, como todos sabem, sabemos e não sabemos o que é a poesia e de que falamos ao falar de poesia. Definir a poesia, ou seja, traçar-lhe as fronteiras, foi um dos empreendimentos mais apaixonantes e malogrados do pensamento estético.²³⁴

O valor de tal poeticidade é discutível, há menos inventores do que diluidores, conforme a concepção poundiana de Arte.²³⁵ No entanto, nesse escopo – que contemplará somente aqueles que mais classificações conseguiram ao longo do concurso²³⁶ - aparecem poetas dignos de certo olhar mais cuidadoso porque dialogam

²³⁴ BERARDINELLI, Alfonso. As fronteiras da poesia. IN: _____. **Da poesia à prosa**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 13.

²³⁵ POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

²³⁶ Há no Apêndice um ranking dos poetas que tiveram textos presentes nas *Antologias* mais de uma vez.

com a tradição da poesia e em alguns momentos a ela acrescentam valor, perpetuando-a.

6.1 POSSÍVEIS TERRITÓRIOS

Gaston Bachelard, na obra *Poética do Espaço*²³⁷, propõe na sua discussão fenomenológica sobre a poesia a criação da topoanálise que, ao lado da psicanálise, “seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima.”²³⁸ Ao longo de sua explanação, o autor demarca espaços que habitam a consciência dos indivíduos como a casa, a gaveta, os cofres, os ninhos, entre outros; e que se fazem presentes nos poemas de vários autores franceses.

A escolha da poesia decorre do entendimento do filósofo de que é o melhor objeto artístico para ser analisado pela fenomenologia, pois “por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma *ontologia direta*.”²³⁹

Apesar da perspectiva filosófica deste trabalho em muito concordar com esta dimensão ontológica da imagem poética, dessa capacidade do poeta de falar “no âmago do ser”²⁴⁰, entende-se aqui a noção de espaço enquanto sinônimo de território, ou mesmo, lugar. Trata-se, então, de uma metáfora emprestada à geografia para uma possível cartografia da poesia presente nas Antologias analisadas.

Entretanto, as ponderações de Bachelard servem como apoio teórico para as análises no que diz respeito a esse tratamento da imagem poética numa dimensão fundadora, criativa, cuja respeitabilidade dada ao poema transcende o enquadramento

²³⁷ BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. São Paulo: Ed. Abril, 1978. 354 p.

²³⁸ *Ibid.*, p. 202.

²³⁹ *Ibid.*, p. 183.

²⁴⁰ BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. São Paulo: Ed. Abril, 1978. p. 184.

deste dentro de concepções bastante racionais, como propõem a psicologia e a psicanálise. Nesse sentido,

A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica. [...] Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade.²⁴¹

Deste modo, o caráter criador e transubjetivo da imagem na gênese do poema é relevante para que dele não se tenha apenas olhares objetivos.

Em artigo sobre o assunto, Oziris Borges Filho amplia o alcance do sentido proposto por Bachelard, de modo que a *topoanálise* não esteja restrita a análise dos espaços íntimos, mas “de toda e qualquer espacialidade representada na obra de ficção.”²⁴² Nesta perspectiva, os territórios definidos nesta possível cartografia podem ser vistos como lugares ocupados por concepções de poesia, que se avizinham, relacionam-se, ou mesmo, limitam-se.

Desse modo, o *território epigramático* ou *do poema curto*, em que a síntese e a brevidade se fazem presentes é bastante encontrado nas *Antologias*. Aliás, é um lugar muito revisitado, muito trilhado, acredito que em grande parte devido à influência do poeta Paulo Leminski cuja obra está permeada de exemplos:

não discuto com o destino
o que pintar
eu assino²⁴³

estrela cadente eu olho
o céu partiu
para uma carreira solo²⁴⁴

chove no orvalho

²⁴¹ *Idem.*

²⁴² BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. XI Congresso da ABRALIC – Tessituras , interações, convergências. USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

²⁴³ LEMINSKI, Paulo. **La Vie em Close**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

²⁴⁴ *Id.*, p. 171.

a chave na porta
como uma flor no galho²⁴⁵

De fato, a obra de Leminski é a principal influência local, pois o poeta foi alçado à condição de representante da poesia paranaense, devido à exposição dada a sua obra, entre outros fatores já mencionados.²⁴⁶ Mais atentamente é possível configurar toda uma tradição deste fazer poético, pois vemos sua manifestação em outros autores dos anos 80 como Thadeu Wojciechowski, Edival Perrini, Luis Carlos Cabãnas, entre outros.

Na *Antologia Sangra-Cio* de poetas dos 80, encontram-se estes versos de Thadeu:

todo escuro tece
o grito a noite o apito
e mais toda estrela que aparece²⁴⁷

Outro exemplo é este poema de Edival Perrini, publicado no *Diverso – Poemas do Encontrovérsia* – Antologia dos poetas do Grupo Encontrovérsia, publicado em 1995 em virtude da comemoração de 15 anos de existência do grupo:

Cansados de mar,
pedaços de terra espiam.
Arquipélago.²⁴⁸

No caso das *Antologias* este espaço está representado por Rita Slomp, Jane Bodnar, Luis Alberto Pena Kuchenbecker e Paulo Vallim. Rita Slomp o faz marcando a passagem do tempo no relógio alheio a sua condição de regulador e organizador da vida, aqui no mesmo compasso da fruição sem pressa, sugerido por termos como o *abandono*, *horas vadias* e *empoeirado* na percepção instantânea de certo momento de lassidão:

²⁴⁵ *Id.*, p. 156.

²⁴⁶ Tratei desta questão no capítulo intitulado Breve Histórico da Poesia Paranaense. (p. 20)

²⁴⁷ WOJCHIECOVSKI, Thadeu. **Sangra: Cio**. Curitiba: Reprocopy, 1980. (edição dos autores)

²⁴⁸ PERRINI, Edival. **Diverso: poemas do Encontrovérsia** / Edival Perrini. Curitiba: Kugler Artes Gráficas, 1995. p. 26.

ABANDONO

as horas passeiam
vadias
no relógio empoeirado.²⁴⁹

Em Jane Bodnar, o tratamento à brevidade é realizado de outra forma, aqui o enfoque é no cotidiano urbano e as escolhas vocabulares atentam para a sonoridade, além da presença de títulos em algumas composições:

Domingo

nesta praça
tudo está em paz
os que passam
os sentados
jornais

as árvores nuas
maduras de pardais²⁵⁰

Esta também é a linha de Luis Alberto Pena Kuchenbecker, porém com certa parcela de humor e ironia:

QUERIDO DIÁRIO

estou hoje às moscas
como o mais feliz dos insetos²⁵¹

Paulo Vallim também se vale da poesia epigramática, quase lembrando um aforismo, para registrar com o mínimo o efêmero, a mudança:

joguei sal

a lesma já não é

²⁴⁹ SLOMP, Rita. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 116.

²⁵⁰ BODNAR, Jane. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 47.

²⁵¹ KUCHENBECKER, Luis Alberto Pena. II Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991. p. 107.

mais a mesma²⁵²

Outro território, não tão frequente em termos regionais, mas presente nas *Antologias* é o do *poema visual*, com forte apelo à fragmentação e à disposição espacial não convencional. De caráter experimental, nem sempre satisfatório, este tipo de poesia está na ordem do dia e muito mais próximo das artes visuais e da semiótica do que da própria literatura.

Na década de 1990, alguns autores tornaram-se reconhecidos por meio desta poética como é o caso de Arnaldo Antunes, que muito deve ao ensinamento concretista cuja obra de Haroldo de Campos ainda perpetua e renova de certa forma o movimento. Nas *Antologias* tal poeticidade encontra eco em Luisa Cristina dos Santos e Róbison Benedito Chagas. Luisa Cristina dos Santos, ao longo das três participações no Concurso Helena Kolody, explora a diagramação do elemento vocabular de forma a não dar-lhe o aspecto tradicional de poesia, aproximando-a da prosa:

sementes semas in grafemas levadas pelos tempos
ventos palavras sal salarial pichada palavra de greco la-
tinas raízes plantadas árvores transplantadas transcrição
translineação transfiguração compilada escritura sagra-
da partitura rosa líber rosae de acres e ares e verves e
plebes sibilinamente cavada silábicas pompeias babilô-
nicas coimbrãs alexandrias lidos teus pápyros grifos e
hieróglifos tácitos bíblion sermo rusticus versos desta
lesa pátria fonemática informática inexorável palavra
visionária por paginadas doutrinas jesuíticas erós trova-
dores prosadores pastores e pessoas e rosas e ramos e
matos e machados desassombrados pelo deus kom
unik assom tua palavra lavra poema processo tradução
sem outras palavras dicção em contradição de embrio-
nárias culturas pergaminhosas ora tio littera concreta
navegam em folhas encerradas pelo teu livro livre.²⁵³

Róbison Benedito Chagas, por sua vez, dá ao tratamento visual uma roupagem mais vertical de modo que os poemas impõem a leitura em outro eixo, geralmente de temática sobre o fazer poético:

²⁵² VALLIM, Paulo. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 97.

²⁵³ SANTOS, Luisa C. dos. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 54.

DE
 COM
 POSIÇÃO
 DA
 PALAVRA
 PIO
 DE
 CORUJA
 NO
 ESCURO
 DES
 PETALADA
 A
 FLOR
 T
 A
 C
 I
 T
 U
 R
 N
 O
 LAMENTO²⁵⁴

Também há entre os autores classificados na “galeria dos vencedores” lugar para o *poema retórico e discursivo*, representado por Marcelo Brum-Lemos, David José Passerino e Rodrigo Garcia Lopes, principalmente. De tradição antiga na poesia brasileira, seja em Casemiro de Abreu, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Romano de Sant’Anna, entre outros, esta maneira de compor tem sido revisitada na década de 1990. Rodrigo Garcia Lopes funde narratividade com sonoridade e semelhança vocabular, *alegremente*:

ALLEGRO

brisa viva
 que me queima
 e teima em
 semprevivas

brisa brisa
 que me pulsa
 brisa que me blusa

²⁵⁴ CHAGAS, Róbison Benedito. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 121.

e nos abraça

brisa reprisa
o vídeo das manhãs
beijo alisa a língua
brisa viva
brasa agora

comemora
viva a brasa que nos transa
que sabe dar bis
sem repetir-se

brisa possa
que nos mostra
sem pressa
bliss
como ser brisa enquanto possa

mínimos gestos
que nos mostram
à toda brisa
a vida que nos toca.²⁵⁵

David José Passerino opta por uma poesia que dialoga com a tradição e pelo uso do soneto, numa discursividade que se estabelece à Quintana, lírica e despojada, com leveza, humor e assonâncias:

SONETO DA ANTIGA VAGABUNDAGEM

Eu vou vestir a minha fantasia,
meu Pierrô de seda, coisa fina,
com que a infância inteira eu me iludia
a sonhar com você, ó Colombina.

Sairemos os dois na correria,
ambos pagãos, ateus, você menina
e, eu velho, a mais ousar com a alegria
de antigo Carnaval, pelas esquinas.

E improvisando danças e compassos,
iremos, claro espasmo em nossos passos,
como dois deuses bêbedos, esguios,

a ressudar, na pele, a madrugada
do puro amor carnal, quente, azulada,
e a aurora vagabunda dos vadios.²⁵⁶

²⁵⁵ LOPES, Rodrigo Garcia. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 103.

²⁵⁶ PASSERINO, David J. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 26.

Marcelo Brum-Lemos, por sua vez, compõe um poema mais curto, mas retórico, marcado pela alegoria e pela crítica,

PARA SE FAZER NINGUÉM

tomando-se um céu preferencialmente Noite e Belo
 adicionando-se duas gotas de um Luar Quarto Crescente
 sentando-se à relva qualquer garota de Olhos Bélicos
 oferecendo-se ao nada um beijo em Lá Menor
 o nada agradecendo
 juntos ao brinde e tragando duas Taças de Coragem
 talvez Veneno
 está-se de posse do novo enigmático Sorriso
 e pleno²⁵⁷

Entre a poesia epigramática e a poesia neorretórica, fronteiro a ambas, demarca-se o território da *poesia do fragmento*, que é o espaço da poesia geralmente sem título, aparentemente desconexa, eventual, incompleta, mas carregada de significação e exegese. Tal poesia pode ser vista como um reflexo do sujeito na modernidade, não mais unificado, mas pensado como uma fragmentação de subjetividades, como afirma Stuart Hall:

Aquelas pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua degradação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno [...] e cujo maior efeito, argumenta-se, foi o descentramento final do sujeito cartesiano.²⁵⁸

São representantes desta linha Nivaldo Lopes, Rollo de Resende e Helder Luis Rodrigues. Em Nivaldo Lopes, síntese e lirismo se fundem no olhar ao fugaz, mas por ora perene:

notícias passadas
 removem saudades
 poeira

²⁵⁷ LEMOS, Marcelo B. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 68.

²⁵⁸ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. p. 34.

sob os pés da cidade
vem e passa
a cada chuva
que em sol se faça²⁵⁹

Rollo de Resende, na associação do lirismo à temática homossexual, aliás, ponto alto de sua poética, na busca do outro e de si, em grande parte devido à diversidade de leituras que a suplantam, desde a liberdade formal de Whitman à irreverência de Cacaso e ao lirismo existencial de Ana Cristina Cesar.

fazia alto verão aqueles dias
tanto que a frutas secas
recendíamos.
após tardes descuidadas de praia
éramos descascando-nos,
trocando de pele.
e é, ainda assim,
depois da discussão e da
 ressentida despedida
que encontro pelo chão do quarto
(quase a isto deixando de parecer)
a filigrana de sua pele.²⁶⁰

No caso de Helder Luis Rodrigues, o poema é o espaço para reflexão filosófica a partir do exemplo observado na natureza, propicio para se pensar o existir ao logo dos dias e nele colher exemplos de sabedoria:

SAPIÊNCIA

A velha palmeira
envergada
pelo vento da tarde
prepara suas raízes
para a tempestade.²⁶¹

²⁵⁹ LOPES, Nivaldo. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 58.

²⁶⁰ RESENDE, Reginaldo "Rollo" de. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p.88.

²⁶¹ RODRIGUES, Helder Luis. VI Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. p. 22.

Outro *território* é o do poema que tem por assunto o poema, a poesia e comumente denominado de metapoesia. Muito freqüente na poesia do século XX, a abordagem do fazer poético é recorrente ao longo das seis edições do Concurso e vai de textos mais elaborados a textos menos exigentes:

ardendo de lume
em algum lugar
distante

dissipado o foco
de onde provém
sua luz

agora chega aqui
fica assinalada
na página

no escuro breu
das negras letras
deixa star²⁶²

Alguns, inclusive, carentes de maior apuro formal, como no poema de Jaime Vieira,

DECEPÇÃO

mergulhei o pensamento
no rio profundo
das palavras
na corredeira delas
me vi no meio, cansado,
encharcado de adjetivos
fui para a margem
esperar o poema
que viria
e não veio²⁶³

São estas as principais “linhas demarcatórias” da poesia paranaense, os contornos mais nítidos que se mostram e permitem o alinhamento por características

²⁶² RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. P. 82.

²⁶³ VIEIRA, Jaime. III Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992, p. 86

comuns e afinidades, mas é certo que todo poema se revela singular no que diz respeito a sua organicidade e estilo. Não há *poesia feminista* propriamente dita, todavia a quantidade de autoras é enorme. De certa forma, este também é um aspecto da década de 1990 que se perpetua na década seguinte, hoje recitais e publicações são práticas comuns aos dois gêneros. Outra ausência é da *antipoesia*, também bastante praticada no século XX, de caráter prosaico:

Trata-se de um antipoema porque subordina a música e o sentimento ao argumento, e poderia ter sido escrito em prosa sem perder quase nada da sua elegância, caráter sucinto e inventividade. Isso não equivale a negar que uma grande quantidade de arte e perícia; mas a arte e a perícia [...] servem a uma finalidade essencialmente não-lírica.²⁶⁴

Um exemplo é o poema de Rodrigo Garcia Lopes, *Outras Praias*,

I

O ar do verão voava como imitação
que os dedos do maestro regiam, Além,
(uma outra palavra para “adeus”)
e sua ausência imediata, que são próprias
das coisas consideradas fora de seus centros;

[...]

Misturados com a lembrança do instante diferenciado,
Um ideograma na fumaça do cigarro, o haikai mais simples
recolhido num vazio que vibra, diz, e muda.
Um brilho secreto, isso o mar também nos traz
sem cobrança alguma
e além do privado e do profundo jaz
O não-dito, o absurdo de calar, o conferido:
penínsulas e abraços

de mar, Studio marinho. E o modo como ele
endereça suas maresias a nós mudos e humanos
com seu estilo que no fim revela ser apenas
a mancha do mar em sua blusa, uma blueprint, um sim.[...] ²⁶⁵

²⁶⁴ HAMBURGUER, Michael. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 328.

²⁶⁵ LOPES, Rodrigo G. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993, p. 106-107.

6.2 TERRITÓRIOS MISTOS

Deve-se atentar também para a ocorrência de poemas que se situam em “territórios mistos”, em que há mais de uma linha evidente, conforme salienta Heloisa Buarque de Hollanda quanto às escolhas da poesia 1990: “A produção poética contemporânea se mostra como uma confluência de linguagens, um emaranhado de formas e temáticas sem estilos ou referências definidas. Nesse conjunto, salta aos olhos uma surpreendente pluralidade de vozes, o primeiro diferencial significativo dessa poesia.”²⁶⁶

O que não implica uma contradição em relação aos “territórios” apresentados anteriormente, uma vez que mesmo neles a poesia se insubordina, rompe-se, transgredir e invade o outro espaço, de modo que o que temos são fronteiras, porém não intransponíveis:

Há muitos modos de aprisionar o transbordamento do mundo; não queremos que a poesia seja mais um. Ela deve ser a palavra vigorosa diante de todo arbítrio classificatório, a pulsação discursiva que não se pode catalogar senão nas margens. Por isso, a poesia representa a fulguração da desordem, o ‘mau caminho’ do bom senso, o sangramento inestancável do corpo da linguagem, não prometendo nada além de rituais para deus nenhum.²⁶⁷

É o que ocorre, por exemplo, com o poema de Luisa Cristina dos Santos que, ao mesclar à poesia visual certa dose de lirismo, propõe a mistura de signos e linguagens, valorizando a palavra como um organismo:

TERIA QUE SER POETA
PARA POETAR
PENTE
DE NTEM

268

²⁶⁶ HOLLANDA, Heloísa B. **Esses Poetas: uma Antologia dos anos 90**. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 11.

²⁶⁷ SECCHIN, A. C. “Poesia e Desordem”. In: _____. **Poesia e Desordem**, escritos sobre poesia & alguma prosa. - Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 18.

²⁶⁸ RAMOS, Luisa C. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 80.

Ou no poema de Wladir Fellipe apoiado na escrita automática, nas imagens surreais, no jogo com as tipologias e no encadeamento de assuntos diversos, em :

DenTRÍficiANÁLISE

NON-senSE LIBERTO, FRUTO DE alcatÉIAS, louco por SI DIAnte de estátuas SALgadas de UM MUNdo apaixonADO. Salatando abisMOS ENTUPIDOs de eletroDOMÉsticos e pessoAS Gritando entre As MÁqui-nas “viva AS DEUsas do Brasil, VIVA as deusas DO braSil”. E o meu pé dentro da cabeça solUCIONA meuS eniGMÁTicos testículos silVÍco-LAS NUMA paranÓIA neurônica QUE VIRa festividade político-sócio-místiCO-RELIGIOsA QUE TE AMA idolATRANdo teus cabELOS CA-CHOEIra jorrANdo do céreBRo sentimentAL Que descreve analítica-mente O IMpeNSável.

Pé de pinhão anestésico deiTAdo na galáxia NEUTra!²⁶⁹

Helder Luis Rodrigues traz no conjunto selecionado um pouco da tendência da época, a mistura de estilos, a mescla de poéticas e concepções de poesia, pois apresenta poemas influenciados pela linha visual e também pela linha da poesia do fragmento, mais afeita ao verso discursivo e à exposição lírica, além da temática sobre o fazer poético:

E	quando ando
QUE	passeio poesia
TODA	rima na frente
POESIA	verso pulando
SEJA	verso horizonte
VERTICAL	rima no peito
OU	sonho poesia
ENTÃO	quando deito
QUE	
TODO VERSO SEJA HORIZONTAL ²⁷⁰	

Outro autor, Rollo de Resende, já premiado em outras edições do Concurso, trilha também pela poesia discursiva, neorretórica, ainda que a linha que mais se “enquadre” seja a do fragmento. Neste poema, aproveita-se das cidades imaginárias para cantar de maneira lírica a mudança e seus lastros:

²⁶⁹ FELLIPE, Waldir. Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 140.

²⁷⁰ RODRIGUES, Helder L. IV Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 57.

O deserto de sinais

estamos voltando para grifolux.
miriápolis não dava mais.
juntamos nossas coisas
e atravessaremos o deserto
de sinais.
é verdade, aprendemos muitas canções
em miriápolis.
mas quase esquecemos como lateja
o vivificante sol de grifolux.
deixamos convivendo no cercadinho:
brutos e mansos de coração
vales e montanhas,
relicários e estantes de tábuas
e tijolos,
claridade e a escuridão.
como quando
dentro da noite do espírito
pingasse uma gota de bem-aventurança.
viver esta sede
era o que nos possibilitava
ao meio-dia
ouvirmos noturnos de chopin,
com alguns amigos escrever
o guia do amor descomplicado,
permitir à vida que nos comovesse
enquanto assava-se pão
para toda a semana.
agora chovesse sobre miriápolis
tamborilando em vasos e latas no quintal
enquanto nos distanciávamos
indo para grifolux
onde sobretudo sabíamos florescer
o jardim de si.²⁷¹

Rollo também possui poemas fragmentados que tentam refletir sobre a linguagem e seu devir, sobre os elementos necessários à composição, ou mesmo, sobre o impasse do artista no momento da criação:

preciso de um calendário
 uma caderneta
comprar sal grosso
 linha branca
encontrar pelo chão
 clips
 botões
lascas de unhas

²⁷¹ RESENDE, Reginaldo "Rollo" de. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 83.

fios de cabelo
 para que a poesia
 arma zen
 aconteça²⁷²

Fundindo, dessa forma, a metapoesia e o fragmento, de maneira lírica, num inventário de coisas que remete ao uso de substantivos sem pontuação à maneira de Mário de Andrade, na primeira fase do Modernismo Brasileiro.

6.3 MAPEAMENTO POÉTICO

Na introdução foram propostas algumas questões que nortearam este trabalho. Neste tópico acrescentarei algumas considerações que lhes dizem respeito:

a) Que concepções de poesia predominam no Concurso e em que medida destoa ou não da poesia feita na década de 1990 em outros estados?

As concepções predominantes são as expostas na Cartografia demarcada anteriormente, no capítulo 6, no qual aparecem com maior relevo os *territórios* da poesia do fragmento, da poesia epigramática, da poesia neorretórica, do poema sobre o fazer poético, da poesia visual, além da possível e salutar mistura de estilos, esta a “marca” maior da época.

Quanto ao diálogo com outros estados, a poesia praticada em solo paranaense representa um acontecimento estético-cultural que encontra eco ao longo do Brasil, como intentei expor no capítulo 4, na forma de cotejo.

Outro exemplo são os diversos Concursos de poesia realizados no país, como o Concurso Nacional de Poesia Cruz e Sousa, realizado em Florianópolis; o Concurso Nacional Helio Pinto Ferreira, realizado em São José dos Campos. Nestes eventos, é possível encontrar autores também selecionados no Concurso Helena Kolody, como Márcio Claudino, David José Passerino e Helder Louis Rodrigues.

Além disso, em outras regiões a poesia 1990 está presente como é o caso das

²⁷² RESENDE, Reginaldo “Rollo” de. V Concurso Helena Kolody de Poesia. **Os Poetas: antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 87.

publicações realizadas em Belo Horizonte, em 1994, intituladas *Temporada de Poesia – BH 94*. Estas publicações surgiram como parte de um projeto político-cultural do governo Frente BH Popular que intentou resgatar a “experiência do século” da cidade, valorizando o resgate da cultura de Belo Horizonte ao longo do século XX. Intenções políticas à parte, a ação propiciou a publicação de dez fascículos de poesia, dentre os quais quatro dialogam diretamente com as concepções de poesia expostas neste trabalho. São os seguintes:

- a) Poesia Marginal. Hai-Kais;
- b) Poesia. Corpo. Cotidiano;
- c) Poesia e Experiência Visual;
- d) Verso. Poética. Tradução.

Nos fascículos citados são apresentados poemas de diversos autores com a intenção de formar um *paideuma*. Na apresentação do fascículo que inaugura a coleção, aparecem como norteadores dois critérios: o interpretativo e o arqueológico. Quanto ao interpretativo, a justificativa é que:

Os poetas serão incluídos: a) por sua capacidade de, ao mesmo tempo, fundar novas linguagens e dialogar com a poesia inovadora do passado, ou b) por sua maestria, ou seja, sua capacidade de combinar e utilizar processos poéticos tão bem ou melhor que seus inventores.²⁷³

Adiante, menciona-se a intenção de trazer à tona “a trajetória invisível da cidade e de ter alguma ação ainda sobre a conjuntura poética contemporânea”²⁷⁴, ou seja, como o Concurso Helena Kolody, *mutatis mutandis*, percebe a tentativa de valorização e valoração da poesia que está sendo feita naquele período, no intuito de torná-la conhecida do público em geral, “com o objetivo de resgatar vozes e versos silenciados”²⁷⁵.

²⁷³ **Temporada de Poesia BH 94**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. Fascículo 1. p. 9.

²⁷⁴ *Idem*.

²⁷⁵ *Ibid.*, p. 11.

Em termos gerais, pode-se dizer que há muita produção de poesia ao longo da década, porém pouca é a divulgação da amplidão deste acontecimento.

b) Qual a representatividade desta poesia em termos de inovação, ou mesmo, continuidade dos paradigmas estéticos do Modernismo Brasileiro?

Em termos de inovação propriamente dita a hipótese não pôde ser respondida, pois não há um tipo de poesia que represente algo ainda não conhecido em termos poéticos. Os poemas aqui apresentados são consequência do legado do Modernismo e da característica de mistura que define a poesia 1990. Assim, encontram-se casos em que há experimentações, porém a partir de conquistas e experiências já realizadas pelos diversos poetas que compuseram ao longo do século XX. A representatividade está mais em relação à temática, se pensarmos na maneira como cada autor rearranja os velhos e mesmos temas. Nesta perspectiva, a poesia de Rollo de Resende possui bastante originalidade justamente por tratar do homossexualismo de maneira lírica e não panfletária.

c) Que importância tem esta poesia para o Paraná e, em especial, para Curitiba?

Esta poesia, ainda que mínima, representou o Paraná perante a crítica, formou novos poetas por meio do exemplo literário, significou “poder” para seus ganhadores e, em certo sentido, manteve a poesia paranaense no quadro cultural da época. Pensar sua importância para a poesia paranaense é, em certo sentido, ver que ela não ocorre isoladamente, pois é consequência da poesia realizada nas décadas anteriores no Estado. Muito do que hoje se publica no Paraná, possui relação com esta “tradição” que cada vez mais ganha corpo no estado, inclusive a realização de concursos.

d) O relevo dado aos ganhadores no plano simbólico é um reconhecimento efetivo da sua capacidade artística ou é mais uma marca do provincianismo bairrista que precisa constantemente fabricar seus autores e dar-lhes uma amplidão que não possuem?

Analisar o Concurso ao longo de sua realização é vê-lo mudar em relação a

alguns aspectos. Primeiramente predomina o ecletismo na escolha dos poemas de modo que convivem vários tipos, muitos até antagônicos. À medida que o Concurso ganha expressividade e salta aos olhos da população muda o estilo dos participantes e os poemas enviados, bem como os critérios de seleção. Pode dizer que até o acabamento editorial é outro, tornando-se mais aprimorado e apresentável.

Quanto à dimensão dada aos autores, convivem ao longo das seis edições poetas com diferentes maturidades no que diz respeito ao fazer poético. Mesmo que haja certa edulcoração de alguns, no todo esta marca é quase imperceptível, pois a poesia paranaense continua pouco conhecida dos paranaenses e pouco difundida, apesar de sua relativa abrangência em relação às outras décadas. Veja-se, por exemplo, a pouca quantidade de estudos acadêmicos sobre estes poetas e a relevância de suas obras.

e) Que frutos esta poesia germina nas gerações que a sucedem?

A maioria dos poetas que continuam demarcando espaços no território da poesia estadual, já teve participação efetiva no Concurso, seja por meio da leitura das *Antologias*, ou mesmo, pela participação e conseqüente classificação. Outra marca é a realização do Concurso até os dias atuais em que autores paranaenses não presentes nas edições estaduais passaram a ser selecionados, como Rodrigo Madeira, Ricardo Pedrosa Alves e Caibar Magalhães.

Atualmente há o dobro de poetas do que havia na década de 1990 e muitos foram influenciados pelos poetas presentes nas *Antologias*. Tal influência ocorreu de maneira direta por meio de oficinas, palestras ou recitais, ou mesmo, indireta através do contato proporcionado via jornais, revistas, pesquisas e estudos acadêmicos.

f) Por último, mas com igual importância, trata-se de poesia à luz do que se entende por poesia?

Trabalhar com juízo de valor é bastante arriscado, mas fica claro que comissões mais acadêmicas escolheram poemas mais “acadêmicos”, de modo que não se pode negar que a representatividade literária existe em alguns casos.

Antoine Compagnon, no livro “O Demônio da Teoria”, ao tratar do valor em literatura afirma que “na sua maioria, os poemas são ruins, mas são poemas”²⁷⁶, apoiado principalmente nas concepções do filósofo Nelson Goodman sobre arte. Afirma ainda que:

A grande maioria dos poemas é medíocre, quase todos os romances são bons para serem esquecidos, mas nem por isso deixam de ser poemas, deixam de ser romances. [...] A avaliação racional de um poema pressupõe uma norma, isto é, uma definição da natureza e da função da literatura – acentuando-se, por exemplo, seu conteúdo ou, então, sua forma -, que a obra considerada realiza de maneira mais ou menos apropriada.²⁷⁷

De certa maneira, não é diversa a análise em relação à poesia presente nas *Antologias* do Concurso Helena Kolody. Dar a todo o rol de autores classificados e seus poemas o “estatuto” de grande poesia seria arriscado demais. Todavia confiar em “estatutos” também não me parece estar na “ordem do dia” quanto ao que postulam a Crítica e a Teoria Literárias. O esforço na objetivação do estético revela-se menos importante e infundado:

O Belo é, pois, secundário não primário: confundindo-se o efeito com a causa, esse é o nome que se dá a um sentimento de prazer desinteressado (à sua objetivação ou sua racionalização). Essa profunda revolução desloca o estético do objeto para o sujeito: a estética não é mais a ciência do belo, mas a da apreciação estética, como já afirmava a sabedoria popular e como dizia um provérbio inglês: *Beauty is in the eye of the beholder* (‘A beleza está nos olhos do expectador’).²⁷⁸

Diante disso, uma vez demarcadas as provisórias “fronteiras” da poesia presente nas *Antologias*, importa mais do que valorá-las, atentar para a sua significação no cenário artístico local de modo a perceber como influenciam na dinâmica cultural paranaense, dando-lhe vigor e significado. Não que também não existam grandes poetas. Até aqui o intuito em demarcar territórios foi pensado também com o cuidado de expor autores que mostrassem certa relevância no “lugar” que ocupavam esteticamente. Também, acredito, há autores que mereçam um estudo mais

²⁷⁶ COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 223.

²⁷⁷ *Idem*.

²⁷⁸ COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 227.

aprofundado, como é o caso de Rollo de Resende, cuja obra ainda carece de maior leitura e apreço, uma vez que se mostra presente em vários dos “territórios” expostos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Concurso Helena Kolody é uma forma de “cânone” em termos locais e regionais, de modo que sua realização entre 1990-1996 foi uma das principais formas de divulgação da poesia paranaense realizada na década de 1990. Muito do que se realiza no século XXI – em Curitiba, principalmente – decorre do Concurso, por exemplo, os autores que passaram a publicar nas décadas seguintes e em outros concursos, como exposto no capítulo 5, As Consequências do Concurso.

Ao consultar a biografia dos autores selecionados, vê-se também que o Concurso foi em certo sentido uma “escola” para se testar e se aprender o manejo poético, pois muitos dos que “ganharam o Kolody” seguiram escrevendo e a ele fizeram menção: o poeta Márcio Claudino é um exemplo. Há casos, por outro lado, de autores que só existiram no Kolody, como a grande vencedora Rita Slomp, que só trouxe seus poemas ao público por meio das *Antologias*.

Desse modo, por mais que esteja atrelado a um organismo estatal, o Concurso Helena Kolody propiciou e oportunizou a prática da poesia no Estado, incentivo que influenciou na produção de poesia na década. Por tudo isso, o Concurso é um regulador da prática poética no Estado e ao lado de outros mecanismos, como os jornais, as revistas especializadas, as oficinas, os recitais e demais publicações de poesia, influenciou diretamente na aculturação paranaense acerca do que se entende por poetas e poemas. Em termos de Paraná, mais precisamente Curitiba, o número considerável de autores, edições, performances e recitais decorre diretamente da poesia 1990, que está registrada em parte no Concurso Helena Kolody, em forma de *Antologias*.

Este trabalho intentou demarcar as principais linhas e tendências presentes nestas *Antologias* ao propor uma análise dos poemas selecionados, optando por uns em detrimento de outros. Não foi possível também deixar de perceber neste estudo que a “poesia paranaense” possui certa marginalidade no que diz respeito a sua apreciação e reconhecimento, outra descoberta surgida da análise de poemas que propiciam o diálogo com poemas feitos em outras regiões, principalmente Rio e São Paulo.

Em termos estéticos, é visível que o Concurso surge sob o tom do ecletismo para se tornar, à medida que é realizado, num certame com maior rigor estético, seja

dos participantes, seja da comissão julgadora. Nesse sentido, o Concurso em muito se parece com a comissão que o julga, ou seja, com o senso estético que ela possui. Assim a IV *Antologia* está muito mais próxima da concepção de poesia veiculada nos meios acadêmicos do que a primeira ou a segunda. Percebe-se, também, que a época prima pelas linhas demarcadas por teóricos como Benedito Nunes e Heloísa Buarque de Hollanda, principalmente; afinal o tipo de poesia que predomina é muito semelhante àquele definido pelos respectivos estudiosos em trabalhos sobre o assunto.

O que, entretanto, torna-se relevante e digno de uma futura pesquisa é o fato de que os “territórios” demarcados nesta dissertação se fazem perceber em outros locais também à margem dos “centros” hegemônicos de poesia. Ao travar contato com as antologias publicadas em Belo Horizonte, em 1994, *Temporada de Poesia BH 94*, há exemplos locais de um acontecimento maior que é esta confluência de estilos e tendências e o surgimento de novas vozes que marcam a poesia 1990. Entretanto, parece que é preciso dar espaço a estas vozes por meio de estudos acadêmicos a fim de que se possa de maneira mais ampla dimensionar de quais “territórios” se faz a poesia 1990 e sua respectiva relevância.

Ana Caetano e Carlos Augusto Novais mencionam na apresentação do Fascículo 1, da Antologia *Temporada de Poesia BH 94*, que

De tempo em tempo, urge submergir e emergir de volta, trazendo a estrutura vértebra da poesia e expô-la e usá-la aos olhos da vida cotidiana. Nessa hora, neste vir à tona, a poesia se reconhece, se representa, se reeduca/educa. [...] De que matéria, ou de quais matérias, se faz poesia? Qual o tempo e de quem a poesia é contemporânea?²⁷⁹

A citação acima é sucinta, mas reveladora: há muitos poemas sendo escritos na década de 1990 e certamente alguns vencerão o tempo, de modo que a máxima poundiana – literatura é novidade que permanece novidade – possa lhes fazer jus.

Enquanto isso, cabe deixar esta análise em aberto e esperar que outros estudos venham lhe ampliar o sentido, revê-lo ou negá-lo. Como afirma Rilke, “esforce-se por amar as próprias dúvidas, como se cada uma delas fosse um quarto fechado, um

²⁷⁹ **Temporada de Poesia BH 94**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. Fascículo 1. p. 7.

livro escrito em idioma estrangeiro. [...] No momento, viva apenas as suas interrogações.”²⁸⁰

Por fim, entende-se que os poemas presentes nas Antologias advindas da realização do Concurso permitem a exegese poética e a leitura de poesia, ambos fundamentais para a reflexão acerca da cultura neste e em outros tempos. Acredito, ainda, que o simples fato de sua realização, já seja algo digno de menção, nesse mundo tão alheio à poesia.

²⁸⁰ RILKE, Rainer M., **Cartas a um Jovem Poeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994. p. 108.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Livros

- ALVIM, Francisco. **Elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ATTRIDGE, Derek.(org.). **Acts of literature**. Nova York, Londres: Routledge, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. São Paulo: Abril, 1979. 354 p.
- BAPTISTA, Josely V. **Ar**. 1ª ed. Curitiba: FCC/Illuminuras, 1991.
- _____. **Musa Paradisiaca**: antologia da página de cultura (1995-2000). Paraná: Mirabilia, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. O significado da arte. In: **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. São Paulo: Cosac&Naify, 2007. 216 p.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BOSI, Alfredo. **Leitura de Poesia**. São Paulo: Ática, 2001. 240 p.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUENO, Wilson. *Pequeno Tratado de Brinquedos*. 1ª ed. Curitiba: FCC; Illuminuras: São Paulo, 1996. 80 p.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 1ºvol. 8ª ed - Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FONTELA, Orides. **Trevo, 1969-1988**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAMBURGUER, Michael. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOLLANDA, Heloísa B. **Esses Poetas: Uma Antologia dos anos 90**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. 320 p.

_____. **26 Poetas Hoje**. 4ªed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

JUNQUEIRA, I. **Poemas Reunidos**. Editora Record: São Paulo, 1999.

KOLODY, Helena. **Sempre Poesia**. Antologia poética. Curitiba: Livrarias Curitiba,1994. 160 p.

LEMINSKI, Paulo. "O boom da poesia fácil". In:_____. **Anseios Crípticos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

_____. **La Vie em Close**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA, Marcelo. **Sobre galhos, esqueletos**. Curitiba: Aos quatro Ventos, 1999. 152 p.

LOPES, Nivaldo. **Ultimamente tenho andado meio corcunda**. 1ª ed. Curitiba: Ócios do Ofício, 1997.

MAIAKOWSKI, Vladimir. **Poética: como fazer versos**. 5ª Ed. São Paulo: Global, 1991.

MENEZES, Philadelfo. **Poética e Visualidade**. Uma trajetória da poesia brasileira contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

MIGUEL, Adilson. **Traçados Diversos: uma antologia da poesia contemporânea / (org.) Adilson Miguel**. São Paulo: Scipione, 2008. 200 p.

NANCY, Jean. **Résistance de la poésie**. Paris: Willian Blake e CO, 2004.

NUNES, Benedito. **Clave do Poético**. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Anelito de. **Fenda (16 poetas vivos)**. Belo Horizonte: Orobó, 2002.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba: o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000. 201 p.

OS POETAS: **Antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____. **II Antologia de poetas contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991.

_____. **III Antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

_____. **IV Antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

_____. **V Antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

_____. **VI Antologia de poetas contemporâneos do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1995.

PEDROSA, Célia. **Mais Poesia Hoje.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2000. 200 p.

PINTO, Manuel da Costa. **Antologia da Poesia Brasileira do Século XXI.** São Paulo: Publifolha, 2006. 384 p.

PILAR, Batista de. **A Nona Cartada.** Curitiba: Imprensa Oficial, 1998. 90 p.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura.** 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRADO, Marcos. **O livro de poemas de Marcos Prado.** Curitiba: FCC; São Paulo: Iluminuras, 1996.

QUINTANA, Mário. **80 anos de poesia.** 13ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

RESENDE, Rollo de. **Água Mineral.** 1ª ed. Curitiba: FCC/ Lei de Incentivo à Cultura, 1995.

RILKE, Rainer M., **Cartas a um Jovem Poeta.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

SAMWAYS, M. B. **Introdução à Literatura Paranaense.** Curitiba: HDV livros, 1988.

SECCHIN, A. C. **Poesia e Desordem, escritos sobre poesia & alguma prosa.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

SIMON, Iumna M. **Poesia Concreta.** Seleção, notas e estudo por Iumna Maria Simon. São Paulo: Abril Educação, 1982.

SISCAR, Marcos. **Poesia e Crise.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. 400 p.

TEMPORADA DE POESIA BH 94. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

WOJCIECHOWSKI, Thadeu. **Os Catalépticos.** Curitiba: Lagarto Editores, 1991.

_____. **Um Fausto**. Curitiba: Lagarto Editores, 1994.

X ANTOLOGIA POÉTICA HÉLIO PINTO FERREIRA. São José dos Campos: FCCR, 1995.

XI ANTOLOGIA POÉTICA HÉLIO PINTO FERREIRA. São José dos Campos: FCCR, 1996.

2) Periódicos

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. XI Congresso da ABRALIC – Tessituras , interações, convergências. USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

JORNAL ESTADO DO PARANÁ, Caderno Almanaque, 10/06/1990.

MIGNOLO, Walter. Las geopolíticas Del conocimiento y colonialidad del poder. **Revista on-line de La Universidad Bolivariana de Chile**, v.1, nº 4, 2003.

PAES, José P. Nós num começo de vida. **Nicolau**. Curitiba, 29 jun.1988.

TREVISAN, Dalton. Oh! As Idéias da Província. **Joaquim**. Curitiba, nº1, abril de 1946.

3) Outras Mídias

HOLLANDA, Heloisa B. de. **Entrevista para o Jornal Tribuna do Norte**. Disponível em: < <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevistas>>. Acesso em: 22/09/2011.

_____. **Entrevista para Carlos Willian Leite**. Disponível em: < <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevistas>>. Acesso em: 22/09/2011.

SANTANA, Ivan J. **Centenário do Príncipe dos Poetas Paranaenses**. Disponível em: <<http://curitibaneando.wordpress.com/2011/08/20/centenario-do-principe-dos-poetas-paranaenses/>> Acesso em: 22/09/2011. Entrevista realizada por Bárbara Kirchner.

SANT'ANNA, Afonso R. de. **Poemas de Afonso Romano de Sant'Anna**. Cd de poesia falada, nº 20.

APÊNDICE

Galeria dos vencedores 90-96 (a partir da 1ª classificação do autor)

5 classificações:

- Rita Slomp (90-91-93-94-95)

4 classificações:

- Marcelo Brum Lemos (90-92-93-95)

- Paulo Roberto Valim (91-92-93-95)

- Jane Sprenger Bodnar (91-93-94-95)

- Reginaldo Rollo de Resende (91-93-94-95)

3 classificações:

Luis Alberto Pena Kuchenbecker (90-91-92)

Róbison Benedito Chagas (90-93-94)

Luisa Cristina dos Santos (91-93-95)

Helder Louis Rodrigues (92-93-95)

Nivaldo Lopes (93-94-95)

2 classificações

Carla Berwig (90-91)

Edu Hoffmann (90-95)

Jaime Vieira (91-92)

José Dinalberto de Oliveira (91-93)

Carlos Novaes (92-94)

Almir Correia (93-94)

David José Passerino (93-94)

Odair da Costa Moreira (93-94)

Antonio Donizetti da Cruz (93-95)

Flavia Frantz (93-95)

Rodrigo Garcia Lopes (94-95)